

Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

**Sexualidade e Exclusão na Construção da Subjetividade
Feminina: um Estudo de Caso**

Jordana Carmo de Sousa

Goiânia
Mai de 2008

Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

**Sexualidade e Exclusão na Construção da Subjetividade
Feminina: um Estudo de Caso**

Jordana Carmo de Sousa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Teles Freire Campos.

Goiânia
Maio de 2008

Dedico este trabalho a minha mãe,
um exemplo de mulher, mãe e
guerreira.

Agradecimentos

Ao meu pai pelo amor e pelo constante apoio.

A minha avó Enoe por sempre ser tão carinhosa e pela força que transmite a todos.

A Dra. Denise Teles Freire Campos pela orientação segura, pela confiança e por acreditar em mim.

Ao Dr. Pedro Humberto Farias Campos pelo acompanhamento ao longo deste trabalho. Pela disponibilidade, compreensão e por compartilhar seu conhecimento.

Ao professor Fábio Jesus Miranda pelas considerações na qualificação muito importante para a conclusão do trabalho.

Ao professor José Newton Garcia de Araújo por aceitar participar da banca e pelas considerações importantes a respeito do trabalho.

Aos companheiros de mestrado Lúcia, Flávia e Danilo pelas discussões e convivência durante o curso.

A minhas irmãs Mirella e Thaisa pela paciência e apoio.

Aos meus tios, primos e amigos em especial Cristina, Andréa, Aline, Marco Aurélio, Ludmila, Ruy César, Keila, Douglas e Jihanne pela presença e apoio fundamental na conclusão deste trabalho.

A Gilmara e Luzia pela compreensão e pelo apoio.

Aos amigos do Laboratório de Psicanálise em especial Thyago e Suraia pelas importantes contribuições em vários momentos.

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo entender a subjetividade da mulher face à construção de sua identidade sexual, no contexto de uma condição de vida marcada pela exclusão. A perspectiva adotada foi a perspectiva clínica, no sentido da escuta do sofrimento psíquico associado a condição feminina e de exclusão. Para tal foi realizado um estudo de caso, cuja perspectiva metodológica foi qualitativa, com entrevista do tipo clínica visando o aprofundamento do tema e interpretativo, conforme prevê o uso do método psicanalítico para pesquisa. A análise da entrevista nos permite pensar que a situação de exclusão do sujeito é tão profunda que atinge a autonomia do mesmo na flexibilidade de seu próprio desejo. No caso estudado, não se pode pensar que as condições de exclusão dificultam ou impedem a realização dos desejos. Para um processo interno e primário, associado às condições de vida, parece destituir o sujeito de possibilidades mesmas de se constituir como sujeito de seus desejos e projeto de identidade. Neste trabalho a identidade é vista como uma “tarefa” em aberto para o homem moderno, de qual a construção de identidade sexual é um dos aspectos centrais. Desde Freud a sexualidade feminina, ou seja, o desenvolvimento libidinal na mulher é objeto de grandes controvérsias teóricas, que indicam a necessidade de se compreender este fenômeno de modo mais aprofundado. A este contexto articula-se a noção de exclusão, não como sinônimo de pobreza, mas como conjunto de processos objetivos e simbólicos que têm por resultado a perda da autonomia. Enfim, as noções de “família nuclear”, “amor romântico” e “amor relacionamento” são empregados para contribuir na compreensão da subjetividade feminina.

Palavras chaves: Identidade feminina, sexualidade, mulher, exclusão social, família nuclear e amor romântico.

Abstract

The present work searched to understand the feminine identity and to investigate the sexual life of an adult woman, as it deals and which the impact that a situation of social exclusion influences in its sexuality and main in its identity. The psicanalitic vision was the base used for the understanding of the material collected in the interview, what it points with respect to a inadequaded and the lack of an autonomy of the feminine identity and the place of the proper sexuality, what causes an exclusion the direction of "being woman" in a society where they are considered inferior and that it only has little time this left of being submiss to the man, conquering its right the diverse aspects politicians, social and cultural.

In the second moment not of poverty, but for living less in a community favored what it takes it the lack of possibilities of the proper citizen of not consisting internally and not to have conditions to change this picture. Inside to the device of psicanalitic listening the present work is about a case study where an interview of the clinical type was carried through where the speech of the citizen was marked by the emotional instability, affective insatisfaction and difficulty with regard to proper autonomy to deal with its identity and its sexuality. The identity of the woman through such information is molded to take care of to a system of familiar and social domination. The fear, the unreliability, the shame, in turn, extravasm to the sexual one for the performance in the social one, in a system of constant feedback. In this context we insert the woman and its search, through the time, of a feminine identity. E this search modifies, takes to a transformation with regard to notion of nuclear family and romantic love. It is certain that of this form it looks for in a way if to adjust in the society and life in an acceptable way I obtain same.

Key Words: feminine identity, sexuality woman, social exclusion, nuclear family and romantic love.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	i
AGRADECIMENTOS.....	ii
RESUMO.....	III
ABSTRACT	iv
SUMÁRIO.....	v
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I:O FEMININO FACE À EXCLUSÃO SOCIAL E À IDENTIDADE..	13
1.1. Exclusão: um Conceito para Além da Pobreza	13
1.2. Discriminação Contra a Mulher	22
1.3. A Questão da Identidade na Atualidade.....	29
1.3.1. O Desenvolvimento Libidinal Feminino	32
<i>Os processos de Identificação no Desenvolvimento Libidinal Feminino.....</i>	<i>42</i>
CAPÍTULO II: A FAMÍLIA NUCLEAR E O AMOR ROMÂNTICO.....	50
2.1. A Família Nuclear e o Amor Romântico: declínio do patriarcado	50
2.2. As Transformações da Intimidade e o “Amor Relacionamento”	58
CAPÍTULO III: A IDENTIDADE FEMININA FACE À VIDA SEXUAL E A	
EXCLUSÃO: UM ESTUDO CLÍNICO.....	66
3.1. Percurso Clínico.....	66
3.2. Estudo de Caso: A História de uma Sexualidade sem Autonomia	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
ANEXO (ENTREVISTA).....	100

Introdução

O presente trabalho pretende desenvolver a temática da sexualidade e da exclusão da mulher. E Tem como origem em uma ação de extensão comunitária, na qual um grupo de graduandos e recém-formados em psicologia realizou atendimentos grupais e individuais em um bairro de Goiânia, sob a supervisão da Dra. Denise Teles Freire Campos, orientadora deste atual trabalho.

Na extensão comunitária, foram atendidas mulheres e crianças acompanhadas por suas mães que vieram em busca de um espaço para falar de si mesmas, de sentimentos e de vida.

De imediato, a questão da sexualidade feminina ocupou o lugar central dos discursos e dos atendimentos. Embora não se possa fazer uma autêntica análise de todo o processo ocorrido, pois durou quase três anos, parece legítimo dizer que as falas sobre a sexualidade se mostravam como que entrecortadas com a insatisfação com o papel que a mulher desempenhava; sua submissão aos desejos e vontades dos homens, dificuldades na criação dos filhos e o enfrentamento com as condições extremamente desfavoráveis à vida.

O desenvolvimento desta ação de extensão universitária inspirou a articulação dos dois eixos centrais de interrogação: sexualidade e exclusão. Contudo, não se almeja aqui a uma mudança de perspectiva do clínico para o social, mas, ao contrário, interrogar o clínico, sem perder de vista o social.

Considerando que a separação entre realidade psíquica e realidade material, em Freud, é dinâmica, porque não dizer, dialética; não se pretende aqui optar pela solução simplista de dar explicações sociológicas ao sofrimento psíquico subjetivo.

Assim, o objetivo do presente trabalho foi levantar, conhecer e escutar o sofrimento psíquico feminino, no contexto de uma situação de exclusão onde a história da sociedade colocou desafios e barreiras à construção da identidade feminina e conseqüentemente contribui para um impacto alienante na subjetividade das mulheres. A alienação tem por referência o desejo e não a situação da classe social. O presente estudo adotou uma perspectiva clínica e exploratória. Como toda pesquisa clínica, ele opera no singular, abdicando de pretensões à generalização e não se fundamenta na quantificação e na comparação entre sujeitos. Por tal, a escolha da investigação leva a um recorte do tipo estudo de caso, sem que o caso específico seja visto, necessariamente, como exemplar paradigmático de nenhum outro. Dito de outro modo é face ao sofrimento de um sujeito, uma mulher, que as reflexões e análises se constroem, sem a pretensão de que o discurso da participante possa ser tomado como modelo da relação sexualidade e exclusão.

Metodologicamente, divide-se a dissertação em capítulos. Além do capítulo introdutório que busca relatar de forma sucinta a abrangência desta pesquisa e a relevância de se estudar o psíquico feminino no que tange à sexualidade e a exclusão, na intenção de descrever suas referências e sentimentos.

O primeiro capítulo é dedicado à discussão sobre a exclusão e a questão da identidade feminina na atualidade. Assim, a primeira parte deste capítulo, apresenta o conceito de exclusão, discutindo-o e distinguindo-o dos conceitos de marginalidade ou pobreza. Destaca, também, para o caráter complexo e multifacetado da exclusão, a qual apresentam dimensões sociais, políticas, econômicas e simbólicas.

A exclusão é um processo cujo sentido só pode ser encontrado na vida social, onde se constitui em torno de interesses que lutam para se impor como: interesses dominantes, normas de convivência e reguladores das relações sociais, culturais,

políticas e econômicas. Os principais aspectos em que a exclusão feminina se apresenta dizem respeito à falta de acesso ao emprego, a bens e serviços, e também à falta de segurança, justiça e cidadania. Neste tópico procurou-se também destacar o enfoque simbólico que distingue a exclusão, reforçando o interesse em se estudar as situações sociais de desigualdade e discriminação a partir deste conceito.

Na segunda parte do primeiro capítulo, retoma-se um quadro geral acerca da discriminação da mulher. Este quadro, ainda que breve, indica que, apesar de um inegável processo de feminização do mundo social, as condições históricas da exclusão estão longe de serem eliminadas. Na seqüência, e ainda no referido capítulo foi apresentada a questão da identidade como um dos imperativos da modernidade contemporânea. No tempo contemporâneo, indiscutivelmente, a busca da identidade tornou-se uma “tarefa”, isto é, a representação e construção do eu como sujeito único, se tornaram uma obrigação, uma referência incontornável de liberdade, felicidade e cidadania, tanto das relações interpessoais como intergrupais.

É inegável a contribuição da referência identitária neste momento em que indivíduos e coletividades estão redefinindo-se reciprocamente, em ritmo acelerado. A identidade resgata a individualidade como valor primordial e produz um exagero do espaço individual, juntamente com a carência de utopias e a desordem globalizada. Neste subitem, mostra-se como a identidade é valor fundamental da modernidade e tema recorrente nas análises dos problemas sociais, acrescentando também o desenvolvimento libidinal feminino. Deste modo, identidade feminina e sexualidade são apontados como duas faces de um mesmo processo, o de constituição da subjetividade em mulheres.

O segundo capítulo enfoca a formação da família burguesa e suas transformações, apontando para o eixo do relacionamento ou “amor” como um dos

pontos centrais na tarefa feminina na construção de uma identidade. Numa primeira fase, a família dita tradicional serviu, acima de tudo, para assegurar a transmissão de um patrimônio, com casamentos arranjados entre os pais, onde a vida sexual e afetiva dos futuros esposos não era levada em conta.

Nessa ótica, a célula familiar repousava em uma ordem do mundo imutável e inteiramente submetida a uma autoridade patriarcal. Numa segunda fase, a família moderna torna-se o receptáculo de uma lógica afetiva cujo modelo se impõe entre o final do século XVIII e meados do século XX. Fundada no amor romântico, ela sanciona a reciprocidade dos sentimentos e os desejos carnavais por intermédio do casamento.

Este período valoriza também a divisão do trabalho entre os esposos, a atribuição da autoridade torna-se então motivo de uma divisão incessante entre o Estado e os pais, de um lado, e entre os pais e as mães, de outro. Finalmente, na segunda metade do século XIX, impõe-se a família contemporânea – ou pós-moderna – que une, ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual.

O terceiro capítulo apresenta um estudo sobre o material trabalhado através do método psicanalítico quando foi realizada uma entrevista do tipo clínico, onde foi possível apreender no discurso do sujeito entrevistado, elementos significativos de como se organizam a identidade e a sexualidade feminina e se uma situação de exclusão influencia em seu desenvolvimento como sujeito.

As considerações que apontam para a falta ou inadequação de uma autonomia do próprio sujeito como ser social no mundo em que vive, pode lhe trazer uma insatisfação pessoal que acarretará mudanças em seu comportamento durante esse processo que pode influenciar na própria identidade e, conseqüentemente, na

sexualidade. Por estar inserido em um determinado contexto que não lhe garanta possibilidades de elevação do indivíduo sob a forma de sentimentos e ideal, este sujeito pode se tornar incapaz de adquirir forças para a mudança de seu próprio desejo, tornando-o um sujeito infeliz e acomodado, com relação à própria vida e com o seu mundo.

Capítulo I: O Feminino Face à Exclusão Social e à Identidade

1.1. Exclusão: Um Conceito para Além da Pobreza

A exclusão é um processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões sociais, políticas, econômicas e simbólicas, cujo sentido só pode ser encontrado na vida social, se constituindo em torno de interesses que lutam para se impor como interesses dominantes, como normas de convivência, como reguladores das relações sociais, culturais, políticas e econômicas. A discussão sobre exclusão social, de acordo com Dupas (1999), apareceu na Europa com o crescimento da pobreza urbana, e sua orientação varia de acordo com as conjunturas políticas e econômicas das sociedades. O termo exclusão social, de origem francesa, toma vulto a partir do livro *Les Exclus* (1974), de autoria de Lenoir, que define os excluídos como aqueles indivíduos concebidos como resíduos dos trinta anos gloriosos de desenvolvimento.

Segundo Nascimento (1996), seguindo a mesma perspectiva de compreensão ao analisar a crise econômica, publica escritos (1991, 1993 e 1994) que chamam a atenção para a ameaça à paz social. Segundo o autor, a exclusão social passa a ser vista como um processo presente, visível e que ameaça confinar grande parte da população em um *apartheid* informal, expressão que dá lugar ao termo “apartação social”.

A partir de 1980, os efeitos da exclusão despontam gerando desemprego prolongado e, de acordo com Castel (1998), os desqualificados do mercado passam a serem denominados de socialmente excluídos. A partir de então, este tema ganha centralidade nos meios acadêmicos e políticos.

Do ponto de vista de Vêras (2002), na utilização pelos cientistas sociais brasileiros de termos para designar esses fenômenos de iniquidades e desigualdades

sociais, verifica-se que a noção de exclusão social aparece na segunda metade dos anos 80, na mídia e também em trabalhos acadêmicos, acompanhando o movimento internacional. Os processos sociais excludentes estão presentes na nossa história desde os tempos coloniais até a República contemporânea e mesmo tratando-se de uma temática de grande atualidade, a exclusão fez-se presente desde o início do descobrimento do Brasil.

Nossa cultura vem excluindo, desde longa data, os índios e os camponeses no campo e, na cidade, migrantes, favelados, sem-teto etc. Assim, tem-se uma riqueza de episódios de dominação de vastos segmentos populacionais sem cidadania.

Há ainda vários trabalhos recentes sobre o tema da exclusão social nas áreas histórica, antropológica e sociológica enfocando assuntos correlatos como o impacto da globalização e das novas tecnologias, o desemprego, o subemprego, a discriminação étnica, os conflitos sociais e políticas públicas.

Tema presente na mídia, no discurso político e nos planos e programas governamentais, a noção de exclusão social tornou-se familiar no cotidiano das mais diferentes sociedades. Dentre as causas da exclusão Wanderley (2002), destacava o rápido e desordenado processo de urbanização, a inadaptação e uniformização do sistema escolar, o desenraizamento causado pela mobilidade profissional, as desigualdades de renda e de acesso aos serviços.

Acrescenta, ainda, que não se trata de um fenômeno marginal referido unicamente à área dos subproletários, mas de um processo em curso que atinge cada vez mais todas as camadas sociais.

De acordo com Dupas (1999), a exclusão, em sua essência, é multidimensional, manifesta-se de várias maneiras e atinge as sociedades de formas diferentes, sendo que os países pobres são afetados com maior profundidade. Os principais aspectos em que a

exclusão se apresenta referem-se à falta de acesso ao emprego, a bens e serviços, e também à falta de segurança, justiça e cidadania. Assim, observa-se que a exclusão se manifesta no mercado de trabalho, com o desemprego de longa duração, no acesso à moradia e aos serviços comunitários, a bens e serviços públicos, a terra, aos direitos etc. Ao enumerar várias categorias de excluídos, reúnem-se os idosos desprotegidos da legislação, os sem-terra, os analfabetos e as mulheres que apesar de excluídos como indivíduos, no espaço privado, devem levar apoio aos demais excluídos no âmbito da sociedade.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (2002) a exclusão social aumentou 11% no país, entre 1980 e 2000. Nessas duas décadas, o número de excluídos passou de 51 milhões (42,6% da população de 120 milhões de habitantes) para 80 milhões (47,3% da população de 170 milhões), e o aumento do desemprego e da violência são os principais fatores que contribuíram para o crescimento da exclusão social no País.

Campos (1999) relata que a noção de exclusão compreende fenômenos tão variados que pode-se perguntar até onde se justifica falar ou tratar de exclusão em geral, o que suporia juntar todos os processos que ela implica ou todas as formas que ela toma em uma mesma alternativa. Ainda conforme o autor até onde, é legítimo ligar a exclusão do racismo àquela do desemprego, por exemplo; ou qual a semelhança entre os conflitos internacionais e um estado de incapacidade física ou mental, ambos tidos como causas de exclusão.

Com efeito, a exclusão induz sempre uma organização específica de relações interpessoais ou intergrupos, de alguma forma material ou simbólica, através da qual ela se traduz no caso da segregação, através de um afastamento, da manutenção de uma distância topológica; no caso da marginalização, através da manutenção do indivíduo à

parte de um grupo, de uma instituição ou do corpo social; no caso da discriminação, através do fechamento do acesso a certos bens ou recursos, papéis ou status, ou através de um fechamento diferencial ou negativo.

Decorrendo de um estado estrutural ou conjuntural da organização social, ela inaugura um tipo específico de relação social. Sendo o resultado de procedimentos de tratamento social, ela se inscreverá em uma interação entre pessoas ou entre grupos.

Os excluídos não são simplesmente pessoas rejeitadas física, geográfica ou materialmente, não apenas no mercado e de suas trocas, mas de todas as riquezas espirituais, de valores não reconhecidos, ou seja, há também uma exclusão cultural. Há um conceito correlacionado intimamente à exclusão que é o de pobreza, mas esta, hoje, mudou de nome e de forma. Além de ter a privação de emprego, meios para participar do mercado de trabalho de consumo, bem-estar, direitos, liberdade, esperança e outros itens necessários à vida digna, a pobreza recebe, hoje, uma dimensão moral, não oferecendo mais alternativa e nem mesmo a possibilidade remota de ascensão social.

Campos (1999) afirma que, a noção de exclusão introduz a percepção de que existem processos, por meio dos quais grupos ou populações perdem a capacidade de participar da ordem da normalidade em uma determinada sociedade, os quais não podem ser explicados exclusivamente como produto mecânico das condições objetivas de vida.

Paugam (1993) considera a pobreza como sendo, de uma parte, produto de uma construção social e, de outra, problema de integração normativa e funcional de indivíduos que passam essencialmente pelo emprego. A desqualificação social aparece como o inverso da integração social, o Estado é então convocado a criar políticas indispensáveis à regulação do vínculo social, como garantia da coesão social.

O patamar de pobreza para Paugam (1996) seria: pobreza integrada que retém o sentido tradicional de pobreza, não indicando propriamente o que se chama de exclusão social; “seu nível de vida é baixo, mas permanece fortemente integrada em seus espaços sociais organizados em torno da família e do bairro ou da vila” (p.394).

A pobreza desqualificante é uma relação social para com os pobres e com os excluídos que gera uma angústia coletiva, pois cada vez mais pessoas são consideradas como pertencentes a estas categorias, e muitos, de situação instável, temem aí decair. Esta última se dirige claramente ao espectro da exclusão social, uma pobreza com condições precárias de vida é vista como ameaça à coesão social. Além do desemprego, há outras dimensões de precariedade econômica e social, instabilidade conjugal, vida social e familiar inadequadas, baixo nível de participação nas atividades sociais, em uma espiral viciosa de produção da exclusão.

Conforme Kliksberg (1993), a América Latina, de maneira geral, nos anos 90 produziu várias reflexões, não só na comunidade científica, sobre a pobreza – ou as novas formas de pobreza e de exclusão. Também entre os organismos e organizações internacionais este tema foi focado e o autor fala de uma compilação de autores latino-americanos e de demais nacionalidades, estimulados pelas Nações Unidas, que aborda a pobreza e formas de combate em diferentes modelos e propostas de intervenção e diferentes sistemas de seguridade social.

Parte da discussão deve-se, também, à conceituação deficiente de pobreza, que sempre foi, sobretudo pelos economistas, reduzida à alienação econômica. Demo (2003) aponta que a própria ONU (Organização das Nações Unidas), através do PNDU (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), tem evoluído no sentido de ressaltar os aspectos para além da mera carência material, por coerência com seu conceito de desenvolvimento como oportunidade; assim, para o autor, o maior

problema das populações pobres não é propriamente a fome, mas a falta de cidadania que os impede de se tornarem sujeitos de história própria, inclusive de ver que a fome é imposta.

Demo (2002), destaca que o debate da exclusão não repousa mais sobre a sociedade desigual, não porque as desigualdades tenham desaparecido, na verdade estão renovadas sob formas diversas, mas porque elas não são mais suficientes, por elas mesmas, para explicar os fenômenos da ruptura e da crise identitária que caracterizam o processo de exclusão. A vulnerabilidade dos salários, por exemplo, não resulta hoje exclusivamente de uma relação de situações incertas que se traduzem por uma angústia individual perante o risco de desocupação, uma implicação frágil na vida coletiva e por vezes uma perda progressiva da identidade.

A sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Todos estão inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico.

A dialética inclusão/exclusão produz subjetividades específicas que vão desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado. Essas subjetividades não podem ser explicadas unicamente pela determinação econômica, elas determinam e são determinadas por formas diferenciadas de legitimação social e individual.

Segundo Campos (2005), “a subjetividade é a resultante, em um dado momento, do esforço de produção da verdade (significado) de si, pelo sujeito, dentro da cultura. É a resultante do esforço de construção de significado à cerca do sujeito e da realidade, pelo sujeito. A práxis é responsável pela construção das subjetividades que se objetivam por meio de novas práticas”. Ainda segundo a autora, “a subjetividade apareceu então

como efeito ou função de reflexibilidade do homem moderno sobre si mesmo, sobre o que se pode genericamente chamar de eu. Esta reflexibilidade é mediada pelo desejo (como efeito do recalçamento, portanto do inconsciente) e da relação com o outro, que aparece no cotidiano sob a forma de reflexão sobre a identidade e suas âncoras grupais. Assim sendo, cada ser humano é a história de suas relações sociais”. Assim, mesmo os estudiosos da questão concluem que do ponto de vista epistemológico, o fenômeno da exclusão é tão vasto que é quase impossível delimitá-lo.

Sassier (1990), analisando o tema da pobreza dos séculos XVI ao XX, afirma que os pobres, antes de serem sujeitos de carne e osso, são para os políticos um tema ideal. Podemos nos permitir uma analogia entre a noção de excluído e o conceito de pobre. Sassier defende que, a exclusão é também um objeto mediático.

Assim sendo, em síntese, a exclusão é um processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas.

A pobreza contemporânea tem sido percebida como um fenômeno atingindo tanto os clássicos pobres (indigentes, subnutridos, analfabetos) quanto outros segmentos da população pauperizados pela precária inserção no mercado de trabalho (migrantes discriminados, por exemplo). Não é resultante apenas da ausência de renda; incluem-se aí outros fatores como o precário acesso aos serviços públicos e, especialmente, a ausência de poder. Nesta direção, o novo conceito de pobreza se associa ao da exclusão, vinculando-se às desigualdades existentes e, especialmente, à privação de poder de ação e representação e nesse sentido, exclusão social tem que ser pensada também a partir da questão da democracia.

De acordo com Demo (2003, p.195), tais estudos da pobreza, embora sejam sob a ótica da politicagem muito pobres, “possuem o mérito de que, mesmo à revelia, desmascaram a pobreza como mera carência de renda e põem o acento na desigualdade,

que, porém, difícil de mensurar, fica solta como vilã sem dono. Tais estudos são incapazes de questionar minimamente o sistema econômico como tal, assumindo no fundo que este tipo de mercado é a única referência possível”. São capazes de mostrar, pela exclusão, que o problema maior é a desigualdade social, vista como herança social, que vem excluindo parte significativa da população brasileira do acesso a condições mínimas de dignidade e cidadania.

A desigualdade coloca-se no contexto social, já que toda relação social, sendo dialética, complexa, não linear, ambígua, interpõe entre as pessoas linhas de força, campos de necessidade e repulsão mútua. Para surgir o problema da desigualdade é mister o contexto da igualdade e vice-versa e, sempre em sociedade ou na dinâmica da relação social, esta supõe desigualdade de e igualdade de relacionamento. Segundo Santos (1978), as condições existentes nesta ou naquela região determinam essa desigualdade pelos valores existentes de cada pessoa; tais distorções contribuem para que o homem passe, literalmente, a ser valorizado em função do lugar onde vive.

Ao pensar na situação do indivíduo, como um sujeito excluído, podemos considerar a situação da mulher na sociedade. Em muitos casos, a mulher é excluída pelo fato de ser mulher, considerada como frágil, submissa e incapaz de realizar certas atividades. A situação se agrava quando esta vive em comunidades de baixa renda, nas quais muitas mulheres não são devidamente valorizadas tendo que se satisfazerem cuidando somente da casa e dos filhos, não trabalhando fora do lar e não participando de várias atividades que a comunidade proporciona, impedindo que elas melhorem a sua auto-estima.

Segundo Balsa (2006, p.18), a “questão social nasce com a industrialização e a urbanização e os processos que as acompanham. Ela decorre de uma situação de pobreza generalizada das classes trabalhadoras, motivada, essencialmente pela

dificuldade de acesso ao mercado de trabalho e por uma desorganização das referências nos planos cultural e moral”. A questão social não resulta apenas da adição dos múltiplos problemas sociais que estas populações enfrentam, mas reside, ao mesmo tempo, numa falência geral dos mecanismos de socialização que põe em causa a participação social dos indivíduos.

As relações entre homens e mulheres, ao longo dos séculos, mantêm caráter excludente, pois são assimiladas de forma bipolarizada, designando à mulher a condição de inferior, sendo reproduzida pela maioria dos formadores de opinião e dos que ocupam as esferas de poder na sociedade.

Os dados indicam que, embora tenha havido um aumento da participação da mulher em atividades produtivas, ela continua sendo uma trabalhadora discriminada, ganhando em geral salários mais baixos que o homem, raramente ocupando postos de chefia e segregada em verdadeiras áreas ocupacionais. Além disso, suas possibilidades, enquanto trabalhadora, são, em grande parte, condicionadas por sua posição na família, fazendo dela a única responsável pelo bem-estar de todos os seus membros.

As classes menos favorecidas foram as mais prejudicadas no projeto de modernização das cidades no início do século XX e, atualmente, as famílias pobres continuam sobrevivendo em meio à miséria, muitas vezes sem a presença do pai.

No século XIX, as mulheres eram excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e, até mesmo impedidas, do acesso à educação superior; ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos ou senhores.

Hoje, nas sociedades modernas, as mulheres vivem e trabalham em ambientes públicos com muito mais frequência do que antes, e as divisões isoladas e desiguais que separavam os sexos foram substancialmente desfeitas.

1.2. Discriminação Contra a Mulher

A discriminação contra a mulher pode ser comprovada através do alto índice de violência doméstica (com um número assustador de mortes), independente de raça, cor, etnia, classe social ou escolaridade; a média salarial baixa, mesmo com maior formação; pouca ocupação de cargos de liderança e número elevado de mulheres chefes de família, entre outros. Pela nova função social da mulher, de se destacar e ir assumindo uma participação efetiva, e não apenas formal, na produção social ela adquire um conhecimento maior da própria sociedade em que vive e, assim, vai ganhando mais espaço e satisfazendo suas próprias necessidades adquirindo novas condições e uma nova visão das relações sociais, baseando-as na liberdade e na igualdade. Essas novas condições e visões se iniciam com a consciência de que é preciso eliminar ou transformar conceitos antigos sobre a mulher, o casamento, a família, as relações reais, ou até mesmo situações que devem ser superadas, onde a exigência de atualização representa uma reflexão sobre o que é realmente fundamental em cada um.

De acordo com Del Priore (1997), é fundamental que a mulher ocupe na sociedade uma função que é indispensável à sua estabilidade, à manutenção das coisas “como estão”, ou seja, a função de socializar e educar as crianças para cumprirem nesta sociedade papéis que delas se esperam, porque esta tarefa, além de não ser reconhecida

como um trabalho faz de seu mundo, o lar - um contraste flagrante com as transformações geográficas que ampliaram hoje o mundo humano aos limites do próprio planeta.

Mas a mulher comum é um ser social e histórico e, como tal, está envolvida na rede de relações sociais e situada em um determinado espaço/tempo histórico. Seu dia a dia é condicionado histórica e socialmente, em função do momento e da região em que vive e da própria classe ou posição social, que, conseqüentemente, influenciam os conflitos internos, as perplexidades, o medo, as inibições e ansiedades que, evidentemente, existem na mulher atual, que sofre de modo agudo as tensões e contradições que envolvem o acelerado processo histórico contemporâneo.

A mulher se encontra inserida no mundo moderno sob uma rede de relações múltiplas que não são equivalentes ou intercambiáveis, e isto se observa no trabalho social e doméstico, na sexualidade, na família e no cuidado com as crianças.

Segundo Barroso (1982), foi no início do século XIX, que a revolução industrial trouxe uma quebra importante à limitação feminina, pois com a automação caía o sempre usado argumento da inferioridade da mulher em termos de força física. Com a industrialização, a necessidade de mão-de-obra fez com que as mulheres passem a serem disputadas como trabalhadoras pelos empregadores.

No campo científico e técnico, toda uma série de descobertas tende a modificar fundamentalmente a situação da mulher: pelo sexo mantinha-se socialmente sua dominação pelo homem, que a transformava em mero objeto de prazer; pelo sexo, igualmente, mantinha-se sua subordinação à espécie: na complexão crescente que marca a escala animal, em termos de sexo, a espécie vai dominando cada vez menos e a vida individualizando-se cada vez mais.

No entanto, para a mulher, essa individualização era ainda bem menor que para o homem, porque nela mantinha sua garra, através de sua função reprodutora, em dominação exercida não só por si mesma, como através de todos os mecanismos a ela ligados (menstruação, puberdade, menopausa, gravidez, parto) afetando a todo o seu organismo, seu sistema nervoso e seu próprio psiquismo.

Os avanços da ciência nesse setor permitem hoje superar essa servidão biológica. No domínio crescente do homem sobre a natureza hoje é indispensável acrescentar o que já se obteve no campo da autonomia feminina, que atinge o máximo com a possibilidade de controle de natalidade. A ciência, na década de setenta, estabeleceu para a mulher, a desvinculação entre sexo e reprodução, fazendo do primeiro, uma escolha livre e individual.

Conforme Del Priore (1997), a participação social, o trabalho produtivo e assalariado para as mulheres e os progressos médicos e científicos permitiram controlar a função reprodutora da mulher, reduzir o número de filhos nas famílias e modificarem os esquemas da educação. A maternidade não ocupa mais a mulher com partos sucessivos e uma absorvedora criação dos filhos; está abrangendo apenas um período da vida da mulher (de seus 20 a 30 anos em geral), deixando-a mais livre, material e psicologicamente e exigindo-lhe menor gasto de energia.

A análise da participação do sexo feminino no mercado de trabalho, a partir de 1950, um período em que o Brasil assistiu a um rápido processo de industrialização e urbanização aceleradas, mostra que, se por um lado houve expansão nas oportunidades de emprego para o sexo feminino, de outra parte, essas oportunidades se limitaram a poucas ocupações. E, em geral, tratava-se de ocupações no setor de serviços, na maioria das vezes nos postos mais baixos da hierarquia ocupacional, onde as condições de trabalho, entre elas o salário, não eram as melhores.

Conforme Demo (2005, p.72), o trabalho doméstico continua muito desvalorizado, “mas é porta de entrada importante para a mulher que pretende vencer na vida. Pode, facilmente nesse trajeto tão difícil e arriscado, perder-se pelo caminho, não saindo mais da condição de ‘doméstica’, assim como da de mãe responsável sozinha por seu orçamento doméstico e filhos, pode facilmente sofrer marginalização tanto mais profunda, comprometendo o futuro da prole e sua própria realização como mulher”.

Com relação à escolaridade, existe uma relação positiva entre as taxas de participação e o nível educacional da mulher. Miranda (1979), mostra que as taxas de atividade da mulher são tanto mais elevadas quanto mais alto for seu nível de instrução. Verifica-se também a redução do diferencial da participação na força de trabalho entre mulheres casadas e solteiras, à medida que se elevam os índices educacionais. Se entre as universitárias os índices de participação na força de trabalho são quase idênticos para casadas e solteiras, o mesmo não ocorre com as analfabetas e com aquelas que têm curso primário e ensino fundamental incompleto. Este diferencial pode ser interpretado principalmente em função da condição de maternidade, isto é, a taxa de fecundidade, que varia de acordo com os extratos educacionais e, também, a possibilidade destas mulheres com sistemas alternativos de guarda e proteção da criança (empregada doméstica, creches, escolas pré-primárias).

Bruschini (1978) relata que, o efeito mais importante da segregação ou sexualização das ocupações, além de ser um fator limitador da participação da mulher na força de trabalho, ocasiona os diferenciais de salário e de status entre os trabalhadores masculinos e os femininos. A segregação ocupacional provoca o surgimento de um mercado de trabalho atual, que permite explicar as diferenças de salário entre homens e mulheres em termos da análise da oferta e da procura. À medida que a procura de mão-de-obra feminina se restringe ao pequeno número de empregos,

enquanto a oferta de mão-de-obra desse sexo é grande e tende a crescer, os salários das mulheres continuam a serem proporcionalmente menores que os dos homens, pelo fato de haver grande quantidade de mão-de-obra concentrada em pequeno número de “trabalhos de mulher”. Da mesma forma, esses trabalhos da mulher são os de menor prestígio, porque refletem a posição do sexo feminino na sociedade mais ampla.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (2002) aponta que:

no Brasil, 23 milhões de mulheres trabalham, mas ganham em média 43% menos que os homens, 13% sustentam sozinhas suas famílias, que estão entre as mais pobres do País. Uma mulher em cada cinco é chefe de família. O rendimento médio das mulheres que trabalham no Brasil é de 2,8 salários mínimos, contra 4,9 salários mínimos dos homens. Estima-se em um milhão e 400 mil o número de abortos por ano no país. Os métodos mais utilizados pelas brasileiras em virtude da falta de opções são a pílula e a esterilização. A taxa de mortalidade materna é de 150 a cada 100 mil partos. Existem 182 delegacias especiais de atendimento à mulher. Só no Estado de São Paulo, entre 1985 e 1990, foram registrados 41.150 casos de ameaças. Homicídios em que a vítima é mulher: 80% dos casos continuam sendo absolvidos com o argumento de defesa da honra. Em 1985, o Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo mostrou que 70% dos crimes de violência denunciados contra a mulher ocorrem dentro de casa.

Atividades como cuidar dos filhos e da casa e condições como baixos salários e pouca autoridade em comparação com os seus iguais masculinos, levaram as mulheres a

lutar por melhores condições e, com o passar dos anos, elas conquistaram mais espaço na sociedade, seja no trabalho, em casa, na política e em outros meios. Um fato, é que ainda hoje existem lugares, principalmente os de renda baixa, onde as mulheres são tratadas com certo preconceito, sem chances de demonstrarem suas potencialidades, tendo que passar a maior parte do tempo cuidando dos filhos e da casa o que, de uma certa forma, as excluem da sociedade.

Wanderley (2002) relata que a exclusão não é um fenômeno que atinge os países pobres, ao contrário, ela sinaliza o destino excludente de parcelas majoritárias da população mundial, seja pelas restrições impostas pelas transformações do mundo e do trabalho, seja por situações decorrentes de modelos e estruturas econômicas e intersubjetivas que afetam a qualidade de vida do próprio sujeito.

Segundo Campos (1999), o tema exclusão social é bastante atual e atrai a atenção de um grande número de pesquisadores, incluindo aqueles dedicados ao estudo das representações sociais. A psicologia social e, em especial, a teoria das representações sociais, contribuem na leitura dos aspectos simbólicos (psicossociais e sócio-cognitivos) presentes nas situações ditas de exclusão.

Ao falar de uma exclusão social, podemos pensar em dois sentidos: em um primeiro momento, o de ser mulher em uma sociedade em que estas são consideradas inferiores e que somente há pouco tempo conquistaram o direito a diversos aspectos políticos, sociais e culturais, e, no segundo momento, não de pobreza material, mas constitutiva, por viver em uma comunidade menos favorecida, onde possa vir a deixar a mulher desprovida de possibilidades simbólicas para elaborar um projeto de identidade e para lidar com sua sexualidade. Possibilidades as quais podem deixar o indivíduo sem estrutura interna para perceber seus conflitos e viver perante seu próprio mundo.

Demo (2005) afirma que a pobreza não pode ser definida apenas como carência material e que, se ela tem raízes históricas, a análise exclusiva dos aspectos materiais (econômicos no sentido estrito) não poderia nos trazer uma compreensão satisfatória do fenômeno. Pobreza é também um conceito político, pois, na nossa sociedade, coexistem duas formas de pobreza: não ter e não ser. Normalmente, como regra geral, as duas formas andam juntas, mas uma não determina necessariamente a outra. Uma não é sempre mais importante do que a outra; há quem tenha muito e não é nada, como há quem seja muito sem nada ter. Esquecer que pobreza é um conceito político, é imaginar que a miséria faz parte da ordem natural das coisas, é esquecer que toda forma de pobreza material foi produzida historicamente por relações entre homens.

Do ponto de vista de Áries (1986), a crescente urbanização e a industrialização abriram novas perspectivas de trabalho e atuação para as mulheres. Sem dúvida, nos últimos trinta anos, as formas de se explicar a condição da mulher nas sociedades ocidentais mudou substancialmente. Mudaram com elas, também, as expectativas com relação à família nuclear e a definição do amor romântico. A transformação da forma de se ver esse amor e a família começou a acontecer no século XVIII em virtude de importantes mudanças políticas, sociais e econômicas, tais como: a ascensão da burguesia, criação dos estados nacionais, início da industrialização e a formação da sociedade capitalista.

Neste período, a família feudal desaparece para dar lugar à família burguesa: pai, mãe e filhos. É a idéia da identidade individual, do privado, das residências particulares, da família nuclear que começa a ser construída. Nesta nova família, aparece a figura da criança como aquele membro que precisa de cuidados especiais para se desenvolver bem, afinal, ela é o futuro dos estados nacionais em construção. Para atender a essa nova exigência social, a mulher foi confinada na esfera doméstica, onde,

por amor, passou a viver com o objetivo de cuidar dos filhos, marido e casa. Começa, então, a ser institucionalizada a característica dos cuidados que a mulher se viu responsabilizada refletida nas suas atuações como mãe, esposa dona-de-casa e mudar assim, sua visão de amor puro e amor romântico.

Em suma, para atingir uma libertação autêntica e permanente, a mulher (como seu companheiro) precisa adquirir e manter uma consciência-de-si que lhe permita, individualmente, perceber seus mecanismos inconscientes e inutilizar, tanto quanto possível, as defesas que apresentam ao seu eu; como ser social, situar-se em seu momento e em seu meio, mantendo uma tomada de consciência permanente não só ao nível dos fatos, como buscando perceber sob que perspectiva ideológica se estrutura suas representações, idéias, juízos; para, como ser histórico, poder ultrapassar aquela situação e, voltando-se para o futuro, inserir-se no sentido e direção da própria história.

1.3. A Questão da Identidade na Atualidade

Para Bauman (2005), a questão da identidade também está ligada ao colapso do Estado de bem-estar social e ao posterior crescimento da sensação de fragilidade, como o desgaste do caráter que a insegurança e a flexibilidade no local de trabalho têm provocado na sociedade. Onde a angústia, a dor e a insegurança causadas pela vida em sociedade exigem uma análise paciente e contínua da realidade e do modo como os indivíduos são nela inseridos.

Hobsbawn (1995) defende que, um dos imperativos da modernidade contemporânea é, indiscutivelmente, a busca da identidade; isto é, da representação e construção do eu como sujeito único e igual a si mesmo e o uso desta como referência

de liberdade, felicidade e cidadania, tanto nas relações interpessoais como intergrupais. É inegável a contribuição da referência identitária neste momento em que indivíduos, coletividades e setores estão redefinindo-se reciprocamente, em ritmo acelerado. A identidade resgata a individualidade como valor primordial e com ela a multiplicidade e o movimento dos fenômenos para superar a razão formal da lógica das transformações que sufocam as ciências humanas. Também, ela tem o sentido de permanência de um modo de ser para enfrentar a crise e a ansiedade provocada pela desconstrução desta razão, juntamente com a carência de utopias e a desordem global que desenraizou o mundo através do titânico processo econômico-técnico-científico do desenvolvimento capitalista.

A identidade é valor fundamental da modernidade e é tema recorrente nas análises dos problemas sociais, mas tem um subtexto paradoxal. A explicação do paradoxo pode estar na existência de duas concepções antagônicas de identidade: a identidade transformação/multiplicidade e a identidade permanência/unicidade e na concepção de que um é modelo de normalidade e o outro de patologia. Uma concepção não anula a outra, e uma não é melhor que a outra, ao contrário, a tensão entre ambas permite conceber identidade como identificações em curso, isto é, ao mesmo tempo em que se transforma, afirma um modo de ser.

Giddens (2002) afirma que as instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social quanto ao seu dinamismo, ao grau que interferem com hábitos e costumes tradicionais, e o seu impacto global. No entanto, essas não são apenas transformações em extensão: a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. A modernidade deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações

introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual e, portanto, com o eu.

Sawaia (1999) fala de um processo que, na maioria das vezes, é sutil, como, por exemplo, a definição da identidade da mulher pelas características específicas da vida privada e a justificativa de que ela se origina ou na natureza humana ou na vontade e escolha livre: eu gosto, eu quero. Dessa forma, inclui-se a mulher pela exclusão da vida pública, responsabilizando-a pela situação.

Pode-se pensar que, ainda hoje, o “ser mulher” é um desafio, é basicamente um trabalho de integração. Integração que exige não só aquele desejo e busca, mas também a luta contra tudo que é capaz de impedi-la. Busca e luta que sejam igualmente inteiras, que não esqueçam ou deixem de lado qualquer aspecto da mulher, que sejam empenho na realização de todos eles, com uma visão lúcida de si mesma e do que está em torno para ver e ter consciência do que falta, do que precisa ser mudado, destruído, criado, inventado e reinventado.

Nosso mundo e nossa vida, de acordo com Castells (1999), vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade. A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede a qual é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego, a individualização da mão-de-obra, e por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema interligado e altamente diversificado.

Caracteriza-se também, pela transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes. Essa nova forma de

organização social, dentro de sua globalidade que penetra em todos os níveis da sociedade, está sendo difundida em todo o mundo, do mesmo modo que o capitalismo industrial e seu inimigo univitelino. O estatismo industrial foi disseminado no século XX, abalando instituições, transformando culturas, criando riqueza e induzindo a pobreza, incitando a ganância, a inovação e a esperança, e, ao mesmo tempo, impondo o rigor e instilando o desespero. Admirável ou não, trata-se na verdade de um mundo novo.

É com a formação de nossa identidade ao longo de nosso desenvolvimento que cada sujeito a partir de aspectos internos e externos peculiares, relativamente permanentes, de seu próprio caráter, que forma-se também a personalidade que influenciam o comportamento de cada sujeito em situações diferentes. Todos têm uma identidade e a sua vai ajudar a determinar os limites do sucesso, felicidade e realização na própria vida.

1.3.1. O Desenvolvimento Libidinal Feminino

A sexualidade está presente desde os primeiros dias da infância, até a fase adulta e terceira idade. As atitudes, gestos, vivências, idéias, preconceitos e superstições aprendidos na infância, serão utilizadas correta ou incorretamente, na tentativa de ajustamento psicosssexual do adolescente e, mais tarde, do adulto. A sexualidade é uma experiência viva, dinâmica e integrada ao processo de desenvolvimento do ser humano em todas as idades e sentidos. Quando Freud iniciou seus estudos sobre a sexualidade feminina propôs descobrir as manifestações e os caminhos que a mulher pode percorrer

no desenvolvimento de sua sexualidade, hoje vários autores têm realizado pesquisas e estudos para melhor compreender este tema.

Freud (1905/2004) afirma que o desenvolvimento sexual acontece em duas etapas. A primeira é um momento estruturante, que se encerra com o desfecho do complexo de Édipo e a segunda ocorre após um período de latência, em que ocorre a sublimação dos instintos canalizados para atividades socializantes, onde acontece com a eclosão da puberdade e o início da fase genital.

Freud (1931/2004), em “A sexualidade Feminina”, indica que, “nas mulheres, as principais ocorrências genitais da infância devem ocorrer em relação ao clitóris. Sua vida sexual é dividida em duas fases, da qual uma possui um caráter masculino e a segunda é especificamente feminina. Assim, no desenvolvimento feminino, há um processo de transição de uma fase para outra” (p.236). Outra complicação origina-se do fato de o clitóris, com seu caráter viril, continuar a funcionar na vida sexual feminina posterior, de maneira muito variável e que certamente ainda não é satisfatoriamente entendida.

Paralela a essa fase existe outra diferença relacionada com o encontro do objeto, pois no caso do homem, a mãe se torna para ele o primeiro objeto amoroso como resultado do fato de alimentá-lo e de tomar conta dele, permanecendo assim até ser substituída por alguém que se lhe assemelhe ou dela se derive. Para a mulher, o primeiro objeto, também tem de ser a mãe, pois as condições primárias para uma escolha de objeto são, naturalmente, as mesmas para todas as crianças.

Ao final do desenvolvimento dela, porém, seu pai, no caso um homem, se torna seu novo objeto amoroso, ou seja, a mudança em seu próprio sexo deve corresponder uma mudança no sexo de seu objeto.

Diferentes são os efeitos do complexo de castração na mulher; ela reconhece o fato de sua castração, e, com ele também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela contra tal situação. Nessa atitude dividida abrem-se três linhas de desenvolvimento que, segundo Nasio (1997), a primeira leva a uma repulsão geral à sexualidade – a menina assustada pela comparação com os meninos cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos; a segunda leva a uma desafiadora auto-afirmação de sua masculinidade ameaçada até uma idade incredivelmente tardia, ou seja, aferra-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião. Essa esperança se torna o objeto de sua vida e a fantasia de ser um homem, apesar de tudo, freqüentemente persiste como fator formativo por longos períodos.

Somente se o desenvolvimento seguir um terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo. Assim nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado, pois ele não é destruído, mas criado pela influência da castração, não é errado dizer que a diferença na relação recíproca entre o complexo de Édipo e o de castração que dá seu cunho especial ao caráter das mulheres como seres sociais.

Martins (2002) postula que o complexo de Édipo não é um fenômeno único, trata-se, como já indica o termo complexo, de um conjunto articulado e estruturado no qual nasce e desenvolve um drama. Ele não é um fenômeno diretamente observável, portanto, é necessário contar com a ajuda daquele que o experimentou, e, via de regra, o esqueceu ou o deformou nas suas memórias. O estudo do complexo de Édipo depende

estritamente do sujeito e da sua história recontada. Depende de um meio de comunicação para termos acesso à constituição da subjetividade de cada um.

No complexo de castração, há a designação de uma experiência psíquica completa, inconscientemente vivida pela criança por volta dos cinco anos de idade e decisiva para a assunção de sua futura identidade sexual (Nasio, 1997). A criança reconhece, ao preço de angústia, a diferença anatômica entre os sexos. Com a experiência da castração, terá de aceitar que o universo seja composto de homens e mulheres e que o corpo tenha limites, ou seja, aceitar que seu pênis de menino jamais lhe permitirá concretizar seus intensos desejos sexuais em relação à mãe.

Conforme Nasio, (1997) o complexo de castração feminino organiza-se de maneira muito diferente do complexo de castração masculino, a despeito de dois traços comuns. O ponto de partida de ambos, a princípio, é semelhante; num primeiro tempo, que identificaremos como prévio ao complexo de castração, os meninos e as meninas sustentam, indistintamente, a ficção que atribui um pênis a todos os seres humanos. A crença na universalidade do pênis é, portanto, a precondição necessária à constituição do complexo de Édipo para ambos os sexos.

O segundo traço comum refere-se à importância do papel da mãe. À parte de todas as variações da experiência masculina e feminina da castração, a mãe continua a ser o personagem principal até o momento em que o menino se separa dela com angústia, e a menina, com ódio. Quer seja marcado pela angústia ou marcado pelo ódio, o acontecimento principal do complexo de castração é, sem sombra de dúvida, a separação entre a criança e a mãe, no exato momento em que a primeira a descobre castrada.

Nesse primeiro momento, a menina ignora a diferença entre os sexos e a existência de seu próprio órgão sexual, isto é, a vagina. Está perfeitamente feliz por

possuir, como todo mundo, um atributo clitoridiano, que ela assemelha ao pênis e ao qual atribui o mesmo valor que o menino confere ao seu órgão.

No segundo momento a menina descobre visualmente a região genital masculina. A visão do pênis a obriga a admitir definitivamente que ela não possui o verdadeiro órgão peniano. Reconhecendo-o de imediato como a réplica superior de seu pequeno órgão oculto (o clitóris) torna-se vítima da inveja do pênis.

No momento em que a menina reconhece sua castração, no sentido de que seu clitóris é menor do que o pênis, o seu sentimento é apenas de um infortúnio individual; progressivamente, ela toma consciência de que as outras mulheres – dentre elas sua própria mãe – sofrem da mesma desvantagem. A mãe é então desprezada, rejeitada pela filha, por não ter podido transmitir-lhe os atributos fálicos e, além disso, por não ter sabido ensinar-lhe a valorizar seu verdadeiro corpo de mulher. Assim, a descoberta da castração da mãe leva a menina a separar-se dela pela segunda vez e, a partir daí, a escolher o pai como objeto de amor. A feminilidade é, definitivamente, uma constante devir, tecido por uma multiplicidade de trocas, todas destinadas a encontrar para o pênis o melhor equivalente.

A contribuição de Lacan à teoria freudiana da diferença sexual é articular o complexo de castração em torno do falo, que é simbólico, o falo materno, a ser entendido por referência à fase fálica de Freud. O falo, diferentemente do pênis, falta a qualquer sujeito, masculino ou feminino.

Cornell (1987) cita que o falo simbolizado pelo gozo, não mediado, deve faltar a qualquer sujeito para ingressar na linguagem. O desejo humano, de acordo com a teoria lacaniana, é sempre mediado pela significação. Segundo as considerações lacanianas afirmam que o sujeito tem de reconhecer (recalcar e simbolizar) sua (dele ou dela) castração.

O elemento organizador da sexualidade humana não é, portanto, o órgão genital masculino, mas a representação construída com base nessa parte anatômica do corpo do homem. A prevalência do falo significa que a evolução sexual infantil e adulta ordena-se conforme esse pênis imaginário, chamado falo, esteja presente ou ausente no mundo dos seres humanos.

Conforme as crianças se desenvolvem recebem informações que servem como esquemas para organizar e avaliar comportamentos sociais e a forma de serem como sujeitos no mundo em que vivem. A identidade é construída por várias formas. Um sujeito social apresenta-se em diferentes situações e posições acionando diferentes características e modos de agirem. Para as mulheres, tradicionalmente, as referências que podem compor esta identidade é fundamentalmente as de filha, esposa e mãe.

Segundo Freud (1906/2004), a civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua identidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais. Além das exigências da vida, foram sem dúvida os sentimentos familiares derivados do erotismo que levaram o homem a fazer essa renúncia, que tem progressivamente aumentado com a evolução da civilização.

Dessa forma homens e mulheres recebem influências contextuais diferentes na medida em que se desenvolvem, seja na escola, na família, com os amigos e com os meios de comunicação. As mulheres são consideradas frágeis, aprendem desde cedo a brincar de bonecas e de casinhas, nas escolas as atividades são separadas entre femininas e masculinas, as femininas são tarefas mais sedentárias, reforçando a cooperação, espontaneidade e empatia.

Vivemos inseridos em um contexto social e cultural que permeia nossos desejos e comportamentos sexuais. Podemos ainda verificar aspectos como o psicológico, o fisiológico e o morfológico dando nuances especiais à sexualidade humana. A sexualidade feminina é um fenômeno altamente complexo e ao mesmo tempo singular. Ela se diferencia da sexualidade masculina em vários fatores e esteve ao longo dos tempos associada à procriação. Com o advento da pílula e o controle da natalidade, observam-se através da história, mudanças significativas no comportamento sexual feminino.

Por muito tempo compreendemos que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pelo fato de a menina ter a tarefa de abandonar o que originalmente constitui sua principal zona genital, no caso o clitóris, em favor de outra nova, a vagina. Uma segunda alteração da mesma espécie, que não é menos característica e importante para o desenvolvimento da mulher, é a troca de seu objeto original: a mãe pelo pai. Em relação à ligação intensa da mulher com o pai, a análise mostra que essa ligação fora precedida por uma fase de ligação exclusiva à mãe, igualmente intensa e apaixonada.

Os novos problemas que agora exigem investigação são as maneiras pela qual essa mudança ocorre, quão radical ou incompletamente é efetuada, e quais as diferentes possibilidades que se apresentam no decurso desse desenvolvimento. Ainda existe outra diferença entre os sexos, relacionado com o complexo de Édipo, que no caso da mulher é a descoberta da possibilidade de castração, tal como povoada pela visão dos órgãos genitais femininos, que impõe ao menino a transformação de seu complexo de Édipo e conduz à criação de seu superego, iniciando assim todos os processos que se destinam a fazer o indivíduo encontrar lugar na comunidade cultural.

Freud (1931/2004) relata que, após o agente paterno ter sido internalizado e ter se tornado um superego, a tarefa seguinte consiste em desligar esse último das figuras de quem originalmente constituiu o representante psíquico. Nesse curso de desenvolvimento é precisamente o interesse narcísico do menino por seus órgãos genitais – seu interesse em preservar o pênis – que é transformado numa restrição de sua sexualidade infantil.

Vemos, portanto que a fase de ligação exclusiva à mãe, que pode ser chamada de fase pré-edípiana, tem nas mulheres uma importância muito maior do que pode ter nos homens. Muitos fenômenos da vida sexual feminina, que não foram devidamente compreendidos antes, podem ser integralmente explicados por referência a essa fase. Conclui-se que, para a maioria das mulheres, sua atitude hostil para com a mãe não é consequência da rivalidade implícita no complexo de Édipo, mas se origina da fase precedente, tendo sido simplesmente reforçada e explorada na situação edípiana.

O amor infantil é ilimitado; exige a posse exclusiva, não se contenta com menos do que tudo possui, porém, uma segunda característica; não tem na realidade, o objetivo, sendo incapaz de obter satisfação completa, e, principalmente por isso, está condenado a acabar em desapontamento e a ceder lugar a uma atitude hostil. Mais tarde, na vida, a falta de uma satisfação suprema pode favorecer um resultado diferente. Esse mesmo fator pode garantir a continuidade ininterrupta da catexia libidinal, tal como acontece com as relações amorosas inibidas em sua finalidade.

Na tensão dos processos de desenvolvimento, porém, acontece regularmente que a libido abandona sua posição insatisfatória, a fim de descobrir outra nova. Outro motivo muito mais específico para o afastamento da mãe, surge do efeito do complexo de castração sobre a criança que não tem pênis. Numa ocasião ou noutra a menina descobre a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, podendo ser mais cedo e mais

fácil se existirem irmãos ou outros meninos ao seu redor. Podendo, a partir desses caminhos, ocorrer uma divergência levando à cessação de toda sua vida sexual, e aos primeiros passos no sentido da feminilidade definitiva.

Seja como for, Freud (1931/2004) cita que, ao final dessa primeira fase de ligação à mãe, emerge como motivo mais forte para a menina se afastar dela, refletindo a censura por a mãe não lhe ter dado um pênis apropriado, isto é, tê-la trazido ao mundo como mulher. Uma segunda censura que não remonta tão atrás é bastante surpreendente, a de que sua mãe não lhe deu leite bastante, não a amamentou o suficiente. Quando observamos toda a gama de motivos para se afastar da mãe, que a mesma falhou em fornecer a menina o único ou órgão genital correto, que não a amamentou o suficiente, que a compeliu a partilhar o amor da mãe com outros, que nunca atendeu às expectativas de amor da menina, e, finalmente, que primeiro despertou sua atividade sexual e depois a proibiu, todos esses motivos, não obstante, parecem insuficientes para justificar a hostilidade final da menina.

Os objetivos sexuais da menina em relação à mãe são tanto ativos quanto passivos e determinados pelas fases libidinais através das quais a criança passa. Aqui a relação da atividade com a passividade são especialmente interessantes. Pode-se facilmente observar que em todo campo de experiência mental, não simplesmente no da sexualidade, quando uma criança recebe uma impressão passiva, ela tende a produzir uma reação ativa. Tenta fazer ela própria o que acabou de ser feito a ela. Isso faz parte do trabalho que lhe é imposto de dominar o mundo externo e pode mesmo levar a que se esforce por repetir uma impressão que teria toda razão para evitar, por causa de seu conteúdo aflitivo.

Conforme Freud (1931/2004), o brincar das crianças é realizado para servir ao fim de suplementar uma experiência passiva com um comportamento ativo, e desse

modo, por assim dizer, anulá-la. O comportamento de uma criança a esse respeito pode capacitar-nos a tirar conclusões quanto à intensidade relativa da masculinidade e feminilidade que ela apresentará em sua sexualidade. As primeiras experiências sexuais e sexualmente coloridas que uma criança tem em relação à mãe são, naturalmente, de caráter passivo. Ela é amamentada, alimentada, limpa e vestida por esta última, e ensinada a desempenhar todas as suas funções. Uma parte de sua libido continua aferrando-se a essas experiências e desfruta das satisfações e elas relacionadas: outra parte, porém, esforça-se por transformá-las em atividade.

Em Freud (1931/2004), o afastamento da mãe tem sua origem remontada à influência do reconhecimento da castração por parte da menina, fato que a obriga a abandonar seu objeto sexual e, com freqüência, a masturbação junto com ele. O desenvolvimento completo é resumido na fórmula de que a menina atravessa uma fase negativa do complexo de Édipo, antes de poder ingressar na positiva.

Ao mesmo tempo em que o processo da puberdade conduz ao primado das zonas genitais, onde o crescimento do membro víril erétil indica a nova finalidade, qual seja a penetração numa cavidade que produzirá excitação, o desenvolvimento psíquico permite encontrar o objeto para a sexualidade, o que tinha sido preparado desde a infância. Na época em que a satisfação sexual estava ligada à absorção dos alimentos, a pulsão encontrava seu objeto fora, na sucção do seio da mãe. Este objeto foi perdido ulteriormente, talvez precisamente no momento em que a criança se tornou capaz de ver como um todo a pessoa a quem pertence o órgão que lhe traz uma satisfação.

Se, como aponta Freud (1915/2004), os instintos sexuais emanam de uma grande variedade de fontes orgânicas e atuam independentemente um do outro, eles só alcançam uma síntese mais ou menos completa numa etapa posterior. A finalidade pela qual cada um deles luta é a consecução do “prazer do órgão”, somente quando a síntese

é alcançada é que eles entram a serviço da função reprodutora, tornando-se então identificáveis, de modo geral, como instintos sexuais. A investigação sobre as várias vicissitudes pelas quais passam os instintos no processo de desenvolvimento e no decorrer da vida deve ficar confinada aos instintos sexuais.

Os Processos de Identificação no Desenvolvimento Libidinal Feminino

De acordo com Ribeiro (2000), dentre os conceitos fundamentais da teoria psicanalítica, o de identificação se destaca dos demais pelo fato de encerrar algo de paradoxal: ele ocupa uma posição ao mesmo tempo central e marginal. Central por se impor como peça fundamental na elaboração da teoria da escolha do sexo, a qual, por sua vez, nos remete ao complexo de Édipo, conseqüentemente instalando-nos num dos eixos principais da teoria. E é central por se entrelaçar com o narcisismo do eu, conceitos cuja importância no conjunto da teoria é incontestável. Além disso, devemos ressaltar o valor da identificação quando se trata da realização dos desejos, tanto pela via dos sintomas quanto pelo intermédio dos sonhos e fantasias. Sua marginalidade, no entanto, se evidencia para o estudioso do pensamento freudiano, em primeiro lugar e acima de tudo, pela escassez de elaboração teórica sobre a identificação.

A identificação é uma das categorias mais fundamentais da teoria e da metapsicologia freudiana. Segundo os momentos de desenvolvimento da teoria, poderíamos dizer, inicialmente, que as identificações é uma lenta hesitação entre o “eu” e o “outro”, ao passo que a identidade é finalmente encontrar um eu que poderia (ilusoriamente) estar livre de qualquer relação de objeto. É um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se

transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. Assim, a personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações.

Roudinesco & Plon (1998) relata que o conceito de identificação é essencial na teoria freudiana do desenvolvimento psicosssexual do indivíduo e é o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam.

Freud (1980/2004) afirma que cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal do ego segundo os modelos mais variados. Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais – as da sua raça, classe, credo, nacionalidade – podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade, desempenhando dessa forma um papel na história primitiva do complexo de Édipo.

Um menino que demonstra interesse especial pelo pai gostaria de crescer como ele, ser como ele e, além disso, tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal. Este comportamento nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina em relação ao pai (ou aos indivíduos do sexo masculino em geral); pelo contrário, é tipicamente masculina, pois combina-se muito bem com o complexo de Édipo, cujo caminho ajuda a preparar.

Ao mesmo tempo em que ocorre essa identificação com o pai, ou pouco depois, o menino começa a desenvolver uma catexia de objeto verdadeira em relação à mãe, de acordo com o tipo (analítico) de ligação. Apresenta então, portanto, dois laços psicologicamente distintos: uma catexia de objeto sexual e direta para com a mãe e uma identificação com o pai tomando-o como modelo. Ambos os laços subsistem lado a lado

durante certo tempo, sem qualquer influência ou interferência mútua. Em consequência do avanço irresistível no sentido de uma unificação da vida mental, eles acabam por reunir-se e o complexo de Édipo normal origina-se de sua confluência. O menino nota que o pai se coloca em seu caminho, em relação à mãe, e sua identificação com eles assume um colorido hostil e se identifica com o desejo de substituí-lo também em relação à mãe. A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do afastamento de alguém.

A mesma coisa também se aplica, com as substituições necessárias, à menina. É fácil enunciar numa fórmula a distinção entre a identificação com o pai e a escolha deste como objeto. No primeiro caso, o pai é o que se deseja *ser*; no segundo, o que se deseja *ter*, ou seja, a distinção depende de o laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do ego. O primeiro tipo de laço, portanto, já é possível antes que qualquer escolha sexual de objeto tenha sido feita. É muito mais difícil fornecer a representação metapsicológica clara da distinção. Podemos apenas ver que a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo.

Burity (2007) afirma que a identificação é fundamental à concepção do sujeito na psicanálise, pois traduz o caráter descentrado da subjetividade individual, o lugar do desejo na afirmação da identidade do indivíduo e o vazio impreenchível que o impele para frente no modo de levar a vida. Constituído num lugar que não é o seu próprio, mas, de um modo simbólico, cultural e social, o sujeito perde algo que lhe caracterizava, ao qual não pode remontar objetivamente, e que buscará permanentemente reencontrar; o sujeito que emergirá a cada momento em que o objeto (s) em que depositou sua confiança, por meio da identificação, revelam-se aquém da expectativa. Deste modo, o sujeito emerge na falha da estrutura de garantir a estabilidade da identidade até então vigente. Heterogêneo no plano mais singular de sua

individualidade, diferente de si mesmo, o sujeito tampouco poderá alcançar a identidade de si, a homogeneidade e completude, no plano coletivo: os sujeitos são construtos compósitos, mobilizados em torno de uma exterioridade que, como disse acima, os ameaça ou desafia, ou seja, os desloca, fornecendo-lhes as condições de aglutinarem grupos e pessoas díspares em torno de uma preocupação ou demanda comuns, mas, ao mesmo tempo, lhes impedindo de se apresentarem como identidades sólidas e naturais, dado que o que não depende irrecusavelmente do outro a quem elegeram como objeto de sua agressividade ou do seu amor.

Pommier (2003) diz que:

a identificação é compreendida às vezes como um fenômeno de imitação imaginária que só diz respeito á aparência. Entretanto, quando alguém se identifica com uma das pessoas a seu redor, contenta-se em tomar emprestado dela uma de suas características. Assim, a identificação é em primeiro lugar uma operação simbólica, tanto naquilo que a motiva – aquele com quem nos identificamos – quanto no seu mecanismo – à parte pelo todo. (p.31)

A identificação levanta um problema particular no que concerne à feminilidade: por ter que se orientar no mundo da fala, uma mulher se identifica inicialmente, do mesmo modo que um homem, ao lugar de onde ela fala. Ela também porta um nome, o qual venha de onde vier. O ser do feminino recebeu desde sempre sua definição canônica na maternidade. Ser mãe parece trazer uma solução para as incertezas da identidade, mesmo que tal resposta não deixe de ser acompanhada pela angústia, quando se realiza.

A psicanálise é tomada como referencial desta nova concepção de identidade como processo interminável de atos identificatórios, pelos quais os sujeitos buscam confirmar ou retificar suas imagens de si, bem como distinguir entre objetos de satisfação do seu desejo e dirigir suas expectativas de gozo a uns ou outros desses objetos, e que assim vão construindo agrupamentos e territórios marcados por uma zona de comunalidade em meio a suas diferenças.

Freud (1915/2004) associa a distinção entre eu ideal e ideal de eu como fundante do processo identificatório à problemática do narcisismo das pequenas diferenças. Esta diz respeito ao estabelecimento de oposições entre os corpos, seja para se demarcarem como singularidade e diferença, seja para constituírem relações de dominação. Oposições indicam tanto a pulsão à realização integral do gozo (mesmo que pela extorsão ou extermínio do outro) quanto o obstáculo interposto pelos outros, seja porque fazem o mesmo, seja porque se recusam a ser assujeitados. Para Freud, porém, esta guerra latente ou aberta pode ser trazida a uma razoável estabilidade, e efetivamente o faz intermitentemente (com intervalos variáveis de vigência), ante a emergência de um líder cujo carisma produz um relativo ou temporário apagamento da singularidade dos sujeitos (isto é, do narcisismo de seu eu ideal).

Identificação e narcisismo são temas correlatados que, com frequência, ocupam o centro das atenções dos primeiros psicanalistas. O narcisismo é um passo do desenvolvimento quando da passagem do auto-erotismo ao amor de objeto. O estado amoroso de sua própria pessoa (de seus próprios órgãos genitais) é um estágio necessário do desenvolvimento que deste passa-se aos objetos semelhantes.

Ao colocar a ênfase sobre o amor de si mesmo e deslocar (implicitamente) a relação intensa com a mãe para o período que coincide com o auto-erotismo, dirige-se de forma cada vez mais nítida, rumo a uma concepção do narcisismo dominada pela

idéia de fechamento sobre si mesmo, conseqüentemente, destituído da relação necessária que mantinha com o objeto. No registro do auto-erotismo, a relação com a mãe, por estar confinada à natureza fragmentada e parcial do objeto, é implicitamente, destituída da capacidade de produzir uma identificação importante para a própria sexualidade.

Segundo Berge (1968), a afirmação de uma sexualidade, que nunca fora dominada com tanto rigor como na época da hipócrita burguesia negociista e contabilizadora, é acompanhada pela ênfase de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo, a modificar sua economia no real, a subverter a lei que o rege, a mudar seu futuro.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico, não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder.

Historicamente a sexualidade feminina sempre foi motivo de tabus e controvérsias. Até algumas décadas atrás falar sobre o assunto era proibido. Os pais seguindo uma educação castradora, pouco falavam, ou melhor, não abordavam o assunto com suas filhas.

Mesmo depois da revolução sexual, muitas mulheres ainda encontram dificuldades para exercerem plenamente sua sexualidade. Se antes era a falta de diálogo na família ou a falta de informação adequada sobre o assunto, que ainda permanece, atualmente as mulheres têm sido vítimas dos seus próprios medos, preconceitos, inseguranças além de baixa auto-estima. O mundo competitivo em todos os seus aspectos tem reforçado uma competição entre as próprias mulheres levando-as a um

processo de mudança exterior, fazendo-as esquecer das mudanças e crescimento interior.

De acordo com Rago (1997), as décadas de 1910 e 1920 marcam a emergência da segunda onda feminista que, tendo como cerne o estabelecimento de igualdade de direitos entre homens e mulheres, trazia questões como, o acesso feminino à instrução, a crítica ao casamento enquanto instituição de opressão das mulheres, a ampliação das possibilidades femininas no mercado de trabalho, dando maior ênfase à reivindicação do sufrágio feminino.

Os anseios femininos não se restringiam ao casamento e aos papéis de mãe e esposa, as mulheres ansiavam por uma igualdade entre os gêneros e por reconhecimento intelectual. Elas percebiam a instrução como um caminho a ser trilhado para atingir seus objetivos, libertando-se da relação de dependência financeira em relação ao amparo masculino, do pai, do irmão ou do marido, da mesma forma que ganhariam autonomia social para realizar escolhas e empreendê-las conforme seu interesse e vontade.

Durante as décadas de 1960 e 1970, a castidade e a virgindade são desmistificadas pela reivindicação de liberação do corpo feminino para a vivência do prazer de forma desvinculada da reprodução, como aponta Alves (1985). Os contraceptivos tornaram possível essa revolução sexual que lançou novas bases para a relação das mulheres com o próprio corpo, com a sexualidade e com a maternidade que deixa de ser para as mulheres uma fatalidade da vida sexual para tornar-se uma possibilidade. Segundo o autor, vivenciava-se, assim, uma emergente liberação de um potencial de desejo reprimido pela cultura de contenção e controle da sexualidade feminina.

Segundo Celes (1995), o feminino caracteriza-se por ser uma construção cultural que, mesmo portadora de uma aura misteriosa, constitui-se a partir do princípio da complementaridade com o masculino. Tanto o significado do masculino quanto do feminino atuam na produção de subjetividades, funcionando como paradigmas.

No tratamento da sexualidade, Andrade (2007) fala que o feminino incorpora contribuições vindas de várias fontes teóricas e das experiências de conquista de autonomia das mulheres. Desde o século XIX, nunca houve, entre as feministas, uma visão única sobre como tratar a questão da sexualidade. Essa posição compartilha de uma interpretação, comum àquela época, de que a expressão do desejo feminino incitava a agressividade masculina, assim como uma visão de que a sexualidade das mulheres era intrinsecamente passiva e só poderia florescer em uma situação de segurança.

Conforme o objetivo deste trabalho, de como se constitui uma identidade feminina, pode-se pensar em duas tarefas fundamentais para esta constituição, a identidade deveria ser fundada na sexualidade feminina, mas não temos um parâmetro, sobretudo no contexto de uma exclusão ao qual o sujeito pode estar inserido no mundo em que vive, mas que não tenha possibilidades para elaborar seus desejos, se constituir e de fazer projetos para elaborar esta identidade e, conseqüentemente, a sexualidade.

Capítulo II: A Família Nuclear e o Amor Romântico

2.1. A Família Nuclear e o Amor Romântico: declínio do patriarcado

A família pode ser considerada uma instituição humana duplamente universal, uma vez que associa um fato de cultura, construído pela sociedade, a um fato de natureza, inscrito nas leis da reprodução biológica. É preciso admitir que foi no seio das duas grandes ordens do biológico (diferença sexual) e do simbólico (proibição do incesto e outros interditos) que se desenrolaram durante séculos não apenas as transformações próprias da instituição familiar, como também as modificações do olhar para ela voltado ao longo das gerações.

O destino do homem passa a ser regido pela nova organização social. Uma mudança radical dos valores até então vigentes começa a se instaurar com a nova ordem, sublevando e renovando os modos de vida pessoal, social e familiar. O sistema decorrente assume como característica principal uma permanente capacidade de mudança. O mundo – público e privado – entra num processo de constante transformação.

No século XV, foi se impondo uma designação própria do homem livre, buscando melhorar a sua sorte, onde os sujeitos ou grupos começaram a constituir outros feixes de relações sociais. A partir do século XV, as realidades e os sentimentos da família se transformaram: uma revolução profunda e lenta, mal percebida tanto pelos contemporâneos como pelos historiadores, é difícil de a reconhecer, diz Áries (1981). A criança passa a ocupar um lugar de destaque, dentro da família, estreitando-se os laços consangüíneos e ditando-se novos valores como: a coabitação e a intimidade. A família agora é conjugal e o poder é o pai. A família transformou-se profundamente à medida

que modificou suas relações internas com a criança. Áries (1981) diz, “os deveres de um bom pai de família reduzem-se a três pontos principais: o primeiro consiste em aprender a controlar a mulher. O segundo, em bem educar seus filhos, e terceiro, em bem governar seus criados” (p.263).

Segundo Roudinesco (2003), no que tange à família dita nuclear ou restrita tal como a conhecemos hoje em dia no Ocidente, trata-se da consumação de uma longa evolução - do século XVI ao século XVIII – durante a qual o núcleo pai-mãe – filhos se diferenciou do que outrora constituía as famílias: um conjunto, uma casa, um grupo que incluía os outros parentes, as pessoas próximas, os amigos, os criados. Contudo, essa estrutura nuclear de base parece ter existido na Europa da Idade Média, bem antes de tornar-se o modelo dominante da época moderna. A própria palavra readquire diferentes realidades. Num sentido amplo, a família sempre foi definida como um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e a filiação, ou, ainda, pela sucessão dos indivíduos descendendo uns dos outros.

Segundo Costa (2004), a desestruturação da família é sucessivamente imputada ao afrouxamento dos laços conjugais, ao enfraquecimento da autoridade dos pais, a emancipação da mulher, ao conservadorismo do homem, à rebeldia da adolescência, à infância, ao excesso de proteção aos filhos, à ausência de amor para com ele, à higiene com o corpo, etc. Em suma, os indivíduos estariam como que desaprendendo as regras de convivência que mantinham a família coesa. O lar moderno deixou de cumprir suas antigas funções. Ao invés de propiciar carinho e proteção, estaria fomentando a guerra entre os sexos e gerações. A família perdeu seus antigos valores sem conseguir criar nada que pudesse substituí-los. A mobilidade sócio-cultural do universo citadino privou-a de seus vínculos tradicionais e, ao mesmo tempo, da possibilidade de

estabelecer novos relacionamentos sólidos. Sem auxílio, portanto, ela estaria perdida. Sem cuidados especializados, não encontraria saída para os conflitos em que se debate.

Costa (2004), diz que a família nuclear e conjugal, higienicamente tratada, tornou-se, no mesmo movimento, sinônimo histórico de família burguesa. Mediante esta tática, a vida privada dos indivíduos foi atrelada ao destino político de uma determinada classe social, a burguesia, e de suas maneiras historicamente inéditas. Por um lado, o corpo, o sexo e os sentimentos conjugais, parentais e filiais passaram a serem sistematicamente usados como instrumentos de dominação política e sinais de diferenciação social daquela classe. Por outro lado, a ética que ordena o convívio social burguês modelou o convívio familiar reproduzindo, no interior das casas, os conflitos e antagonismos da classe existentes na sociedade. As relações intrafamiliares se tornaram uma réplica das relações entre as classes sociais.

O Estado moderno voltado para o desenvolvimento industrial tinha como necessidade o controle demográfico e político da população adequado àquela finalidade. Esse controle, exercido junto às famílias, buscava disciplinar a prática anárquica da concepção e dos cuidados físicos dos filhos, além de que, no caso dos pobres, prevenirem as perigosas conseqüências políticas da miséria e do pauperismo. No entanto, não podia lesar as liberdades individuais, sustentáculo da ideologia liberal. Criam-se, assim, dois tipos de intervenção normativa que, defendendo a saúde física e moral das famílias, executavam a política do Estado em nome dos direitos do homem.

A primeira dessas intervenções deu-se através da medicina doméstica. Esta medicina, no interior da burguesia, estimulava a política populacionista, reorganizando as famílias em torno da conservação e educação das crianças. A segunda dirigiu-se às famílias pobres sob a forma de campanhas de moralização e higiene da coletividade. A filantropia, a assistência social e a medicina concertaram-se para manobrar os laços de

solidariedade familiar e usá-los, quando preciso, na represália aos indivíduos insubordinados e insatisfeitos.

Costa (2004) diz que:

esta estreiteza de modificações explicam as características da urbanização familiar dos primeiros tempos. A família deixou se modelar pela cidade, mas não se converteu ao Estado. Pelo contrário, aprendeu a servir-se da mudança e a usá-la como arma contra o adversário. A abertura para o desenvolvimento econômico e cultural apagou a superfície urbana e os emblemas do poder familiar, mas remanejou pouco ou quase nada sua força de ação central. Quanto mais as famílias secularizavam seus costumes e administravam melhores suas riquezas, mais reforçavam seus vínculos de solidariedade interna. (p.56)

Após a abdicação, o poder central entendeu que não bastava urbanizar a família, era preciso estatizar os indivíduos. A força da lei não produzia automaticamente indivíduos urbanos e submissos ao Estado. A justiça soberana podia ser eficaz na violação da arquitetura das casas ou do direito de propriedade, mas detinha-se nas fronteiras da vida privada. As relações afetivas, os comportamentos íntimos, as representações do corpo, a percepção das necessidades emocionais possuíam uma estabilidade inamovível por decretos legais.

No Brasil não foi diferente, com a ascensão do Estado nacional, a higiene médica experimentou um significativo progresso em sua expansão. Em 1829 é fundada a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Essa entidade representava o grupo médico que lutava por se impor junto ao poder central como elemento essencial à proteção da saúde pública, e, por extensão, à ordenação da cidade. Aproximadamente

vinte anos depois, em 1851, o Estado cria a Junta Central de Higiene Pública, que confirma e estende a implementação da higiene nos cuidados da população. O reconhecimento público do valor da higiene correspondia ao interesse da elite agrária pela unidade política do País e a versatilidade tática de seu poder.

Ao conjunto dessas exigências, a medicina respondeu com a higiene. Idealmente, a família projetada pelos higienistas deixar-se-ia manipular acreditando-se respeitada; abandonaria antigos privilégios em troca de novos benefícios, se autorregularia, tornando cada um dos seus membros, um agente da saúde individual e estatal. Desenvolvendo uma nova moral da vida e do corpo, a medicina contratou as vicissitudes da lei, classificando as condutas lesas como antinaturais e anormais. Todo o trabalho de persuasão higiênica desenvolvida no século XIX foi montado sobre a idéia de que a saúde e a prosperidade da família dependem de sua sujeição ao Estado.

Roudinesco (2003) distingue três grandes períodos na evolução da família. Numa primeira fase, a família tradicional serve acima de tudo para assegurar a transmissão de um patrimônio. Os casamentos são então arranjados entre os pais sem que a vida sexual e afetiva dos futuros esposos, em geral unidos em idade precoce, seja levada em conta. Nessa ótica, a célula familiar repousa em uma ordem do mundo imutável e inteiramente submetida a uma autoridade patriarcal.

Numa segunda fase, a família moderna torna-se o receptáculo de uma lógica afetiva cujo modelo se impõe entre o final do século XVIII e meados do século XX. Fundada no amor romântico, ela sanciona a reciprocidade dos sentimentos e os desejos carnis por intermédio do casamento. Mas valoriza também a divisão do trabalho entre os esposos, fazendo ao mesmo tempo do filho um sujeito cuja educação a nação é encarregada de assegurar. A atribuição da autoridade torna-se então motivo de uma divisão incessante entre o Estado e os pais, de um lado, e entre os pais e as mães, de

outro. Finalmente, a partir dos anos 1960, impõe-se a família contemporânea – ou pós-moderna – que une, ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual.

Tem-se assim, na época moderna, a terceira fase, onde a família ocidental deixou, portanto, de ser conceitualizada como o paradigma de um vigor divino ou do Estado. Retraída pelas debilidades de um sujeito em sofrimento, foi sendo cada vez mais dessacralizada, embora permaneça, paradoxalmente, a instituição humana mais sólida da sociedade.

Em lugar de ser divinizada ou naturalizada, a família contemporânea se pretendeu frágil, neurótica, consciente de sua desordem, mas preocupada em recriar entre os homens e as mulheres um equilíbrio que não podia ser proporcionado pela vida social. Assim, fez brotar de seu próprio enfraquecimento um vigor inesperado. Construída, desconstruída, reconstruída, recuperou sua alma na busca dolorosa de uma soberania alquebrada ou incerta.

O certo é que o ambiente familiar, independentemente de seu modelo, é a base de construção da cidadania de cada indivíduo. A família nuclear é o modelo padrão, formado por pai, mãe e filhos. Segundo o IBGE, esse é o modelo hegemônico da sociedade brasileira. Contudo, transformações culturais, econômicas e sociais têm conduzido a uma nova demografia, assim como a diferentes arranjos familiares, os quais provavelmente afetam os familiares.

Na concepção tradicional, a família é constituída de um grupo de pais e filhos, ou, em um sentido mais abrangente, incluindo também parentes próximos. Esse conceito corresponde à noção de família nuclear ou família extensiva, mas a compreensão da família altera-se principalmente na década de 1990.

Segundo Castells (1999), a principal transformação que está ocorrendo na família é o fim do patriarcalismo, que "caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre mulher e filhos no âmbito familiar". Este sistema, segundo o autor, está enraizado na civilização, em razão da sua perpetuação histórica e cultural, determinando também relacionamentos interpessoais que extrapolam os limites da família.

Um dos principais fatores, na perspectiva de Castells (1999), que determinou essa mudança é a inserção das mulheres no mercado de trabalho, onde a partir da década de 1980, concomitantemente com a globalização, foi generalizada a ampliação de mulheres em postos de trabalhos.

Outro ponto relaciona-se às transformações tecnológicas, proporcionando controles sobre a reprodução humana. Por fim, está o movimento feminista, com o impacto na esfera do trabalho e na eliminação de qualquer forma de opressão ou desigualdade de poder. Além desses fatores, o autor menciona a difusão de uma idéia de cultura globalizada, na qual está inserida a noção de uma nova identidade feminina, decorrente da sua emancipação.

Esse movimento dá origem a uma crise da família patriarcal, representada pelo "enfraquecimento do modelo familiar baseado na autoridade/dominação contínua exercida pelo homem, como cabeça do casal, sobre toda a família". De acordo com Castells (1999), uma vez que, a dissolução dos casamentos leva à formação de lares de solteiros ou lares com apenas um dos pais, cessa a autoridade patriarcal sobre a família. Também Paiva (2003), discorrendo sobre o casamento e família no século XXI, refere-se a uma nova configuração do conceito de casamento, uma vez que as famílias vão se constituindo de forma mais ampla, incluindo os novos parceiros (marido da mãe/esposa do pai) e os filhos e irmãos agregados, sendo que o pai perde substancialmente a

tradicional figura e função, já que um grande número de famílias é constituído apenas pela figura materna.

Além das inovações tecnocientíficas, os próprios costumes também mudaram quanto à família. Pouco resta da antiga família patriarcal, imutável, regida por um pai autoritário, quando olhamos para as famílias de hoje – rompidas e recompostas muitas vezes. Mas ainda, cortando todos os laços com os costumes anteriores, pares homossexuais passaram a pleitear a adoção ou mesmo a paternidade ou maternidade, usando os novos recursos que prescindem da prática natural do coito entre homem e mulher.

Segundo Roudinesco (2003), dois termos – patriarcado e matriarcado – assumiram uma extensão considerável no discurso antropológico da segunda metade do século XIX que, em função de darem conta das duas modalidades da nova soberania burguesa, serviram para definir um modo de funcionamento real das sociedades: uma fundada na autoridade paterna, a outra no poder das mães. Do mesmo modo foi preciso atribuir-lhes uma função de sexualização do laço social, permitindo pensar a história da família sob a categoria não apenas da diferenciação sexual – o masculino contra o feminino e vice-versa – mas também da contradição entre duas formas de dominação econômica e psíquica: paternalocentrismo de um lado, maternalocentrismo de outro.

A ordem familiar econômico-burguesa repousa, portanto, em três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação das mulheres, a dependência dos filhos. Mas, ao se outorgar à mãe e à maternidade um lugar considerável, proporciona-se meios de controlar aquilo que, no imaginário da sociedade, corre o risco de desembocar uma perigosa irrupção do feminino, isto é, na força de uma sexualidade julgada tanto mais selvagem ou devastadora na medida em que não estaria mais colocada à função materna. A mulher deve acima de tudo ser mãe, a fim de que o corpo social esteja em

condições de resistir à tirania de um gozo feminino capaz, no intuito de eliminar a diferença dos sexos.

A redução da mulher à figura de mãe-higiênica processou-se de modo idêntico à passagem do patriarca ao novo pai. O argumento de choque era o mesmo: aumento da responsabilidade para com os filhos. Descritivamente, essa reciclagem da função feminina na família operou-se em dois tempos. No primeiro, a higiene, acompanhando a urbanização, retirou a mulher do confinamento doméstico, liberando-a para o convívio social e o consumo comercial. Esta etapa seria representada pela crítica a mulher de alcova. No segundo tempo, reforçando a estatização dos indivíduos, a higiene procurou reintroduzir a mulher na família, devidamente convertida ao amor filial e ao consumo de serviços médicos. A mãe higiênica nasceu, portanto, de um duplo movimento histórico: por um lado, emancipação feminina do poder patriarcal; por outro, colonização do espaço público.

Conforme as transformações familiares foram ocorrendo ao longo dos tempos com o declínio do patriarcado e a emancipação feminina as famílias adquiriram características as quais valorizavam o papel de seus integrantes e onde esta é hoje considerada a base de construção para cada indivíduo. Com a exposição dos sentimentos e desejos os indivíduos, por intermédio do casamento, vivem nas relações mudanças que acarretam diferentes formas de se viver o amor e as intimidades para com seus parceiros.

2.2. As Transformações da Intimidade e o “Amor Relacionamento”

As mudanças que vêm acontecendo no amor, no casamento e na sexualidade, ao longo da modernidade, resultaram em transformações radicais na intimidade e na vida

pessoal dos indivíduos. Nesse processo, a chamada revolução sexual e a emancipação feminina tiveram um papel fundamental. Esse tema é objeto de análise do sociólogo Anthony Giddens em “A transformação da Intimidade” (1993). Segundo ele, as novas formas de relacionamento que resultaram dessas mudanças têm como base a igualdade e os princípios democráticos. Para apreender essa realidade atual, Giddens lança mão de três categorias básicas: o amor confluyente, a sexualidade plástica e o relacionamento puro.

O amor confluyente é mais real que o amor romântico, porque não se pauta pelas identificações projetivas e fantasias de completude. Presume igualdade na relação, nas trocas afetivas e no envolvimento emocional. O amor confluyente introduz as armas eróticas no cerne do relacionamento conjugal e transforma a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento. Ao contrário do amor romântico, o amor confluyente não é necessariamente monogâmico nem heterossexual.

A sexualidade plástica é uma sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução. Tem origem na tendência à redução da família, iniciada no final do século XVIII, e desenvolve-se mais tarde com a difusão da contracepção moderna e das novas tecnologias reprodutivas. A emergência da sexualidade plástica é fundamental para a emancipação implícita no relacionamento puro assim como para a reivindicação da mulher ao prazer sexual.

O relacionamento puro é um relacionamento centrado no compromisso, na confiança e na intimidade. Implica em desenvolver uma história compartilhada em que cada um deve proporcionar ao outro, por palavras e atos, algum tipo de garantia de que o relacionamento deve ser mantido por um período indefinido. É um relacionamento diferente da idéia de casamento como uma condição natural, cuja durabilidade pode ser

assumida como certa, exceto em algumas circunstâncias extremas. Uma característica do relacionamento puro é que ele pode ser terminado, mais ou menos à vontade, em qualquer época e por qualquer um dos parceiros. O compromisso é necessário para que um relacionamento tenha a probabilidade de durar, mas não evita que qualquer um que se comprometa sem reservas corra o risco de sofrer muito no futuro, no caso de o relacionamento vir a dissolver-se. Nesse tipo de relacionamento, o que conta é a própria relação e a sua continuidade depende do nível de satisfação que cada uma das partes pode extrair da mesma.

Segundo Giddens (1993), as mulheres têm um importante papel na transformação da intimidade, levando a uma reivindicação do prazer sexual feminino, tanto através do amor, como meio de comunicação e auto-desenvolvimento, quanto em relação aos filhos e em relação aos homens. Com isto veio a se transformar em um elemento básico da reconstituição da intimidade e da autonomia influenciando a transformação da família.

Segundo Costa (2004), todas as lições de amor e sexo dadas à família foram impostas como manipulação político-econômica da classe social burguesa. O amor executava a tarefa de criar e regular os novos papéis sociais do homem e da mulher. A partir do modo como homens e mulheres reagiam aos sentimentos, a higiene fixou características típicas de cada sexo, o que criou obstáculos à união entre os mesmos. Dentre outras, a mulher seria mais passiva, submissa, amava mais e o homem seria mais racional, autoritário, menos amoroso. Uma unidade conjugal ficou difícil de ser concedida com essa disparidade física e sentimental.

Giddens (1993) afirma que, a difusão dos ideais do amor romântico foi um fator que tendeu a libertar o vínculo conjugal de laços de parentesco mais amplos e proporcionou-lhe um significado especial. Maridos e esposas eram vistos cada vez mais

como colaboradores em um empreendimento emocional conjunto, este tendo primazia até mesmo sobre suas obrigações para com seus filhos. O lar passou a ser considerado um ambiente distinto, separado do trabalho, e, pelo menos em princípio, converteu-se em um local onde os indivíduos poderiam esperar apoio emocional, em contraste com o caráter instrumental do local de trabalho. Particularmente importantes em relação à sexualidade, as pressões para se constituírem famílias grandes, características virtuais de todas as culturas pré-modernas, deram lugar a uma tendência a se limitar de uma forma rigorosa o tamanho da família.

A transformação do amor é tanto um fenômeno da modernidade quanto a emergência da sexualidade, e está diretamente relacionada às questões da reflexividade e da auto-identidade. No amor romântico, a absorção pelo outro, típica do *amour passion*, está integrada na orientação característica da “busca” esta é uma odisséia em que a auto-identidade espera a sua validação a partir da descoberta do outro. Possui um caráter ativo e, neste aspecto, o romance moderno contrasta com as histórias românticas medievais, em que a heroína em geral é relativamente passiva. As mulheres das novelas românticas modernas são em sua maioria independentes e corajosas e têm sido consistentemente retratadas desse modo. O motivo da conquista nestas histórias não se parece com a versão masculina da conquista sexual: a heroína encontra e entenece o coração de um homem que inicialmente mostra-se indiferente e distante dela, ou ainda abertamente hostil. A heroína então ativamente produz amor. O seu amor faz com que ela seja amada, dissolve a indiferença do outro e substitui o antagonismo por devoção. O outro seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece – até que a relação de amor seja iniciada. E este vazio tem diretamente a ver com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro.

Os elementos fragmentários da idéia do amor romântico a que as garotas se aferram, buscam deter um controle prático de suas vidas, não estão mais inteiramente ligados ao casamento. Virtualmente, todas admitem que tenham um trabalho remunerado durante a maior parte de suas vidas, a maioria considerando a importância da formação profissional como sendo uma base para a sua autonomia futura. Tem o desejo de um relacionamento ideal com um rapaz, de querer alguém que ame e cuide de si, tanto quanto dele. Foi somente na última geração que, para as mulheres, viver a sua própria vida significou deixar a casa paterna. Anteriormente, deixar a casa significava para todas com exceção de uma pequena proporção de mulheres, casar-se. O paradoxo é que o casamento é utilizado como um meio para se alcançar certa autonomia.

De acordo com Giddens (1993), o casamento já não era para elas uma questão de encontrar um homem, mas estava vinculado a tarefas e preocupações absolutamente diferentes daquelas da geração de suas mães. O termo relacionamento, significando um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa, só chegou ao uso geral em uma época relativamente recente. Podemos introduzir a expressão relacionamento puro para nos referirmos a este fenômeno. Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa, da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem delas satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. Para a maior parte da população sexualmente “normal”, o amor costumava ser vinculado à sexualidade pelo casamento, mas agora os dois estão cada vez mais vinculados através do relacionamento puro. O casamento – para muitos, mas de forma alguma para todos os grupos na população – tem-se voltado cada vez mais para a forma de um relacionamento puro, com muitas

outras conseqüências. Os sonhos de amor romântico das mulheres têm conduzido a uma severa sujeição doméstica.

Em relação a vários conjuntos de influências que afetaram as mulheres a partir do final do século XVIII, um deles e já referido, foi a criação do lar. Um segundo foi a modificação nas relações entre pais e filhos; um terceiro, que alguns chamaram de a invenção da maternidade. No que diz respeito à situação das mulheres, todos eles estavam muito intimamente integrados.

Na última parte do século XIX, o domínio direto do homem sobre a família, que na realidade era abrangente quando ele ainda era o centro do sistema de produção, ficou enfraquecido com a separação entre o lar e o local de trabalho. Certamente, o marido assumiu este poder fundamental, mas com freqüência uma ênfase crescente sobre a importância do ardor emocional entre pais e filhos abrandou o uso que fazia dele. O controle das mulheres sobre a criação dos filhos aumentou à medida que as famílias ficavam menores, e as crianças passaram a serem identificadas como vulneráveis e necessitando de um treinamento emocional em longo prazo. O centro da família deslocou-se da autoridade patriarcal para a afeição maternal.

O elemento distintamente novo, aqui, era a associação da maternidade com a feminilidade, como sendo qualidades da personalidade – qualidades estas que certamente estavam impregnadas de concepções bastante firmes da sexualidade feminina. As idéias sobre o amor romântico estavam claramente associadas à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior. Mas o desenvolvimento de tais idéias foi também uma expressão do poder das mulheres, uma asserção contraditória da autonomia diante da privação.

Outro ponto que tem sido amplamente declarado é de que as relações de parentesco foram se destruindo com o desenvolvimento das instituições modernas. Na

sociedade da separação e do divórcio, a família nuclear gera uma diversidade de novos laços de parentesco associada, por exemplo, às chamadas famílias recombinadas. Entretanto, a natureza desses laços modifica-se à medida que estão sujeitos a uma negociação maior que a anterior. As relações de parentesco costumavam ser, com frequência, uma base de confiança tacitamente aceita; hoje em dia, a confiança tem de ser negociada e barganhada e o compromisso é uma questão tão problemática quanto nos relacionamentos sexuais. Nenhum pai ou mãe consegue perceber todas as necessidades de um filho ou reagir adequadamente a elas.

Desde que o tamanho da família começa a ser cuidadosamente limitado – algo que se desenvolve principalmente no interior da própria família – a reprodução começa a ser antes de tudo governada pelo desejo de criar filhos como um interesse autônomo. A invenção da infância e da maternidade tem aqui as suas origens. Enquanto o comportamento sexual estava ligado à reprodução e às gerações, a sexualidade não possuía existência independente. A atividade sexual era dividida entre uma orientação para a reprodução e a *ars erótica* – essa mesma divisão que classificava as mulheres em puras e impuras. Entretanto, em um determinado momento, interesses econômicos introduziram esse tipo de amor no casamento, transformando toda a sua história.

Até a Revolução Industrial, no final do século XVIII, as pessoas moravam mais no campo, junto a vários outros membros da família, o que fazia com que sentissem afetivamente amparadas. Os casamentos aconteciam por razões econômicas e políticas, por isso é que durava a vida toda. Não havendo romance nem expectativa de satisfação sexual, não havia decepções, e ninguém pensava em se separar.

Mas as fábricas e os escritórios que surgiam foram atraindo os homens para trabalhar nos centros urbanos. Nasceu, então, a família nuclear – mãe, pai, filhos –

agora sozinhos na cidade. Para que o casal suportasse viver assim, longe daqueles com quem tinham laços afetivos, inaugurou-se o amor romântico no casamento.

Entretanto, são várias as mentiras que o amor romântico impõe para manter a fantasia do par amoroso idealizado que duas pessoas se completam nada mais lhes faltando.

No amor romântico idealizamos a pessoa amada e projetamos nela tudo que gostaríamos de ser ou como gostaríamos que ela fosse. Não nos relacionamos com a pessoa real, mas com a inventada, a imaginada. É claro que, na intimidade da convivência do dia-a-dia, para manter a idealização a consequência natural é o desencanto.

Capítulo III: A Identidade Feminina Face à Vida Sexual e a Exclusão:

Um Estudo Clínico

3.1. Percurso Clínico

O dispositivo clássico da escuta psicanalítica é o dispositivo criado por Freud, cujo modelo é o da clínica médica, ou do atendimento clínico e consultório. Assim, ocorre à difusão da psicanálise, seja pela consolidação histórico-social da psicoterapia como prática clínica reconhecida, seja como tratamento. Reconhecido no campo da saúde das pessoas, produziu a necessidade e a emergência de novos meios, novos instrumentos para dar suporte à prática da escuta psicanalítica e outras instituições que não o consultório particular.

A abordagem da pesquisa empírica procurou se manter homogênea à natureza do recorte clínico. Desta forma adotamos o dispositivo de entrevista do tipo clínico, buscando uma adaptação do dispositivo empregado por Del Volgo (1998), onde a autora, atuando em um serviço de atendimento a pacientes com problemas respiratórios, emprega a expressão “instante de dizer” para designar a predisposição à transferência, no sentido de abertura a um encontro intersubjetivo. O dispositivo que nos inspira no presente estudo pode ser resumido da seguinte forma (Campos, 1999): a) pela representação do sintoma somático, o paciente coloca em palavras um sofrimento, o fio condutor desta narrativa é a preocupação corporal (o problema respiratório), ao paciente é solicitado fazer a historicização do sintoma e a preocupação corporal é a base para que o paciente crie uma narrativa; b) pode-se considerar uma analogia entre a narrativa do “sonho de angústia” em Freud, e a narrativa dos pacientes, a preocupação corporal “se faz” em palavras, ela se torna um elemento do discurso, toma valor de significação

de sintoma neurótico, o que tem valor funcional de um sintoma; c) o dispositivo se desencadeia a partir de uma oferta, oferece-se aos pacientes um momento de escuta, a possibilidade de colocarem em palavras seu sofrimento, que quebra o ritmo mecânico do tratamento no serviço hospitalar.

Este último dispositivo é adotado e adaptado na atual pesquisa, sendo oferecido ao sujeito um momento de escuta, para falar de suas experiências. Também se solicita uma “historicização”, não da doença somática, uma vez que não se trata deste enquadramento, mas sim de suas experiências amorosas e sociais, onde a sexualidade faz parte destas. Como o sujeito em questão já havia sido atendido pelo grupo da extensão comunitária, pode-se considerar que a textura psicológica da entrevista não é desconhecida pela participante. Esta condição favorece a predisposição à transferência e observa-se o mesmo efeito de “quebra” no tempo, no ritmo acelerado da vida cotidiana do sujeito: pare, não seja tão apressado, espere.

Considerando o desenvolvimento da identidade feminina optou-se investigar a vida sexual de uma mulher adulta, averiguando o impacto da situação de exclusão social sobre a sua sexualidade. A exclusão a que se refere no estudo não é a de pobreza e sim a de o sujeito não ter condições internas e possibilidades para mudar sua forma de viver e de ser no mundo. A análise psicanalítica se realiza por uma forma específica de interpretação, assim o sujeito pode traçar o seu destino singular, pela construção de um estilo de existência e identidade.

Participou deste estudo um sujeito do sexo feminino, casada a mais de dez anos, com idade de trinta e um anos. Residente em um setor de classe baixa situado na região metropolitana de Goiânia. O sujeito foi localizado através de um trabalho de terapia de grupo desenvolvido por uma equipe de psicólogos, onde a mesma participou das atividades que lá eram desenvolvidas.

Foi solicitado um lugar adequado e tranqüilo para que pudéssemos conversar; inicialmente foi feito um contrato de sigilo verbal e em seguida explicado o objetivo da pesquisa e como esta seria. A entrevista foi realizada de modo aberto para que os elementos propostos pudessem aparecer no discurso do próprio sujeito, utilizando-se de um gravador para posteriormente ser transcrita, auxiliando assim na interpretação e na análise do exposto.

O estudo clínico foi dividido em dois momentos, primeiro o sujeito foi selecionado por melhor se enquadrar nos requisitos a que estaria sendo investigado, tais como: estar casada a mais de cinco anos, ter idade acima de vinte e cinco anos e morar no setor escolhido. Em um segundo momento, o sujeito foi contatado para explicitação do que consistia a pesquisa e assim marcado com o mesmo que por sua vez concordou em participar da pesquisa e uma entrevista foi marcada em sua própria residência.

O método psicanalítico utilizado para fazer a análise do material coletado foi o da interpretação. Neste método, não se pode isolar o pesquisador do material. As interrogações teóricas participam da reconstrução do caso clínico. Embora a entrevista tenha sido gravada e transcrita, o material foi objeto de uma construção no sentido freudiano.

Durante a entrevista o método psicanalítico requer uma “escuta flutuante” (Gori, 1998) no momento da escuta, o que recusa a tomada das notas no momento das mesmas. A escuta psicanalítica não poderia abandonar nem a vertente dos traços significantes, pelos quais o recalcado se manifesta no discurso, e sem os quais as formações do inconsciente viriam fazer falta, nem de uma pragmática da fala reconhecida como ato enunciativo na sua função metafórica de satisfações pulsionais, perdendo assim todo o poder, pois se trata de dois pontos indissociáveis da transferência.

Para Freud (1912/2004), “a transferência é ela própria, apenas um fragmento de repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os aspectos de uma situação de escuta”.(p.197). Campos (2000), alerta que a transferência não é uma repetição mecânica, pois o sujeito refaz um modo de escolha de objeto, a relação é transformada.

Utilizando a psicanálise como base teórica, procurou-se apreender no discurso do sujeito, suas experiências vividas e os elementos que constituem sua identidade feminina, principalmente no que diz respeito às fases do desenvolvimento psicosssexual. À medida que o sujeito falava sobre o tema inicial, surgiam-se novos temas, novas associações que modificavam a direção da entrevista, permitindo que fluísse espontaneamente.

Ao falar sobre o tema proposto, inicialmente o sujeito independente de uma seqüência lógica, revelou dados sobre a história de suas relações amorosas, como surgiu o interesse pelo namoro e casamento, discorrendo sobre o primeiro namoro, a primeira relação sexual até chegar à situação atual e de como lida com a sexualidade desde a adolescência e a fase adulta.

Deste modo, a pesquisa qualitativa utilizada no presente trabalho através do estudo clínico, é refletida como um estudo de caso e conforme vai sendo construída é também investigada e interpretada, modificando assim o próprio processo.

A metodologia utilizada reflete, portanto, um processo eficaz de investigação dentro de um determinado sistema teórico, pois toda pesquisa científica implica em uma teoria como base e um método como procedimento. A pesquisa qualitativa em psicologia clínica é também um encontro intersubjetivo, no qual, à medida que os discursos são produzidos, são também interpretados.

3.2. Estudo de Caso: A História de uma Sexualidade sem Autonomia

Para uma melhor compreensão, alguns extratos da entrevista (anexo) serão reportados durante a construção do caso clínico.

A entrevista iniciou com o pedido de que o sujeito contasse um pouco de como surgiu o seu interesse em namorar, como foi a história de seus relacionamentos e ela começou dizendo que:

Extrato: *“O primeiro namoro foi assim: nós estávamos em Caldas Novas e trabalhava na casa de uma família. Ele pegou e falou para o dono da casa: quem é essa moça? Eu era novinha, corpinho bem bonitinho. Fiquei limpando a casa lá para dentro enquanto ele saía da sala. Ele olhava para mim assim... Quando ele chegava falava: tudo bem baixinha? Falei: tudo bem e você? Bem! Como é seu nome? Falei: Márcia. Ah! O meu é Divino (nome fictício). Ele falou para o meu patrão que queria conversar comigo. Todo dia à tarde eu ia para o clube, chegava ele estava lá. E meu patrão falava: ou ele quer falar com você. E falei: o que você quer conversar comigo? Ele falava: não, eu queria chamar você para namorar. Falei: não, só tenho quinze anos! Minha mãe não vai aceitar. Ele falou: não, nós vamos lá pedir para ela. Falei: não, só tenho quinze anos. Ele pegou e foi na minha casa e conversou com minha mãe. Não é porque vi ela e fiquei interessado. Queria namorar ela. E minha mãe: está liberada! Eu vixe mãe está liberada? A senhora não sabe se estou liberada, não estou liberada. Como que a senhora está falando que está liberada? Falei na cara dele. Nem eu se liberei para ele. Ela: não minha filha! É por causa que ele veio pedir por isso que estou falando. Nossa! Não gostava também não sabe. Queria era curtir a vida e passear. Mas eu apaixonei de*

vez. O trem está errado! Porque a pessoa apaixonar de repente assim. Tem hora que penso: Meu Deus! Porque fui apaixonar de vez, fui ter um filho logo. Paixão esquisita. Adolescente tem cada paixão! Mas foi indo... foi bem. E até hoje nunca mais vi ele. Mas eu não podia... eu gostei, gostava tanto dele que não podia ver ele. Antes de engravidar. Mas depois que engravidei... parece que foi, sei lá o que aconteceu tomei raiva dele.”

Neste extrato da entrevista Márcia conta a história de seu primeiro relacionamento e passa a impressão que, no início, não pensava em namorar com este homem que sempre estava na casa da família a qual ela trabalhava. Disse que queria curtir a vida e passear, pois era adolescente e tinha somente quinze anos. Em sua fala, percebe-se que ela não demonstra interesse e desejo no início do namoro. O rapaz, um cara bem mais velho se interessa por ela e vai pedir permissão para a mãe onde esta “libera” a filha. A partir daí ela questiona o modo como a mãe a “liberou”, mas não sabe o que realmente quer e não coloca sua opinião. Márcia demonstra uma certa ação com relação ao seu desejo, mas a mãe e o rapaz é que decidem por ela. Em um momento da entrevista diz que não gostava dele e após um tempo se apaixonou de uma vez. Relata que após ter engravidado diz não saber o que aconteceu porque tomou raiva dele e conta que:

Extrato: “Ele chegava perto de mim, para me abraçar e eu: não dá licença, sai para lá. Não quero beijo seu! Quero beijo seu não... se vira para lá... vai atrás de outra. Ele falava para o meu patrão: a menina está apaixonada, a menina tomou raiva de mim. Não é porque ela está grávida. Tenha paciência. Foi indo que tive o Marcos (nome fictício) e vim embora para cá. Não quis nem ver. No outro dia que ele chegou lá ficou

doidinho! Cadê a Márcia? Ih! Já foi embora para Goiânia há muito tempo. Saí sem ele ver. Nossa! Levou meu filho? Assim: levou. O que ela falou para você? Falou que ia embora e não ia te dar satisfação. Fui embora e até hoje. Porque não sei de vida dele, diz que mora aqui em Goiânia. Não deu para durar porque eu sabia que foi só um namoro. De repente veio o meu filho. Foi um relacionamento, acho que foi só um passa tempo mesmo. Sofri muito porque gostava muito, foi indo eu engravidei e tomei raiva. Mas foi indo que Deus deu o meu filho. Está bom! Até hoje, mas não confiei, não tive esse relacionamento mais e nem meu filho, ficou tudo para lá. Durou um ano só. Vim embora para Goiânia e nesse período não teve...mas durante estava junto, estava bem, foi só a raiva mesmo. Eu não sei o que passava na minha cabeça. Falei: Meu Deus! Será se eu rejeitar vou sofrer muito. Primeiro amor assim é esquisito. De repente engravidei e tive raiva, não quis ele mais. E ele foi só entristecendo, ele tinha trinta e dois anos. Olha como era novinha para ele que tinha trinta e dois anos.”

Segundo Márcia o namoro durou um ano e a raiva que teve do namorado foi por causa da gravidez e depois que o filho nasceu decidiu ir embora para outra cidade sem o rapaz saber. Refere-se ao namoro como um relacionamento que não durou porque foi “*só um namoro*”. Disse ter sofrido muito, porque gostava muito dele e se considerava muito moça, tinha quinze anos e ele trinta e dois. Referiu-se a esse namoro como um “*passa tempo*” e que ao vir embora “*deixou tudo para lá*”. A impressão que Márcia passa é que, na verdade, este namoro não foi um passa tempo, que ela não deixou tudo para lá porque ela disse ter se apaixonado e demonstrou um envolvimento. Ela “entra” no desejo dele e em vários momentos da entrevista se refere ao primeiro namorado sem perceber. Ao iniciar a história do segundo relacionamento conta que:

Extrato: *“Foi um dia que fui numa festa, fui espairecer e não passava na minha cabeça que ia arrumar. Porque estava meio abalada depois do outro. Estava junto com minhas amigas de repente chegou um rapaz que disse: meu colega quer conhecer você. Eu: que colega? Meu colega ali na frente. Eu falei: depois estou indo lá. Espera um pouquinho estou conversando aqui. Conversei mais minhas amigas e tinha esquecido. Aí minha amiga: vamos lá o rapaz quer conversar com você. Ele chegou e falou: tudo bem? Falei: tudo bem. E foi logo me abraçando e falei: ôpa espera aí não é assim não. E sua namorada? Ele disse: não, não é minha namorada. Eu falei: não espera tenha calma. O que você quer? Ele falou: queria te conhecer. Falei: prazer Márcia ele: prazer João (nome fictício). Na hora que ele veio me abraçando a menina foi se afastando dele. Parece que ela viu algo muito estranho. E ele foi me abraçando, querendo me beijar, meu rosto. Falei: o trem está estranho! Ele: eu gostei tanto da sua amiga, o jeito dela desde que ela passou aqui. Eu falei: passei aqui e nem te vi. Eu falei: não, já estou indo embora, vou para casa, era umas nove e meia. Não vai não. Espera, fica mais um pouquinho. Eu falei: não está tarde, meu filho está me esperando. Você tem filho? Eu: tenho, meu filho está com minha mãe. Eu vim aqui só para espairecer mesmo. Ele: ah! Você quer que eu te leve em casa? Eu falei: se você quiser, se sua namorada não achar ruim. Não é minha namorada não. Ele pegou e me levou em casa. Deu uma semana ele falou assim: você vai me dar a resposta? ele me chamou para namorar. Eu falei: vou pensar e o pensar era lembrando do outro. Ele falou assim: você quer quantos dias para poder pensar? Eu falei: uma semana para mim pensar. Ele: então está bom, então pensa. Eu vou no ônibus das seis e meia. Você trabalha? Eu falei: trabalho. Ele falou: então está, no ônibus das seis e meia eu te espero. Chegava a segunda feira dava seis e meia, me dava uma falta de paciência, uma preguiça de levantar. O ônibus das seis e meia passava e eu só ia no ônibus das sete. Passei uma semana dando bolo nele. Teve*

um dia, no sábado eu peguei o ônibus das seis e meia, dei mesmo de cara com ele. Falei: aí meu Deus do céu! O rapaz está aqui. Na hora que eu ia chegando que pus a mão na catraca ele pegou na minha mão. Ele: você me esqueceu? Eu falei: esqueci não, é porque não acordava no horário certo. Ele foi logo me abraçando, me beijando. Falei: meu Deus. Ele: e aí você pensou? E eu olhava para ele e falava: oh meu Deus! Será se eu penso. Será se eu pensei... E lembrando do outro. Ah! Pensei... Mas no pensamento sabe... Ele falou: você pensou mesmo? Eu falei: pensei. Então quer dizer que estamos namorando? Falei: estamos. Mas sabe, parece que não queria. E ele: então de noite vou lá na sua casa. Então está bom. Quando cheguei de noite ele já estava me esperando. Entramos e apresentei minha mãe, meu irmão e minha mãe falou: vocês vão namorar mesmo? Eh...desse jeito... E parece que não estava gostando dele, não gostava dele de jeito nenhum. Aí meu Deus do céu! Como que faço para eu esquecer o outro. E ele falava: você gosta de mim? Eu falava: gosto. Mas não gostava. Para não ficar maltratando ele, falava gosto. Foi indo ele: acho que você não gosta de mim. Parece que ele estava vendo nos meus olhos que não gostava dele.”

Neste extrato da entrevista Márcia conta a história de seu segundo namoro, pode-se perceber uma repetição de seu primeiro relacionamento. Ela disse que não queria namorar, pois estava “abalada depois do outro”. Ela vai a uma festa com as amigas e um cara se interessa por ela e não o contrário. Márcia não demonstra interesse e nem desejo por este homem. É ele quem toma a iniciativa de iniciar o namoro e ao apresentar o rapaz aos familiares ela decide namorar com ele sem saber novamente o que quer e o que deseja. Disse que no início não gostava dele e que para não maltratá-lo dizia que gostava. Mas que, na verdade, “só pensava no outro”. E continua sua história dizendo que:

Extrato: *“Falei: não vou mentir para você não. Vou falar a verdade para depois você não ficar enganado. Eu não gosto, estou tentando esquecer um. Ele falava: mas você vai esquecer eu tenho certeza. Ele falou pra mim que eu ia esquecer o outro. Eu: você quem sabe, faz sua parte. E foi indo meu menino chamava ele de pai e quando eu ia pegar para dar mamadeira para ele não queria eu de jeito nenhum. Queria ele, que desse a mamadeira. Eu: meu Deus do céu! Eu falei: o menino, o neném quer você. Não, pode trazer ele aqui. Não tenho jeito não, mas vou acostumando. Ele tomava tudinho a mamadeira com ele. Comigo ele já não queria. Foi indo que fui pegando amor nele. Nossa, mas foi difícil. Não gostava de jeito nenhum. A gente pensa: será se a gente não esquece, mas a gente esquece.”*

Segundo a psicanálise, “a noção de algo insubstituível, quando é ativa no inconsciente, muitas vezes surge como subdividida em uma série de simbolizações, pelo fato de cada substituto deixar de proporcionar a satisfação desejada”. (Freud, 1909/2004, p.175). Ao relatar a história de seus relacionamentos pode-se perceber uma certa passividade de Márcia, onde esta deixa os homens aos quais se relaciona decidirem por ela. Conforme as novas formas de relacionamento que foram citadas anteriormente neste trabalho e que resultaram de algumas mudanças, lembra-se de Giddens onde lança mão de três categorias: o amor confluyente, a sexualidade plástica e o relacionamento puro. Essas mudanças que vêm acontecendo no amor, no casamento e na sexualidade ao longo da modernidade resultaram em transformações na intimidade e na vida pessoal dos indivíduos. Márcia não vê o amor como o autor descreve, como um amor romântico e nem como amor relacional, e não percebe sua posição porque os dois homens que teve em sua vida é que se interessaram e tomaram a decisão por ela. Márcia

não demonstrou interesse pelos parceiros e deixa a entender que esquece seu desejo e entra no desejo dos homens aos quais se relacionou.

Freud (1909/2004) relata que as condições necessárias ao amor é que determinam a escolha de um objeto feita pelas pessoas e a maneira pela qual elas conduzem as exigências de sua imaginação em harmonia com a sua realidade. A mulher a qual entrevistei parece não ter vivido um amor relacionamento, pode não perceber a forma como conduz seus relacionamentos e sua vida social. A mãe é quem decide que ela irá namorar o rapaz e assim aceita sem saber o que deseja na verdade, não impondo suas vontades. E ao contar como foi a decisão de morar com o segundo namorado conta que:

Extrato: “ele falou: Estou precisando de uma esposa para mim porque minha mãe já está de idade, velhinha! E ela não tinha aquela força mais para lavar roupa dele. Falei: então está bom! Vamos conversar com meu pai e minha mãe, vem aqui para conversarmos. E fui para o serviço, de noite ele foi lá em casa me chamar e eu vim. Falei: então está bom! Pode trazer o neném para cá. E foi indo que ele falou: não vai no serviço não. Vai lá e pede conta. Porque ele não tinha ninguém para lavar roupa dele. A mãe dele já era de idade de repente adoeceu, ficou muitos anos doente e veio a falecer. Peguei e falei: então está bom! Meu menino veio e ficamos aqui. E conversei com minha mãe que falou: você quem sabe. Minha mãe falou desse jeito. Eu não sei não, vocês dois é quem sabem. Falei: então está bom! Depende de você minha filha se você achar que é certo. Porque é melhor do que você ficar namorando com um e com outro. Fui pensando e pensando... Ah! Quer saber de uma coisa é o jeito eu ir. É enfrentar e vim. Foi difícil. Mas pensei também no meu filho, vou pensar o que é melhor para nós. Porque não vou ficar mesmo com o pai do Marcos. Não sabia onde

ele estava e falei: vou arrumar outro para mim que é melhor. Foi indo que estamos morando junto até hoje.”

Foi percebido que Márcia não tomou esta decisão de morar junto com seu parceiro em conjunto. Ele faz uma proposta para ela de morarem juntos porque a mãe dele já estava de idade e não dava conta de lavar as roupas dele. Ela aceita morar com ele sem expor seu desejo e sua opinião levando o filho e aceitando a situação pensando no que era melhor “*para nós*” no caso nela e no filho. Márcia até demonstra uma atividade ao resolver enfrentar a situação, mas seu desejo não é o que prevalece. Ao ser indagada se é casada no religioso conta que:

Extrato: “fomos duas vezes para casar, no civil e não deu certo. Por causa que a mãe dele e a minha mãe legítima tinham que assinar. Foi indo que não tinha jeito e o juiz falou: quando vocês tiverem vinte e dois anos podem casar. E foi indo que a gente desleixou. Mas já fomos duas vezes para casar e não tinha jeito. Minha avó era daquele pessoal antigo e dizia: vai casar porque se não vocês não vão registrarem o neném. Porque de repente fiquei grávida. Ela tinha essa coisa engraçada! Falei: nunca vi essa, será se tinha isso? Falei pensando sozinha. Tinha que casar para registrar o neném. E nós fomos duas vezes para casar e parece que foi um trem. Ele falou: ah não vamos parar com isso. Eu falei: não então vamos porque não tem jeito mesmo. Minha mãe legítima estava no Norte. Eu não conhecia e não sabia quem era ela. Nunca nem tinha visto. O nego também não conhece a mãe legítima dele. Foi criado pela avó. Agora a gente ficar se martirizando para um trem que não acha os pais. Do lado dele não tinha jeito nem para o meu, então danou vamos ficar sem casar. Tenho vontade de casar no civil. Agora dizendo ele que já até passou a vontade. Ele falou: o tanto que

pelejei e agora não deu certo, não dá certo mais. Falei: dá sim, um dia dá é só querer. Agora estamos tudo de maior é só casar. E ele: É mesmo. Ele falou que dava até descrença na hora que ia para casar. Dizendo ele que vivemos muito bem assim. Eu falei: é você quem sabe, está bom.”

Márcia relata que ela e o marido foram duas vezes ao cartório para casarem e que não deu certo, pois precisavam da assinatura dos pais e que os dois não tinham pais e também eram menores de idade. Relatou que depois disso o marido falou pra ela que eles podiam deixar as coisas como estavam porque ele havia “*descrençado de casar*” do jeito que estava “*estava bom*” e ela concordou com o marido dizendo: “*você quem sabe*”. Márcia passa a impressão de ser uma mulher acomodada, que tudo pra ela está bom e assim vai levando a vida, sem fazer algo por seu desejo, ate tenta expô-lo, mas não deixa o prevalecer na situação. E a falta de crença do marido, de não querer mais casar e assumir um compromisso porque de qualquer jeito para ela estaria bom. Pode ser constatado uma falta de autonomia por parte dela, tornando-se como modelo de objeto do desejo do outro, não se importando consigo mesma. E continua sua história dizendo:

Extrato: “De repente não deu em nada para casar. Meu Deus do céu! Será se não éramos um para o outro. Fiquei pensando sozinha. Não deve ter sido porque duas vezes que vai para casar e não casa. Ele: não deixa para lá. Não fica nervosa não. E até hoje ele não conhece a mãe dele e eu não conheço meus pais só sei que meu pai morreu. Se fosse para casar agora podia está todo mundo de maior. Agora é do lado dele que não quer. Ele fica dizendo que agora não quer. Que vivemos muito bem assim.”

Neste trecho Márcia demonstra um desejo de casar com o marido no civil, mas não toma uma atitude com relação a isto permanecendo com a opinião dele. Para ela está bom assim e desse jeito fica. Pode ser percebido um abandono psíquico quanto social na história de Márcia. Ela não possui estruturas internas para defender o que realmente deseja. É um abandono por parte da sociedade em que vive, sendo desprovida de benefícios que o Estado possa lhe proporcionar. Ao pedir que conte como é sua relação com o marido diz que:

Extrato: “A única festa que fomos foi no dia que conheci ele. Ele sempre ia sozinho e eu sempre ficava quieta. Mas o negócio sabe, eu acho que era mais o ciúme de mim. Porque ele não queria sair comigo. Foi indo depois que a gente casou, ele não queria sair comigo. E pensava será se é frescura? Porque se não saía com a esposa, com os filhos... Porque o José toda a vida teve rinite alérgica, tem bronquite e não podia ir para a friagem. Não sei o que...Aí vai a mulher, vai só dependendo da casa e dos filhos. Porque não pode sair, por causa de um problema ou de outro. Minha comadre mora no Mato Grosso, tenho tanta vontade de ir lá. Ele nunca me levou em Mato Grosso e nem na Barra do Garça, na casa dos tios. Falei: Mas o homem é parado demais. Enquanto tinha um primeiro que tinha mais liberdade, o outro já é mais... esses dias mesmo que minha cunhada veio falar que ele ia em uma viagem. Eu não estou sabendo dessa viagem. Mas estou esperando ele vir, chegar e conversar comigo. Mas depender de mim, dele falar assim: vamos? É tarde, é difícil. Porque agora tem meus filhos, tem o outro, tem o meu armazém que tenho que ficar olhando. Em um ponto foi bom, no outro não foi bom não. Porque casar só para poder falar: estou casada e não ter liberdade. Porque o homem é ciumento até falar chega.”

Em outro momento, disse não sair com o marido. Diz que ele nunca a levou para passear em seus parentes e que não sai com ela para lugar algum. Ele sempre vai sozinho aos lugares, como as festas, e que sempre demora. Parece que a passividade prevalece em várias ocasiões de sua vida. Ela não demonstra interesse na rotina do marido e assim vai cuidando da casa, dos filhos e do comércio do casal. Para ela casar seria ter liberdade junto com o marido e uma diversão, mas parece que ela não tem liberdade e não se diverte. Considera-se uma mulher casada e ao ser indagada de como é estar casada diz:

Extrato: *“Me considero casada e me sinto bem. Melhor do que casada no papel. O jeito de cuidar dos filhos é muita responsabilidade. Eu sinto muita responsabilidade para mim só. Porque me desgasto muito. De ter casado me arrependi. Fico pensando, para que ter casado. Era para ter tido só um mesmo e pronto e deixado as águas rolarem. Nos outros pontos são bons, nos outros pontos não. De estarem os dois juntos. Eu junto com ele. O negócio de não passear acho ruim porque a gente não passeia.”*

Perguntei a Márcia o que achou da atitude do marido e logo disse que *“é melhor que estar casada no papel”*. Figueira (1987) considera que o sujeito pode aderir a ideais modernos, mas subjetivamente, conservar ideais arcaicos. Nesse sentido, pode-se depreender que, dada a velocidade com a qual se operam as mudanças e a possibilidade da permanência de códigos tradicionais, os processos de escolha podem ser conflitivos. Considerou estar casada muita responsabilidade, que desgasta muito, mas que se sente bem. Por um lado disse ter se arrependido por *“ter caído numa besteira”* e ao ser perguntado por que considera uma besteira diz que *“resolveu fazer o que era melhor*

para nós”, no caso ela e o filho. Segundo ela o marido define de terem uma união estável, onde a mesma concorda. E continua dizendo:

Extrato: *“Eu acho que ele tem inveja. Acho que é. Porque de primeiro quando eu era solteira andava bonita, bem arrumada e o pessoal ficava olhando e conversando comigo. Acho que ele pensa assim. Por exemplo: vou trabalhar, sair para trabalhar e os homens acham que a mulher vai trair. Mas não é. Eu falei para o meu esposo: será se suas amigas traem o marido delas? As que trabalham. Será? Acho que ele pensa desse jeito. Porque tem mulher direita também. Tem mulher que trai, mas tem muita mulher direita.”*

Disse que o marido tem um *“ciúme doentio”*, pois disse que ele não a deixa trabalhar porque pensa que ela vai traí-lo, que tem ciúmes de suas amigas e não passa os recados para ela. Márcia considerou este ciúme como uma atitude *“esquisita”*, e, para ela, o marido tem inveja dela. Ao falar mais sobre essa inveja disse que ele a inveja porque ela *“faz tudo”*. E referiu-se também ao fato de quando ela era solteira ela andava sempre arrumada e era bonita. Segundo o relato da entrevistada a impressão que este homem passa é a de que não queria se casar com uma mulher, não queria uma companheira e sim uma empregada doméstica para cuidar da casa, de seus filhos e do comércio do casal. Outra questão é a falta de auto-estima da própria Márcia, o que pode resultar a certas atitudes na relação com o outro. Como por exemplo, de passividade, de não expor seu desejo e na forma como lida com seus conflitos.

Em outro momento comenta que o marido fica tranqüilo, não faz nada, não a ajuda disse que *“ele joga tudo nas minhas costas”*. Neste trecho pode-se imaginar no peso que Márcia carrega em suas costas, pois é ela que toma conta de tudo, de todo o

trabalho pesado da casa e da preocupação com os filhos, enfim, toda a responsabilidade fica para si.

Na entrevista percebe-se que Márcia usa uma linguagem que pode não ser de romance e compromisso, de não se envolver nas relações amorosas. Ela não conheceu seus pais legítimos, não teve com quem conversar sobre assuntos como namoro e primeira relação sexual, não teve um referencial para seguir como modelo e relatou que a pessoa que a criou “*não tinha esse dom.*”

O processo de democratização das relações pessoais afeta profundamente as representações e vivências do casamento. No contexto brasileiro, principalmente entre os segmentos médios urbanos mais intelectualizados, o casamento tradicional regido pela dominação masculina vem dando lugar a outra forma de casamento, onde a mulher reivindica igualdade e há uma constante negociação no relacionamento, conforme descreve Araújo (1997). Nesse tipo de casamento, a intimidade tende a se reestruturar com base em novos valores, entre os quais amizade e companheirismo se colocam como fundamentais e pode-se perceber que no relacionamento desta mulher a que entrevistei não existe intimidade, companheirismo e cumplicidade por parte de nenhum deles o que não valoriza o relacionamento.

Disse que seu relacionamento com o marido é bom, mas em seus relatos falou que eles não têm diálogo, ela não sabe de sua rotina, de seus programas, e quanto as viagens que vai fazer sempre é a cunhada que a avisa. E ao invés de falar com ele fica esperando o esposo chegar para lhe falar algo. Disse ter vontade de sair, passear e que não toma nenhuma atitude porque ele não sabe conversar, que ele só sabe brigar e que para não brigar fica quieta, disse não ter liberdade, que ele é muito ciumento. Foi pedido a Márcia para explicar melhor o ciúme do marido e ela disse que ele fala muito que ela não gosta dele, que ela o trai e que ele desconfia muito dela e, às vezes, até

cheira o travesseiro para ver se tem o cheiro de outro homem. Disse que o marido não gosta quando ela fica por perto quando reúne seus amigos para jogar baralho. Relatou que “*ele adora jogar truque*” e pode-se pensar em um truque que o marido faz com ela, com relação ao relacionamento dos dois. O fato de o marido ficar o tempo todo falando que ela não gosta dele, que ela o trai quando parece que é ele quem a trai e coloca a culpa nela.

Márcia deixa entender que sabe o que acontece em relação a ela e ao marido, mas que no fundo não quer acreditar, não quer tomar uma atitude com relação às atitudes do marido e nem as suas próprias. Ela disse que “*deixa para lá*” e, mas uma vez ela deixa seus conflitos para lá, não existe uma autonomia do desejo dela, não existe desejo e nem vontade do sujeito para mudar isso. Disse que o marido “*vive desconfiado*”. Parece que Márcia até pensa em fazer algo para mudar sua relação com o marido, mas ela não tem a coragem ou não quer tomar essa atitude porque não consegue elaborar o que realmente acontece. O sentimento que tem pelo marido é que gosta dele, mas parece ter medo de perdê-lo ou decepcioná-lo. Seria melhor que ele melhorasse sua ignorância e saísse mais para passear com ela e os filhos. Seria melhor ele tomar atitude para que ela não se sentisse culpada. Observa-se que ela pensa, se realmente, que é só ele que tem de mudar. Parece que ela também tem que mudar, para ela tudo está bom, mas também está ruim e ela fica ali esperando as coisas mudarem, sem agir, ela demonstra ser acomodada. Lembrando uma de suas frases a qual disse que “*ele tem que mudar dele próprio, de seu próprio coração*”.

Segundo Oliveira (2006), as pessoas travam verdadeiras batalhas na tentativa de mudar o outro. Exigem que o outro pense, sinta e se comporte igual a elas e, quando isso não acontece, dizem que o outro está errado, tentam corrigi-lo. Parece que o amor

está condicionado à mudança do outro. A diferença surge como uma ameaça dá medo, medo de ser julgado, de não ser aceito, de não ser amado.

Márcia fala que o marido é “*empacado*”, mas conforme sua fala, ela demonstra que a falta de iniciativa advém de si. Ela fica esperando o marido mudar e esta mudança nunca ocorre. Enquanto ele vai às festas, viaja sem ela, visita os parentes, entende-se que o marido está vivendo e ela está passiva. Ao ser instigada sobre este assunto em um momento da entrevista comentou não querer fazer nada com relação a isto, que “*prefere fingir que não existe*” e conforme sua história pode-se pensar se ela existe como mulher. Parece que Márcia esqueceu da mulher que foi, é e será.

É compreensível o desafio constituído pelo tornar-se mulher, que Freud apresentou como uma das tarefas mais complexas que qualquer mortal jamais teve de executar. Para dar forma, nela mesma, à mulher, e depois, à mãe, a menina tem que inscrever em seu brasão, a cada prova, um novo lema a que deverá se ater: uma espécie de “máxima” que orientará sua “ação”, um lema, ao mesmo tempo, de “manutenção” e “regeneração”. (Assoun, 1993, p.xii). Cercada, além disso, por ter determinismos sociais e restrições culturais, a mulher, longe de permanecer inerte, mostra-se uma “pura atriz de sua identidade”. O que justamente, problematiza de maneira fundamental a própria noção de uma “identidade” feminina.

Assoun (1993), afirma uma consideração da tarefa específica do tornar-se mulher permite pôr as coisas em sua verdadeira perspectiva. É justamente toda a postura da mulher diante da castração e o estilo de seu complexo de castração que se exprime nessa contradança de atividade (inerente a sua condição) e passividade. O passivo é uma emboscada para o gozo, porque encerra a causa de desejo de quem o contempla. Qualquer um que seja visto pode se beneficiar desse “a mais”, desse excesso, por pouco que se preste à fantasia de outrem. Assim se dá com a passividade

feminina, tal como Freud pôde tentar delimitá-la. Embora o homem procure a mulher tal como ela se dá na sua imagem, ele não apreenderá dela senão o pouco de sua própria fantasia, enquanto que uma mulher, prestando-se a ela, se perde, e em se perdendo goza por essa própria perda, pela queda numa alteridade onde seu nome se desfaz.

O casamento formal, heterossexual com fins de constituição da família, continua sendo uma referência e um valor importante, mas convive com outras formas de relacionamento conjugal como as uniões consensuais, os casamentos sem filhos ou sem coabitação, e também as uniões homossexuais. Nesse processo de transformação da intimidade, dos valores e das mentalidades, a tendência da sociedade é tornar-se cada vez mais flexível para acolher essas novas configurações das relações amorosas.

Durante a entrevista Márcia quase não fala dos filhos mais novos os quais são frutos de sua segunda relação. Durante a entrevista sempre fala do filho mais velho, sempre dando mais ênfase a ele, o qual é fruto do primeiro relacionamento ao qual não se desvinculou. Sempre o elogia muito, fala de suas qualidades, o que faz e deixa de fazer. Que sua relação com ele é boa e sempre conversam muito. Ela passa a impressão de que vê no filho mais velho o primeiro namorado aquele que não deixa de falar, aquele que não esqueceu e não quer esquecer. Aquele namorado que não deixou para lá.

Ao falar da filha de sete anos disse ter que segurá-la mais um pouco, tenta sempre explicar, conversar com ela o que é certo e o que é errado. Para ela não cair em uma “*besteira*” e para que “*arrume alguém certo*” disse que “*não quero que ela passe pelo que eu passei*” que tem de “*cuidar dela porque é uma menina- mulher*”. Ao comentar sobre a filha como uma menina-mulher Márcia passa a impressão de que não houve uma transformação com ela mesma. Parece que na época em que ela estava passando pela mudança de menina para a mulher não teve o apoio de ninguém, logo quando surgiu sua vontade para namorar conheceu um homem mais velho e

engravidou. Parecendo que perdeu sua juventude e que não se sente como mulher, ela não tem auto-estima, não tem desejo, não tem autonomia para se tornar uma mulher. Sempre espera parada, sem atitudes para namorar, casar e ser mulher de seu marido. Ela não consegue falar de si própria. Quando começou a falar de si, logo falou do filho mais velho ou de suas amigas.

Disse que suas relações sexuais foram boas e que com o marido é boa também. Usou a expressão “*por amar demais, por a paixão ser grande é bom. Parece que está no céu.*”. Durante este trecho da entrevista lembra-se do céu como uma coisa tão distante e pode-se pensar na distância que ela está de si como sujeito, como uma mulher que está tão longe dela mesma, pois não consegue falar de si, sempre se refere a outras pessoas. Ela não demonstra vaidade e é uma amiga que a lembra de ter que se cuidar, ir ao salão e ficar bonita.

De acordo com Barbosa (2007), as culturas sexuais do século XIX exemplificam o caráter socialmente construído da sexualidade. A sexualidade do século XIX era um terreno de viva contestação, onde se jogavam, tanto em privado como em público, conflitos de classe, de raça e de sexo. Através de pânico moral, de escândalos sexuais e de medidas legislativas, diversos grupos sociais e interesses profissionais tentaram alargar a sua autoridade política e cultural. Ao mais alto nível público, homens e mulheres participaram em lutas que contribuíram também para redefinir a sua identidade e subjetividade mais privada.

A sexualidade reprimida também acarretava outras conseqüências. A compensação proposta aos desejos insatisfeitos e às energias recalçadas podia ser o trabalho, o serviço prestado aos outros e a si próprio, o entusiasmo pelas explorações, pelas viagens e até pela conquista. O grau de passividade feminina tinham, no entanto

tendência para atribuir à mulher respeitável uma sexualidade secundária, em segunda mão, subserviente do prazer masculino, sem autonomia própria.

Em outra passagem, Márcia falou da primeira relação sexual e relatou que não queria “*se entregar*” que sempre tinha “*uma hora para se entregar*”. Neste trecho de sua fala percebe-se o modo como se refere a si própria ela diz “*se entregar*” e não diz “*me entregar*”. Em vários momentos se refere muito a Deus, que este vai dar força pra ela alcançar seus objetivos. Utiliza expressões como: “*graças á Deus*”, “*se Deus quiser*” e “*o que a gente faz aqui Deus vai dar o dobro para nós*”. Ela passa a impressão de que espera que Deus faça algo por ela sem ela fazer algum esforço. Foi percebido que o fato de crer em Deus, ter uma crença vai lhe trazer alguma recompensa, uma recompensa que vai ganhar em dobro. E mais uma vez, não se refere a si próprio, mas a “*nós*”. Ao pontuar isso para Márcia disse que precisa cuidar dos filhos porque eles estão pequenos. Ela disse “*não ter tempo para cuidar dela*”, não tem tempo para cuidar daquela mulher esquecida. O tempo que tem é para a casa e para os filhos. Disse que depois que teve os filhos mudou muito. “*Ficou mais estressada*”. Usa a expressão “*o amor passa mais para os filhos*” e pode-se pensar que ela não tem um amor próprio.

Entende-se que Márcia está em um constante conflito com sua identidade própria e com a forma como lida com a sua sexualidade. Como um descaso, como uma pessoa que não existe, mas que ao mesmo tempo está bom. Conforme Hall (1987), a identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.(p.13).

Ariés (1986) lembra que a transformação dos papéis sociais de homens e mulheres começou a acontecer no século XVIII em virtude de importantes mudanças políticas, sociais e econômicas, tais como: a ascensão da burguesia, criação dos estados nacionais, início da industrialização e a formação da sociedade capitalista. Neste período, a família extensa feudal desaparece para dar lugar à família burguesa: pai, mãe e filhos. É a idéia de identidade individual, do privado, das residências particulares, da família nuclear que começa a ser construída. Nesta nova família, aparece a figura da criança como aquele membro que precisa de cuidados especiais para se desenvolver bem, afinal, ela é o futuro dos estados nacionais em construção. Para atender a essa nova exigência social, a mulher foi confinada na esfera doméstica, onde, por amor, passou a viver com o objetivo de cuidar dos filhos, do marido e da casa. Começa, então, a ser institucionalizada a característica protetora da mulher, refletida nas suas atuações como mãe, esposa e dona-de-casa.

Em seu relato foi percebido uma certa indecisão, pois, em um momento disse que *“filho não empata a vida”* que seus filhos *“não podem ficar presos por causa dela”*. A impressão que ela passa é que a vida dela está empatada, empacada e que ela quer ficar assim por causa dos filhos. E que tem uma vontade de sair, passear, mas não toma atitudes.

Márcia tem a opinião de que *“a sociedade maltrata, machuca muito a mulher”*, pois a mulher *“não pode trabalhar”*, *“não tem direito a nada”* e *“não pode se amar”*. Acha isso uma *“falta de respeito”* e *“uma discriminação”*. Pensa-se que ela não ama a si própria, que ela não a respeita e que ela decidiu não poder trabalhar e não ter direito a nada.

Foi questionado a Márcia, se sentia-se como mulher, o que significava para ela ser mulher e como ela lidava com sua própria sexualidade. Onde respondeu que *“é*

chato”, que “*é ruim*”. Disse que “*a mulher sofre muito, sentir-se mulher é uma responsabilidade muito grande*”. E me pergunta se “*ela fosse um homem não seria melhor?*”. Pois os problemas são todos para ela, “*o homem é tranqüilo, não faz nada, tem tudo na mão*”. Relata que “*a mulher casada tem que se fechar e fingir que não escuta*”. E entende-se que ela por estar casada se fechou e finge que não escuta outras pessoas e nem a si mesma.

Fala que “*ser mulher é difícil*”, pois parece que ela não se sente como uma mulher. Não houve uma transformação da menina para a mulher, ficou presa nessa passagem e em outras como a mulher do século XVIII e aquela mulher contemporânea, não acompanhando esses processos ao longo dos anos. Ela passa a impressão que esqueceu-se dela. O marido não a respeita, não é carinhoso com ela, não se diverte com ela e não a considera mulher. Para ela as coisas estão ruins, mas também estão boas e que assim está tudo bem, assim ela vai levando a vida e não vai fazer nada para mudar porque ela própria não quer e não tem condições internas e externas para tomar uma atitude. Seu coração não quer mudar porque ela não tem amor próprio, não tem auto-estima e nem vontade de ser vaidosa. Não tem vontade de se tornar uma mulher feminina, vaidosa, arrumada e bonita como na época em que era solteira. Porque agora ela está casada, fechada no seu próprio mundo vivendo para os filhos e o marido se esquecendo dela.

Considerações Finais

Concentrando-se em uma ordem emocional em que as mulheres comuns, que tratam de suas vidas cotidianas, foram pioneiras em mudanças de grande e ampla importância, e estas dizem respeito essencialmente a uma exploração das potencialidades do relacionamento puro, um relacionamento de igualdade sexual e emocional, explosivo em suas conotações em relação às formas preexistentes do poder do sexo.

As sociedades modernas possuem uma história emocional secreta, mas prestes a ser completamente revelada. É uma história das buscas sexuais dos homens, mantidas separadas de suas identidades.

Segundo Bauman (1998) :

o significado moral, deixa à parte a maioria das coisas que preenchem a vida diária de todo ser humano: a busca de sobrevivência e auto-engrandecimento, a consideração racional de fins e meios, a avaliação de ganhos e perdas, a procura do prazer, o poder e a política. Acima de tudo, penetrar nesse espaço representa tirar uma folga da atividade cotidiana, deixar do lado de fora suas normas e convenções mundanas. Na reunião moral chegamos despidos de nossos adornos sociais, despojados de status, distinções sociais, desvantagens, posições ou papéis, não sendo nem ricos, nem pobres, arrogantes ou humildes ou destituídos, reduzidos à simples essencialidade da nossa humanidade comum (pp.62).

A nova concepção da mulher que o tempo e todas as mudanças sociais e históricas trouxeram, à medida que a mulher amplia seu mundo, assumindo também um trabalho fora de casa e, ao lado de suas tradicionais funções de esposa, mãe e dona-de-casa, uma nova função da mesma na sociedade; passa não só a ser vista, como a se ver, de um modo totalmente novo e diferente, deixa de ser, sentir-se ou agir como objeto, preocupada apenas em agradar, consolar ou educar, para fazer crescer todos os seus recursos e potencialidades; em vez de virar papel carbono de qualquer modelo de mulher que lhe impunham, busca sua própria identidade, cada vez mais ela mesma, e descobrir em si tudo que possa ser desenvolvido e ampliado para expandir sua personalidade individual e aumentar suas potencialidades de através de um estudo ou trabalho, ter uma função social produtiva. Busca uma identidade que a levará também a definir-se, escolher e assumir conscientemente os papéis que deseja e lhe cabe na sociedade em que vive.

A vida pessoal tornou-se um projeto aberto, criando novas demandas e novas ansiedades. A existência interpessoal está sendo completamente transfigurada, envolvendo todos naquilo que se pode chamar de experiências sociais do cotidiano, com as quais as mudanças sociais mais amplas obrigam a mulher a se engajar, proporcionando uma visão mais sociológica destas mudanças, que tem a ver com o casamento e com a família e, mas diretamente, com a sexualidade.

Hoje em dia a sexualidade tem sido descoberta, revelada e propicia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um tem ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primária entre o corpo, a auto- identidade e as normas sociais.

A sexualidade não deve ser compreendida somente como um impulso que as forças sociais têm de conter. Mais que isso, ela é um ponto de transferência especialmente denso para as relações de poder, algo que pode ser subordinado como um foco de controle social pela própria energia que, impregnada de poder, ela gera.

Muitas culturas e civilizações tradicionais fomentaram as artes de sensibilidade erótica, mas apenas a sociedade ocidental moderna desenvolveu uma ciência da sexualidade. A sexualidade vem sofrendo significativas transformações no âmbito sociocultural, sobretudo porque tais mudanças são orientadas por uma nova ordem mercantil.

O amor romântico, que começou a marcar sua presença a partir do final do século XVIII, utilizou tais ideais e incorporou elementos do *amour passion*, embora tenha se tornado distinto deste. Nos dois amores existe a idéia de liberdade e sexualidade, todavia a liberdade do amor apaixonado se restringe a livrar as pessoas da rotina e de deveres; enquanto a liberdade do amor romântico busca uma auto-realização. Quanto à sexualidade, ela é mais favorecida no amor apaixonado, mas não deixa de existir no amor romântico.

É justamente a cobrança de comportamentos ditos adequados que faz com que muitas mulheres vivam a ilusão de paixões eternas, inseguranças e busca do príncipe encantado inexistente. Por isso, deixam de conhecer e assumir seus desejos, suas necessidades de carinho e sexo e ao mesmo tempo, entregam-se por amor a relações sexuais sem proteção, tornando-se alvos fáceis para doenças sexualmente transmissíveis e de gravidez não planejada que podem interromper seu desenvolvimento escolar, profissional, de lazer e, por que não dizer, afetivo, já que não se pode esquecer que cresce o número de mulheres sem parceiro, chefes de família, ou seja, sós.

Na entrevista analisada, observa-se uma busca da continuidade de uma identidade que esteja, de uma certa forma, em sintonia com a sexualidade e em uma situação de exclusão percebe-se que o sujeito não tem a iniciativa e nem recurso para saber lidar com a própria sexualidade. Tornou-se um sujeito sem auto-estima e sem forças para mudar em relação a isso.

Martins (1997) fala da nova exclusão e atribui ao excluído o fato de estar em situação de carência material, mas, sobretudo, ser aquele que não é reconhecido como sujeito, que é estigmatizado, considerado nefasto ou perigoso à sociedade. Martins considera, entretanto, que uma categoria social ou grupo não pode ser reconhecido como sujeito, se não se reconhece a si mesmo como sujeito e não atua como sujeito.

O sujeito em constante transformação com relação a sua identidade e sexualidade procura formas duráveis para se comportar perante o meio em que vive. Tendo uma identidade e uma sexualidade integrada consegue uma consideração social, uma aprovação dos outros que lhe causa uma satisfação pessoal. Em suma, oferece maiores possibilidades de elevação do indivíduo, sob a forma de sentimentos ideais.

Esta mulher que entrevistei pareceu que, mesmo antes de construir uma identidade, mesmo antes de se constituir como sujeito face a sua sexualidade, não sabe o que quer ser, não sabe o que deseja para si própria, pois ela se coloca como um objeto de desejo dos homens com os quais se relaciona. Com relação ao primeiro relacionamento, o homem era bem mais velho, é uma pessoa que a deseja e antes que ela possa olhar para si como sujeito este homem “rouba” o seu desejo o que fazendo com que ela se esqueça do próprio desejo e entre no dele. No segundo relacionamento ela não se envolve, mas se torna acomodada com a situação. Em nenhum momento ela demonstra o seu desejo porque ela não o reconhece, ela não o elabora deixando-o ligado ao primeiro relacionamento.

Esta mulher teve seu desejo prendido em três momentos de sua vida, no primeiro momento quando conheceu seu primeiro namorado que lhe “roubou” sua virgindade, pois ela se entregou sem demonstrar um desejo. No segundo momento, foi “roubado” seu desejo de maternidade quando engravidou e que de uma forma foi rejeitada pelo pai da criança porque ele não veio atrás dela e nem do filho. E por último foi “roubado” seu desejo de ter um casamento, ela queria se casar, ter sua casa e viver bem com o marido, mas este não quis casar-se e ela não se manifesta com relação a essa atitude dizendo que do jeito que está é bom.

É o desejo do homem que articula o próprio desejo dela. Dessa forma o próprio sujeito não constitui como autônomo face ao seu desejo para ser elaborado de fato. Ela não teve as condições simbólicas e nem um referencial para conseguir esta mudança, pois ela não conheceu seu pai e sua mãe parece que não teve esta escolha, não teve autonomia com relação ao seu desejo também mandando a filha para trabalhar e morar em outra casa. O que parece é que este caso particular mostra que a mulher entrevistada não se torna um sujeito segundo citam autores como Bauman e Giddens, que falam de sujeitos da pós-modernidade, sujeitos que possam refletir sobre si mesmo e com características para se fazer um projeto de identidade e tentar chegar a se constituir como sujeito.

Referências Bibliográficas

- Alves, B. M. (1985). *O que é feminismo?* São Paulo-SP: Abril Cultural, Brasiliense: Coleção Primeiros Passos
- Andrade, D.B.S.F. (2007). *O lugar feminino na escola: um estudo em representações sociais. Coleção Educação e Psicologia, nº8.* Cuiabá-MT: Editora da UFMT
- Araújo, E. (1997). A arte da sedução:sexualidade feminina na colônia.. *Em Del Priore (org.). História das mulheres no Brasil (pp.45-77).* São Paulo-SP: Contexto Rio de Janeiro-RJ: Rocco
- Áries, P. (1981). *A história da vida privada.* São Paulo-SP: Companhia das Letras
- _____. (1986). *História social da criança e da família.* São Paulo-SP: LTC
- Assoun, P. L. (1993). *Freud e a mulher.* Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar
- Balsa, C. (2006). Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social: uma abordagem transnacional. Em C. Balsa, L. W. Boneti & M.-H. Soulet (orgs.), *Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social (pp. 09-32).* Ijuí-RS: Unijuí
- Barbosa, R. C. (2007). Concepções da sexualidade romana na Inglaterra Vitoriana. Em Anais do Simpósio Nacional de História. Londrina-PR. Acessado em dezembro-08, 2007, em www.anpuh.uepg.br/Xxiii-simposio/anais/textos
- Barroso, C. (1982). *Mulher, Sociedade e Estado no Brasil.* São Paulo-SP: Brasiliense
- Bauman, Z. (1998). *O Mal-estar da pós-modernidade.* Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar
- _____. (2005). *Identidade.* Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar
- Berge, A. (1968) *A educação sexual e afetiva.* Rio de Janeiro-RJ: Agir
- Bruschini, M. C. (1978). *Trabalhadoras do Brasil.* São Paulo-SP: Brasiliense
- Burity, J. A. (2007). Psicanálise, identificação e a formação de atores coletivos. *Relatório de Pesquisa. Da Fundação Joaquim Nabuco. Universidade Federal de Pernambuco.* Recife-PE. Acessado em dezembro-01, 2007, em www.fundaj.gov.br
- Campos, D. T. F., (1999). O desejo de se ter um filho: do pedido à escuta. *Pulsional: Revista de Psicanálise.* XII (118), 42-51
- _____. (2000). Mãe e filha: da identificação à devastação. *Pulsional: Revista de Psicanálise.* XIII (135), 5-13

- _____. (2005, Outubro). Metáforas na fala do paciente: analogia cognitiva ou equivocidade sonora? Em *Anais do I Congresso Brasileiro de Psicoterapia e II Encontro Brasileiro de Psicoterapia*, Belo Horizonte, Brasil.
- Campos, P. H. (1999). Quando a exclusão se torna objeto de representação social. Em A. S. Moreira & J. C. Jesuíno (orgs.), *Representações Sociais: teoria e prática* (pp. 103-121). João Pessoa-PB: Editora da UFPB
- Castel, R. (1998). *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis-RJ: Vozes
- Castells, M. (1999). *O Poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. II*. São Paulo-SP: Paz e Terra
- Celes, L. (1995) *Sexualidade e subjetivação*. Brasília-DF: Editora da Unb
- Cornell, D. (1987). *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro-RJ: Rosas dos Ventos
- Costa, J. F. (2004). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro-RJ: Graal
- Del Priore, M. (1997). Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. Em Del priore (org.). *História das mulheres no Brasil* (pp.78-114). São Paulo-SP: Contexto
- Del Volgo, M. J. (1998). O instante de dizer. O mito individual do doente sobre a medicina moderna. São Paulo-SP: Escuta, Goiânia-GO: Editora da UCG.
- Demo, P. (2002). *Charme da exclusão social. Polêmicas do nosso tempo*. Campinas-SP: Autores Associados
- _____. (2003). *Pobreza da pobreza*. Petrópolis-RJ: Vozes
- _____. (2005). *Dureza. pobreza políticas de mulheres pobres*. São Paulo-SP: Editora Autores Associados
- Dupas, G. (1999). *Economia global e exclusão social*. São Paulo-SP: Editora Paz e Terra
- Figueira, S. A. (1987). *O moderno e o arcaico na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social*. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar
- Freud, S. (1905/2004). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp. 119-217), Vol. VII, Rio de JaneiroRJ: Imago
- _____. (1906/2004). Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp. 169-186), Vol. IX, Rio de Janeiro-RJ: Imago

- _____. (1909/2004). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. Contribuições à psicologia do amor I. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp. 167-215), Vol. XI, Rio de Janeiro-RJ: Imago.
- _____. (1912/2004). A dinâmica da transferência. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp.133-148) Vol. XII, Rio de Janeiro-RJ: Imago
- _____. (1912/2004). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. (contribuições á psicologia do amor II). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp.163-178), Vol. XI, Rio de Janeiro-RJ: Imago
- _____. (1915/2004) Os instintos e suas vicissitudes. . Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp.123-144), Vol. XIV, Rio de Janeiro-RJ: Imago
- _____. (1931/2004) A sexualidade feminina. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp.233-251), Vol. XXI, Rio de Janeiro-RJ: Imago
- _____. (1980/2004). A dissolução do complexo de Édipo. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp.217-228), Vol. XIX. Rio de Janeiro-RJ: Imago
- _____. (1980/2004). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (pp.179-178), Vol. XIX. Rio de Janeiro- RJ: Imago
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo-SP: Editora da Unesp
- _____. (2002). *Identidade e modernidade*. Rio de Janeiro-RJ: Editora: Jorge Zahar
- Gori, R. (1998). *A prova pela fala: sobre a causalidade em psicanálise*. Goiânia-GO: Editora da UCG / São Paulo-SP: Escuta
- Hall, M. (1987). The gendering of sport, leisure and physical education. Em *Women´s studies international forum*. Nova York
- Hobsbawn, E. (1995). *A era dos extremos: o breve século XX* (2º ed.). São Paulo-SP: Companhia das Letras
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (2002). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de Indicadores 2001/IBGE*. Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro-RJ: IBGE, 2002. Acessado em dezembro-27, 2007 em www.ibge.gov.br

- Kliksberg, B. (1993). *Desigualdade na América Latina: o debate adiado*. São Paulo-SP: UNESCO
- Lenoir, R. (1974). *Les exclus. un français sur dix*. Paris: Seuil
- Martins, J. S. (1997). *A Degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo-SP: Hucitec
- Martins, F. (2002). *O complexo de Édipo*. Brasília-DF: Editora UNB
- Miranda, A. J. (1979). A educação feminina durante o século XIX. O colégio Florense de Campinas. Coleção Campiniana. São Paulo-SP: Ed. CMU
- Nascimento, E. P. (1996). *O fenômeno da exclusão social no Brasil*. INED n.3.
- Nasio, J. D. (1997). *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro-RJ: Editora Jorge Zahar
- Oliveira, G. A. R. (2006). *Escolhas narcísicas de objeto e relações amorosas na atualidade*. Dissertação de Mestrado não publicada, apresentada no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO
- Paiva, E. F (2003). *O ouro e as transformações na sociedade colonial*. Col. A Vida no Tempo. São Paulo-SP: Atual
- Paugam, S. (1993). *Que sentido é possível dar à exclusão?* Em M. P. B. Veras (ed. e org.), *Hexapolis - desigualdades e rupturas sociais. Em metrópoles contemporâneas*. Educ. SP.
- _____. (1996). *La disqualification sociale*. Paris : Presses Universitaires France
- Pommier, G. (2003). *A excessão feminina : os impasses do gozo*. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar
- Rago, M. (1997). Trabalho feminino e sexualidade. Em Del Priore (org.). *História das mulheres no Brasil* (pp.578-606). São Paulo-SP: Contexto
- Ribeiro, P. C. (2000). *O problema da identificação em Freud*. São Paulo-SP: Escuta
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar
- _____. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar
- Santos, M. (1978). *Pobreza urbana*. São Paulo-SP: Hucitec.
- Sassier, P. (1990). *Du bon usage des pauvres: histoire d'un thème politique XVI-XX Siècle*. Paris: Fayard

Sawaia, B. (1999). *As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis-RJ: Editora

Wanderley, M. B. (2002). Refletindo sobre a noção de exclusão. Em Sawaia, B.(org.), *As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 16-26). Petrópolis-RJ: Vozes

Véras, M., (2002). Exclusão social: um problema brasileiro de 500 anos. Em Sawaia, B.(org.), *As artimanhas da exclusão: análise e ética da desigualdade social* (pp. 27-50). Petrópolis-RJ: Vozes

Anexo

Entrevista: Márcia (nome fictício); casada há 12 anos; 31; escolaridade: 5ª série (primário)

Pesquisadora: Queria que você contasse para mim como que surgiu o seu interesse pelo namoro? Em namorar, como que surgiu? Quantos anos você tinha? Conte sua história?

Sujeito: Eu tinha quinze anos. Foi bom conheci o primeiro. Mas só foi sabe... Não deu para durar porque eu sabia que foi só um namoro. De repente veio o meu filho. Foi um relacionamento. Sofri muito porque eu gostava muito, foi indo eu tomei raiva. Eu engravidei e tomei raiva. Mas foi indo que Deus deu o meu filho. Está bom! Até hoje mais não confiei, não tive esse relacionamento mais, nem meu filho também, ficou tudo para lá.

Pesquisadora: Foi aqui no setor?

Sujeito: Não. Foi em Caldas Novas.

Pesquisadora: Em Caldas Novas?

Sujeito: Foi.

Pesquisadora: Quanto tempo você namorou com ele?

Sujeito: Um ano só. Eu engravidei e tomei raiva dele, aí tive o meu Marcos (nome fictício). Vim embora para Goiânia. Nesse período não teve... Mas durante estava junto

estava bem, foi só a raiva mesmo. De repente veio o meu segundo, que é o pai dos meus filhos.

Pesquisadora: Seu segundo namorado?

Sujeito: É. Que agora é meu atual marido, mas foi muito bom ele.

Pesquisadora: Como que foi que você conheceu seu atual marido?

Sujeito: Foi um dia que fui numa festa, não passava na minha cabeça que ia arrumar. Saí... O primeiro dia também que fui espairer. Porque estava meio abalada depois do outro. Fui sair e passear, estava junto com minhas amigas de repente chegou um lá. Um rapaz, meu colega quer conhecer você. Eu: que colega? Meu colega ali na frente. Eu falei: depois estou indo lá. Espera um pouquinho estou conversando aqui. Conversei, conversei mais minhas amigas e tinha esquecido. Aí minha amiga: vamos lá o rapaz quer conversar com você. Fui lá, cheguei e ele estava com outra, abraçado fiquei olhando. Cheguei no rapaz: quem queria conversar comigo? Meu amigo. Seu amigo? E a namorada dele? Ele chegou e falou assim: tudo bem? Falei: tudo bem. E foi logo me abraçando e falei: ôpa espera aí, não é assim não. E sua namorada? Ele disse: não, não é minha namorada. Ele já namorava com ela e falando que não era namorada dele. Eu falei: não espera tenha calma. O que você quer? Ele falou: queria te conhecer. Falei: prazer. E ele: prazer João (nome fictício). Na hora que ele veio me abraçando a menina foi se afastando dele. Parece que ela viu algo muito estranho. Eu falei: não calma aí! E ele foi me abraçando, querendo me beijar, meu rosto. Falei o trem está estranho! . Aí a Vânia (nome fictício). Falou: nossa, mas que danura é essa! Falou brincando com ele. Ele: eu gostei tanto da sua amiga, o jeito dela desde que ela passou aqui. Eu falei: passei aqui e nem te vi. E ele me viu. Não te vi aqui não. Eu falei: não, já estou indo embora,

vou pra casa, era umas nove e meia. Não vai não. Espera, fica mais um pouquinho. Está cedo são nove e meia. Eu falei: não está tarde, meu filho está me esperando. Você tem filho? Eu: tenho, meu filho está com minha mãe. Eu vim aqui só para espairecer mesmo. Ele: ah! Você quer que eu te leve em casa? Eu falei: se você quiser, se sua namorada não achar ruim. Não é minha namorada não. Esquece não é minha namorada não. Falei: mas eu cheguei aqui você estava agarrado com a menina, o que nós pensamos, claro que pensa. Não, não é nada minha não. Ele pegou e me levou em casa. Deu uma semana ele falou: você vai me dar a resposta? Ele me chamou para namorar. Eu falei: vou pensar e o pensar era lembrando do outro. Ele falou: você quer quantos dias para poder pensar? Eu falei: uma semana para mim pensar. Ele: então está bom, então pensa. Olha mas vou no ônibus das seis e meia se você quiser ir para o serviço. Eu vou no ônibus das seis e meia. Você trabalha? Eu falei: trabalho. Ele falou: então tá, no ônibus das seis e meia eu te espero. Mas chegava a segunda feira dava seis e meia, me dava uma falta de paciência, de levantar, uma preguiça de levantar. O ônibus das seis e meia passava e eu só ia no ônibus das sete. Passou uma semana eu dando bolo nele. Eu chegava na minha amiga e dizia: nossa Deus! O rapaz falou para mim que era para pegar o ônibus das seis e meia e eu pegava o das sete. E ela: credo coitado do rapaz. Teve um dia, no sábado eu peguei o ônibus das seis e meia, dei mesmo de cara com ele. Falei aí meu Deus do céu! O rapaz está aqui. Nossa na hora que eu ia chegando, que passei na catraca ele me puxava, na hora que pus a mão na catraca ele pegou na minha mão. Ele: você me esqueceu? Eu falei: esqueci não, é porque não acordava no horário certo. Ele foi logo me abraçando, me beijando. Falei: meu Deus. A Vânia (nome fictício) disse: encosta mais um pouquinho. Falei: não, está muito cheio. Mas não tem como encostar nele não. Ele: e aí você pensou? E eu olhava para ele e falava: oh meu Deus! Será se eu penso. Será se eu pensei...e lembrando do outro. Ah!

Pensei...mas no pensamento sabe.....só Deus. Ele falou: você pensou mesmo? Eu falei: pensei. Então quer dizer que estamos namorando? Falei: estamos, mais sabe, parece que não queria. E ele então tá. De noite vou lá na sua casa. Então está bom. Conhecer seu irmão, sua mãe. Eu ele desceu na Nestlé, ele trabalha na Nestlé, na D.P.A. peguei e fui. Trabalhava no Setor Areoporto. Quando cheguei de noite ele já estava me esperando. Ele falou: nossa você demorou. Eu falei: fui passar roupa, fui fazer um bolo para minha patroa que ela gostava de mais dos meus bolos. Ele disse: estou esperando você para nós conhecermos seu irmão, sua mãe. Nós entramos, apresentei minha mãe, meu irmão e minha mãe falou: vocês vão namorar mesmo? Eh... Desse jeito... E parece que não estava gostando dele, não gostava dele de jeito nenhum. Aí meu Deus do céu! Como que faço para eu esquecer o outro. E ele falava: você gosta de mim? Eu...ficava assim, como é que falo. Falava: gosto. Mas não gostava. Gosto para não ficar maltratando ele, falava gosto. Foi indo ele: oh meu Deus! Eu acho que você não gosta de mim. Parece que ele estava vendo nos meus olhos que não gostava dele. Porque ele falava: olhe para mim e eu não tinha aquela coragem de olhar para ele. Ele: você não gosta de mim. Falei: não vou mentir para você não. Vou falar a verdade para depois você não ficar enganado. Eu não gosto, estou tentando esquecer um, estou tentando. Ele falava: mas você vai esquecer. Ele falou para mim que eu ia esquecer o outro. Você vai esquecer eu tenho certeza. Eu: você quem sabe, faz sua parte. E ali...meu menino, foi indo chamava ele de pai e quando eu ia pegar para dar mamadeira ele não queria eu não, de jeito nenhum. Queria que ele desse a mamadeira. Eu: meu Deus do céu! Eu falei: o menino, o neném quer você. Não, pode trazer ele aqui. Não tenho jeito não mas vou acostumando. Ele tomava a mamadeira tudinho com ele. Comigo ele já não queria. Foi indo que fui pegando amor nele. Nossa mas foi difícil. Não gostava de jeito nenhum. A

gente pensa assim: será se a gente não esquece, mas a gente esquece. Eu acho que foi só um passa tempo mesmo.

Pesquisadora: O que você acha que aconteceu para você mudar o seu sentimento em relação a ele?

Sujeito: A ele?

Pesquisadora: É.

Sujeito: A gostar dele?

Pesquisadora: É.

Sujeito: Ah! Eu acho que foi os carinhos. (silêncio).

Pesquisadora: Como que era?

Sujeito: Como que são os carinhos dele?

Pesquisadora: Como que era na época que você começou a mudar esse sentimento por ele?

Sujeito: Não, foi dele chamar eu para sair. Eu conhecer as pessoas. Porque não conhecia ninguém e fui saindo, andando e conversando com ele. E ele sempre perto de mim o tempo todo. Não saía de perto de mim em hora nenhuma. O jeito dele me respeitar. Não era igual ao que achei que ele era. Igual que cheguei perto dele, que ele estava abraçado com a outra. De repente ele jogou a outra para lá. Ele deu um empurrão na menina... parece que eu tinha chegado e que era importante. Porque a menina ficou sem graça do empurrão que ele deu nela, dá licença. Eu cheguei e ele parece que achou interessante.

Conversando tudinho. Ele falou: não, aquela menina... fui perguntar daquela menina para ele. Falou: aquela menina não é nada minha não. Ela era mas não é mais. Ela me traiu com outro. Falei: ah! Mais do jeito que vocês estavam. Não, ela me traiu, não quero nada com ela. Eu não aceito traição. Ele falou: que no dia se for por acaso da gente viver junto, morar junto, traição eu não aceito. Vou te falar logo. Eu falei: piorou porque não aceito também. Não aceito e se eu ficar sabendo acabou. Ele: não, de mim eu acho que você não vai saber de nada não. Eu: não aceito. E a menina, nossa! Até hoje a menina fala quando ela me vê. Assim: nossa! Era para eu ter casado com o João (nome fictício). Desse jeito! E eu: mas você não deu valor. Agora quem ganhou fui eu. Que eu mesmo falo, traição não existe não. Não existe porque não aceito de jeito nenhum. Porque acho que nunca vi assim não. Mais se eu ver... Por causa de uma traição ele tomou raiva. Não aceita, até hoje ele não gosta nem de pensar. Falei: não, o que é passado passou. Não precisa de você ficar comentando.

Pesquisadora: Aí você mudou seu sentimento com relação a ele?

Sujeito: Foi. Meu sentimento foi indo... nossa! só porque eu tinha um filho ele falava: porque você não me beija com carinho. Você não me faz carinho mais. O negócio é porque eu não gostava ainda. Foi de repente e ele...esses homem é assim: só porque a gente tem um filho, eles acham que a gente tem que ir se entregando. Não, não é. Ele acha que era para mim entregar para ele, de corpo e alma. Não, não pensava desse jeito não. Não chegou a hora. Eu acho que não está sendo a hora certa de eu me entregar. Só porque tenho um filho? Não. Isso não existe não. Ele falava: que eu não se entregava para ele porque não gostava dele. Falei: não é porque não quero. Porque não está na hora certa. Depois de quatro meses se entrego. Falei: se você pensar que vai namorar comigo, com interesse em alguma coisa, está muito enganado. Por que nós separa, nós

termina agora for o caso. Porque quero um homem que me dê valor. Não quero um homem que aproveite de mim não. Falei para ele assim, de cara. Ele viu sabe...porque falei. Nossa! Então ela é uma pessoa bem sucedida, uma pessoa muito...gosta de respeito. Eu não entrego, eu não se entregava de jeito nenhum. Ele era doidinho. Falei: não, não existe isso não. Ah! E você acha que agüento? Falei: não, agüenta. Eu agüento! É porque você não gosta de mim mesmo. Falei: não, não é porque não gosto de você não. Estou começando a gostar ainda. Eu falava que não amava ele. Não te amo não! Tem como eu te amar não! Parece que o pensamento era só no outro. Me dava uma raiva quando eu pensava. Falei: Meu Deus! Estou com um e pensando no outro. Que bobeira é essa! Falei: Deus faz eu esquecer! Mas sei que sofri quase um ano lembrando. Por causa do outro tomei raiva na gravidez. Parece que a gravidez passou e voltei a gostar. Na gravidez estava tomando era raiva. Eu não conversava, não dialogava em nada. Tudo que ele falava para mim assim: você quer que eu compre isso? Não. Quero não. Seu neném está precisando de alguma coisa? Não está não. Eu não queria nada dele, nada, nada, nada...

Pesquisadora: Quando você estava grávida vocês namoravam?

Sujeito: Eu não queria nada dele... ele chegava e falava: você quer alguma coisa? E tudo que o outro perguntava se queria eu falava que não queria.

Pesquisadora: Você engravidou tinha quanto tempo de namoro?

Sujeito: Quanto tempo?

Pesquisadora: É.

Sujeito: Tinha cinco meses. Falei: nossa! Não queria nada. Nada dele não queria. Ele ficava doidinho correndo atrás de mim. O médico disse: não, tenha paciência, você tomou raiva dele. Tem mulher que toma raiva mesmo. Depois volta o amor tudinho. E eu: volta nada! Ficava falando desse jeito para o médico. Volta nada, isso é só ilusão! Mais você vai ver volta sim. É porque tem mulher que toma enjôo do perfume, da roupa e você tomou enjôo foi dele. Coitado dele! Ele corria... eu saía e ele ia atrás de mim. Para perguntar se eu precisava de alguma coisa? Se estava querendo comer alguma coisa? Não, não queria nem bom dia com ele. Estava bom. Foi indo acho que ele ficou até assim: não, vou deixar ela para um lado que é melhor. Depois que eu tive o Marcos (nome fictício) nossa! Voltou...

Pesquisadora: Quando você teve o Marcos (nome fictício), você namorava com ele?

Sujeito: Já estava terminado. Eu tive o Marcos e só vi ele uma vez. Só uma vez (silêncio). Até hoje... diz que ele mora aqui para Goiânia. Não sei aonde. O Marcos já tem treze anos, ele nunca viu, nunca conheceu o pai dele.

Pesquisadora: Como que foi seu primeiro namoro, a história, me conta um pouco como que aconteceu?

Sujeito: Ah! O primeiro namoro foi assim: nós estávamos em Caldas Novas. Trabalhava na casa de uma família. Eu ia para o clube direto, para o clube CTC em Caldas Novas. Cheguei do clube. Eu estava na casa da senhora. Cheguei ele pegou e falou para o dono da casa: quem é essa moça? Eu era novinha, corpinho bem bonitinho. Ele: nossa! Tem umas pernas! Falei assim: têm! Ele falou: olha, ela é uma moça. Respeita ela. Mais a gente estar achando a pessoa bonita não precisa pôr a mão em

frente não. Só estou falando que ela é bonita. Ele pegou: não, ela trabalha aqui para mim, me ajuda aqui. Também fiquei para lá, não falei mais nada. Fiquei limpando a casa. Lá para dentro enquanto ele saía da sala. Ele olhava para mim assim... Quando ele chegava lá e falava: tudo bem baixinha? Falei: tudo bem e você? Baum! Como é seu nome? Falei: Márcia. Ah! O meu é Divino (nome fictício). Chegava lá e limpava a casa, lavava vasilha e esse homem que eu trabalhava não mexia com o corpo. Ele era paralítico e nem com a cabeça. A mulher dele falava: filha! Você trás um prato para ele. Ele nem sentava e deitava. Ele falou para o meu patrão que queria conversar comigo. Todo dia à tarde eu ia para o clube, chegava ele estava lá. E meu patrão falava: ou ele quer falar com você. E falei: o que você quer conversar comigo? Ele falava: não, eu queria chamar você para namorar. Falei: não, só tenho quinze anos! Minha mãe não vai aceitar não. Ele falou: não, nós vamos lá pedir para ela. Falei: não, só tenho quinze anos. Ele pegou e falou: vou lá na sua casa. Ele pegou e foi na minha casa, na minha mãe. Conversou com minha mãe. Não é porque vi ela e fiquei interessado por ela. Queria namorar com ela. E minha mãe: está liberada! Eu vixe mãe está liberada? A senhora não sabe se estou liberada, não estou liberada. Como que a senhora está falando que está liberada? Falei na cara dele. Nem eu se liberei para ele. Ela: não minha filha! É por causa que ele veio pedir por isso que estou falando. Nossa! Não gostava também não. Queria era curtir a vida e passear. Todo dia de tarde quando limpava a casa, lavava vasilha ia para o clube. Chegava, queria era sair, passear. Porque a gente adolescente. Você quer passear mesmo. Vieram os dezesseis... Mas eu apaixonei de vez. Não sei o que foi não. Duma vez sabe. Vixe Maria! O trem está errado! Porque a pessoa apaixonar de repente assim. Jesus! Tem hora que penso: Meu Deus! Porque fui apaixonar de vez, fui ter um filho logo. A paixão esquisita. Adolescente tem cada paixão! Mais foi indo... foi bem. E até hoje nunca mais vi ele. Mas eu não podia... eu

gostei, gostava tanto dele que não podia ver ele. Antes de engravidar. Mas depois que engravidei... parece que foi, sei lá o que aconteceu.

Pesquisadora: O que você acha que aconteceu para tomar raiva dele?

Sujeito: Não sei. Tem hora que penso: será se era alguma coisa feita. Fico pensando, trem feito deve ter sido, até passar raiva e tomar raiva. Ele chegava perto de mim, para me abraçar, eu: não dá licença, sai para lá. Tem vez que estava lavando roupa ele chegava: oi baixinha! Ele me chamava de baixinha só. Eu: o que você quer? Eu quero te dar um beijo. Não quero beijo seu! Quero beijo seu não... se vira, se vira para lá... vai atrás de outra... quero não. Ele falava para o meu patrão: a menina está apaixonada, a menina tomou raiva de mim. Não é por causa que ela está grávida. Tenha paciência. Foi indo que tive o Marcos e vim embora para cá. Não quis nem ver. No outro dia que ele chegou lá queria que você visse o jeito. Ele ficou doidinho! Cadê a Márcia? Ih! Já foi embora para Goiânia há muito tempo. Sai sem ele ver. Ele nem viu eu saindo. Nossa! Levou meu filho. Assim: levou. O que ela falou para você? Falou que ia embora e não ia te dar satisfação. E fui embora e até hoje. Falei: Marcos o dia que você quiser ver seu pai não sei onde ele está e você se vira para caçar ele. Porque o outro daqui já morre de ciúmes. Você mesmo, meu filho vai ao encontro. Porque não sei nem de vida dele. Diz que mora aqui em Goiânia, eu não sei.

Pesquisadora: Quando, como você imaginava que era o namoro? Como que era um namoro? O que passava pela sua cabeça? O que você ficava pensando? Como que era o namoro?

Sujeito: Antes deu conhecer ele?

Pesquisadora: É assim, quando surgiu o interesse seu em namorar? O que você ficava pensando?

Sujeito: Eu ficava pensando... ficava com medo, eu tinha medo de me entregar e fazer besteira.

Pesquisadora: Besteira como?

Sujeito: Assim...de perder a virgindade, engravidar. Porque minha mãe nunca teve esse dom de sentar e conversar. Meu Deus! Eu tinha medo. E pior que minha mãe não me explicou tudinho e caí na besteira. Falei: não. Deus a de ajudar que... mais o amor foi tão grande que fiz besteira. Gostei demais, me apaixonei demais.

Pesquisadora: Você considera uma besteira?

Sujeito: Eu acho uma besteira. Falei: Meu Deus! Porque fui entrar numa dessa? Besteira num ponto de eu... mais num ponto ter meu filho não. Se Deus quis me dar ele seja bem vindo até hoje. Graças a Deus meu filho tem treze anos e estuda. Está no oitavo ano. Não me arrependi de ter ele não. Graças a Deus! Dou muito conselho para ele não se envolver com certos tipos de companhia. Sobre drogas converso muito. Meu filho, você pode conversar com quem você quiser mas você tem que saber as pessoas também. Você saber o que é certo e o que é errado. Você tem treze anos. Você pode cumprimentar todo mundo. Pode até ser um drogado, você chega e cumprimenta bom dia, boa tarde. Você só não pode usar o que ele usa o dia que ele vier te oferecer. Não muito obrigado.

Pesquisadora: Você tinha muitas amigas?

Sujeito: Não. Não tinha amiga. Muita amiga não. Eu não tinha muita amiga não.

Pesquisadora: E com quem você conversava sobre sexo, primeira relação?

Sujeito: Não, com ninguém. Não conversava com ninguém. Não tinha ninguém para conversar. A mulher dona da casa conversava comigo. Só para ter cuidado. Mas a paixão foi tão... foi tanta que a gente se entrega. Mais foi indo que eu tive meu filho graças a Deus! Não achei ruim não. Só acho ruim dele não ter contato com o pai. Alguma coisa que ele queira com o pai, para o pai comprar. Ele não tem esse contato. Mas está bom! Porque esses homens são assim: eles só procuram quando estão de maior. Porque eles estão de maior podem se virar enquanto ele estar de menor não. Mas eu já vi, já tive contato com os outros que falou que tinha muita vontade de ver ele. Mas só boca dos outros também. Não vou atrás não. Se ele tivesse vontade mesmo de vim, ele tinha ido onde ele está. Agora depende do Marcos não é de mim. Não posso fazer nada por ele. Eu não sei, não tenho endereço, não sei de nada. Não converso com ele e não tenho o telefone. Deus me livre também! Ave Maria! Se o outro sonhar...

Pesquisadora: Seu atual marido sonhar?

Sujeito: É. Deus me livre! Ele morre de ciúmes. Se um dia ele quiser. Se o Marcos quiser ver o pai dele... ele mesmo tem que sair daqui e ir lá.

Pesquisadora: Quando você namorava que atividades faziam?

Sujeito: Como assim?

Pesquisadora: Sair...

Sujeito: Ah! Eu saía.

Pesquisadora: Como que era?

Sujeito: Para ir às festas em Caldas Novas. Direto tinha festa Carna Goiânia. De lá para cá vínhamos muito de carro. Porque o pessoal que eu trabalhava tinha carro. Nós vínhamos, passeava e andava muito. Foi só essa gravidez que me trouxe raiva sabe. Num ponto foi bom.

Pesquisadora: Raiva como?

Sujeito: Raiva. Sei lá... raiva dele. Tive raiva dele. Não sei o que foi o que ele fez. A gente vai indo a gente passa pelas... sei lá o que foi a raiva. Eu não sei como é que foi não. Não sei nem explicar a raiva que tive dele não.

Pesquisadora: Vocês faziam planos?

Sujeito: Fazia, fazia.

Pesquisadora: Como que era?

Sujeito: É por exemplo, ele pensava assim: de eu ter meu filho e vim para cá. Para Goiânia ou se não ficar lá mesmo. Comprar uma casa e ficar lá. Mas o negócio era que eu não queria. Não era ele, era eu que não queria. Eu não sei o que passava na minha cabeça. Falei: Meu Deus! Será se eu rejeitar vou sofrer muito. Primeiro amor assim é esquisito. De repente engravidei e tive raiva, não quis ele mais. E ele foi só entristecendo, ele tinha trinta e dois anos. Olha como era novinha para ele que tinha trinta e dois anos.

Pesquisadora: Você tinha quantos?

Sujeito: Eu tinha, quando eu comecei tinha quinze. Ele tinha trinta e dois. Agora ele tem quantos será? Engraçado! Falei: Meu Deus! Eu era muito novinha, quinze anos com trinta e dois.

Pesquisadora: E com seu atual marido, como que era? Vocês faziam planos? Iam para as festas? Como que era?

Sujeito: Não. A única festa que fomos foi no dia que conheci ele. Nós vamos para as festas, mas nunca andou assim não. Ele sempre ia sozinho. Depois que tive meus meninos quase não saio. Festa na Nestlé ele ia sozinho e eu sempre ficava quieta. Mas o negócio sabe, eu acho que era mais o ciúme.

Pesquisadora: Ciúme de quem?

Sujeito: Ciúme de mim. O jeito dele. Porque ele não queria sair comigo. Foi indo depois que a gente casou, ele não queria sair comigo.

Pesquisadora: Antes de casarem vocês saiam?

Sujeito: Saía. Depois que tive meus filhos. Tive o José. e tive a Bianca (nomes fictícios). Ele não saía comigo, não sei. Falei: Meu Deus! Será se é ciúme? Ele ia sozinho para a Nestlé. Eu ficava aqui o tempo todo trabalhando. Falei: isso é frescura! E pensava será se é frescura? Porque se não saía com a esposa, com os filhos... Porque o José toda a vida teve rinite alérgica, tem bronquite e não podia ir para a friagem. Tempo de São João no mês de junho é sempre frio. Não vai não, o neném vai resfriar. Não sei o que... aí vai a mulher, vai só dependendo da casa e dos filhos. Por quê? Porque não pode sair, por causa de um problema ou de outro. Falei para ele: se a gente puser o trem tudo na cabeça o jeito que está indo, nunca sai e não pode passear. Esses dias falei:

nego você tem férias e você nem se dispairece. Você é tão sonso que nem se dispairece. Podendo você sair dispairecer a cabeça. Minha comadre mora no Mato Grosso, tenho tanta vontade de ir lá. Ele nunca me levou em Mato Grosso e nem na Barra do Garça, na casa dos tios. Falei: tem horas que penso: nossa Deus! Mais o homem é parado demais. Enquanto tinha um primeiro que tinha mais liberdade, o outro já é mais... Esses dias mesmo que minha cunhada veio falar para mim que ele ia numa viagem. Eu não estou sabendo dessa viagem. Mas estou esperando ele vim, chegar e conversar comigo. Mas depender de mim, dele falar assim: vamos? É tarde, é difícil. Porque agora tem meus filhos, tem o outro, tem o meu armazém que tenho que ficar olhando. Em um ponto foi bom, no outro não foi bom não. Porque casar só para poder falar: estou casada e não ter liberdade. Porque o homem é ciumento até falar chega. Não sei dá onde ele acha, ele vê tanto ciúme. Porque ele fala, ontem mesmo ele estava falando para mim que eu não gosto dele. Porque ele conversa aí com todo mundo. E eu não gosto dele. Falei: você pode conversar até com os cachorros. Não me traindo, você pode conversar com todo mundo. Não importo não. Ontem estava lavando roupa e ele falou: você deixou de lavar roupa e está lavando roupa hoje. Falei: todo dia é dia daqui. Eu não saio e todo dia é dia de eu trabalhar. Lavei roupa e limpei casa tudinho. E ele lá jogando truque com um monte de homem. Eu nem chegava perto. Acho que ele pensava: nossa! Ela uma hora, um domingo desse e ela lavando roupa. Se fosse assim: não lava não. Vamos no meu tio e nas minhas primas em Nova Esperança. Era outra coisa. Mas a gente fica só quieta dentro de casa. Falei: eu vou adiantar porque tem dia que ele trabalha e tem segunda que ele não trabalha. Hoje mesmo ele trabalha e tenho que ficar aqui. Não tem como sair. É igual falei: em um ponto é bom e no outro não, mas está bom.

Pesquisadora: Como é sua relação com ele? Vocês conversam? Tem diálogo?

Sujeito: Não. Tem dia que ele está bom e tem dia que não está. Tem dia que ele está com a cara tão feia. Falei: o que está acontecendo? Fico pensando sozinha. O que fizeram com ele no serviço que ele chegou com a cara feia. Também deixo para lá. Nem importo. Porque tem dia que ele está bem e chega bem. Falou que o pessoal estressa muito ele. Falei: eles estressam você mas não tenho culpa não. Se eles te estressa para lá. Porque tem homem que é assim: eles têm raiva no serviço e vêem coisa na mulher. Descontar na mulher. Com coisa que ela tem a ver com aquele problema que teve no serviço. Não, isso não existe não. Tem vez que ele nem conversa. Tem dia que ele nem conversa comigo. Ele só conversa comigo o que precisa. Eu também converso o que preciso. Porque se for para poder conversar ele não sabe conversar não. Ele sabe brigar e eu não sei brigar. Eu falo: nunca vi conversar brigando. Tem que conversar, saber conversar com as pessoas, não é brigar não. Em um ponto ele é muito ignorante. Ignorância sem limite. Falei para ele: sua ignorância é sem limite e parece que não raciocina. Em novembro são as férias dele. Deus ajudar que ele vai numa viagem para descansar pelo menos a mente. Porque Deus me livre! Porque em novembro os meninos estão estudando. Em dezembro vamos ver o dia que eles vão entrar de férias. Falei para ele: se não tivesse isso aqui estava trabalhando. Você está doida! Você não vai trabalhar não. Com esse monte de menino, não vai de jeito nenhum. Eu trabalho e você fica quieta. Não, então você para de emburrar. Fica emburrando à toa, bobeira. Falei: o dia que você tiver com raiva de mim, você chega e conversa. Não precisa ficar com essa cara feia, com essa enjoeira. Tem dia que ele chega e faço de conta que nem vejo. Se a gente for pôr em causa briga o dia todo. Ainda bem que, graças a Deus! Tem muito tempo que não tem nenhuma discussão não. Mas de primeiro, no começo do casamento

era briga em cima de briga. Agora não... parece que ele agora está amadurecendo. Está vendo aí não tem esse ciúme todo não.

Pesquisadora: Como que é isso para você?

Sujeito: Hum?

Pesquisadora: Como que é isso para você?

Sujeito: Essas brigas são chatas demais. Todo dia era briga. Ah! Vai ser besta, o negócio vem é do ciúme. Vinha era do ciúme. Ele via coisa que não existia e que não acontecia. Ele queria que eu falasse.

Pesquisadora: Coisa como?

Sujeito: Ele queria que eu falasse que tinha outro sem ter. Parece que ele vivia tão desconfiado. Você tem outro não tem? Falei: eu? Eu até assustava. Esá doido, tenho não. Tem sim e tenho certeza. Se tem certeza o problema é seu. Eu não tenho não. Ele chegava e deitava no travesseiro da cama e ficava cheirando o travesseiro. Quem veio aqui? Ele falava desse jeito. Quem veio aqui? Ninguém entrou aqui dentro do meu quarto. Mas que cheiro é esse? Você é doido nego! Não, ninguém veio aqui não. Até o cheiro esquisito ele sentia. Acho que era do ciúme. Ele sentia dizendo que era cheiro de outro. É doido! Falei: não traí ninguém não. Estou traindo você não. Está doido e bobo aquele homem. Quando ia deitar ele sentia o cheiro. Dizendo ele que sentia um cheiro de perfume diferente. Falei: é doido! Não fui eu não. Falei: toma vergonha. Eu ficava achando esquisito aquilo. Falei: nossa! Será que ele está pensando que estou traindo ele? Sem estar acontecendo nada. Tem vez que eu virava as costas e ele falava: vem

aqui me explicar, vem me falar. Eu: falar o quê? Falei: meu Deus! Está doido esse homem.

Pesquisadora: E o que você achava dele...

Sujeito: Não achava uma falta de respeito. Não é uma falta de respeito? A gente não está fazendo as coisas e a pessoa ficar acusando que a gente fez aquilo. Eu: será se você quer que eu fale que estava? Como vou falar um trem que não estava. De certo ele queria que eu falasse que estava. Como vou falar que estava se não tinha ninguém aqui. Homem nenhum entra aqui dentro da minha casa a não ser você. Isso não existe não e ele é tão sistemático. Ele quer que eu fale uma coisa sem ter feito. Falei: qualquer dia vou falar que teve um homem aqui para ver o que ele fala.

Pesquisadora: E você falou?

Sujeito: Não. Estava pensando esses dias... Um dia vou falar para ver o que acontece. Porque não agüento de falar que não e ele falar que sim, que estava sim. Ele fala: que o dia que eu te ver com um homem te mato. Falei: é só matar porque não estou. Tem hora que saio até de perto dele de tanta raiva que sinto. Porque ele vai acusando sem a gente fazer. Não, isso não existe não. Falei: será se não é você? E você fala que sou eu. Fiquei pensando sozinha. Será se não é você e você fala que sou eu?

Pesquisadora: Você só pensa você não fala?

Sujeito: É. Não será ele e pensa que sou eu. Tem hora que penso que ele está me traindo porque ele fica falando besteira. Pensando bobeira. Ontem mesmo ele falou para mim: você não gosta de mim não já falei com todo mundo. Falei: o problema é seu. Não deixa de ser bobo. E ele: você não gosta de mim mesmo. Eu: se eu não gostar o

problema é meu. Se eu gostar também. É porque converso com todo mundo, brinco com todo mundo. Deixo ele conversar com todo mundo. Quando eu converso demais ele: ah! Você está conversando demais. Falei: o problema é meu, deixa eu conversar. Não está arrancando pedaço, não estou agarrando ninguém, não estou beijando ninguém. Só estou conversando. O ciúme dele é, parece que é de doido, sei lá... Parece que é doido, doente.

Pesquisadora: Qual o seu sentimento com relação ao seu marido?

Sujeito: Meu sentimento... ah! Não porque ele tinha que mudar. Porque se ele não mudar não tem como ficar até os meninos casar. O jeito dele não tem como.

Pesquisadora: Mudar como?

Sujeito: Mudar o jeito dele. Da ciúmeira e das ignorâncias. Sair mais um pouco, mais a gente e mais os filhos. Sei lá... Não sei o que ele pensa não. Será se ele não tem vontade de sair, de passear? Porque a pessoa ficar só dentro de casa dá depressão, entra em depressão.

Pesquisadora: Você acha que seria melhor ele mudar?

Sujeito: É. Mudando. Tem que mudar.

Pesquisadora: E vocês conversam sobre ele mudar?

Sujeito: Não. Na hora que estamos nervoso falo: nossa! Se você não mudar está difícil continuar. Falei para ele desse jeito. E ele: então larga logo. Falei: está doido! Meus filhos estão pequenos e precisam do pai. Ah! Quer dizer que quando os meninos crescer... Falei: não é assim não. Ele acha que é fácil, é melhor a gente estar com eles

do que estarem jogados mesmo com as ignorâncias. Porque não é todo dia que a gente está com aquela paciência. Ele fala para mim: não, eu vou mudar. Fala só que vai mudar. Parece que ele tem vontade de mudar.

Pesquisadora: E muda?

Sujeito: E não muda.

Pesquisadora: Ah.

Sujeito: Deus me livre! Falei para ele: tem que mudar porque se não está danado viu.

Deus me livre!

Pesquisadora: Como que é ele falar para você que vai mudar e não mudar? O que você sente? O que você pensa?

Sujeito: É por causa que ele não quer mudar mesmo. Acho que quando a pessoa quer mudar ela muda. Eu mudei tanto o meu jeito de conversar. Conversava esparolado, parece que só eu tinha que estar certa. Depois que eu passei pelos psicólogos parece que foi assim... Porque se eu não mudar como é que nós vamos viver. É igual meu filho fala: mãe é só a senhora que quer ser certa. Mas não pode mãe. A senhora tem que ouvir o lado nosso e o lado da senhora. E nós ouvir o lado da senhora. Porque tem horas que ele passa do limite, o Marcos. Ele saiu ontem daqui eu estava na feira, cheguei e cadê o Marcos? Está lá no Eldorado, na casa do tio dele. Falei: porque deixaram? Eu não deixei. E o pai dele: não fui eu que deixei. Foi passar o dia lá. Falei: mas o menino devia ter falado para mim. O que custa ele ir na feira e falar: mãe vou lá no tio. Eu fiquei preocupada. Falei: nego, você não deixa esse menino sair, eu fico com medo. Deus me livre! Não gente tem dó. E o Marcos fala que só eu quero estar certa. Falei:

não, não é. Falo as coisas e você não atende. O Marcos mesmo fala para mim: só a senhora quer estar certa, eu sempre estou errado aqui dentro. Falei: não meu filho, é porque você é muito sentimental.

Pesquisadora: Você acha que mudou depois do casamento?

Sujeito: Foi depois do casamento.

Pesquisadora: Como que você avalia essa mudança sua?

Sujeito: Ah! Eu acho que a convivência dos dois. Depois que passei pelo psicólogo mudei muito e meus filhos também. O Marcos também e o José é porque ele é chorão.

Pesquisadora: Você acha que mudou em que sentido?

Sujeito: De conversar, de ter mais paciência dentro de casa porque não tinha paciência não. O jeito que eu mudei... Como antes de casar eu conversava mais calmo. Depois fui ficando estressada acho que tanto serviço, fiquei estressada demais. Depois foi indo que fui mudando de novo. Tem hora que pensava: nossa! Eu não era assim desse jeito. Estressada e o cansaço, a luta, lavando vasilha, limpando casa, olhando menino. A gente se estressa. Porque a gente não sai, vai indo e acaba com a pessoa. Depois que ia aos psicólogos eu ficava mais calma. Tinha mais paciência com os meninos, principalmente com o Marcos que estava começando a adolescência. Fica difícil até passar essa fase. O Marcos está uma bênção no colégio, na ficha do ano passado ele estava uma benção! Dizendo o professor. Ele estava dando trabalho o ano passado demais. Mas passou o ano e dizendo o professor que ele está muito bom e que não está estressado. Deve ter sido algum problema dizendo ele. Falei: será... Mais ele mudou muito está um amor de pessoa.

Pesquisadora: E você?

Sujeito: Ele falou que acha que foi eu também. Eu sentei com ele e conversei muito. As mulheres da escola conversaram com ele. Nossa! Ele mudou o jeito dele de uma hora para outra. Ele era e estava muito custoso. Porque se deixar...

Pesquisadora: Então você considera que mudou?

Sujeito: Mudei, mudei muito.

Pesquisadora: Como você se sente?

Sujeito: Bem. Me sinto bem. Só estou pensando no dia que o nego for viajar será se vou dar conta da minha casa? Sozinha... ficar um mês sozinha. Será se eu vou dar conta?

Pesquisadora: Você fala do seu marido viajar e você ficar sozinha?

Sujeito: É. Será se eu vou dar conta. Meus filhos, a minha casa, mas Deus vai dar força para mim porque se a gente não tiver força. Olhar os meninos... Porque eu ajudo, é igual se tiver, pelo menos se eu tivesse um diálogo e conversar... Ele não é de ficar conversando com os meninos, ele não é de ficar olhando para os meninos. Se não for tudo eu para olhar e para poder ajudar não. Se for depender dele, ele não ajuda. Igual estou falando que ontem o Marcos foi para o Eldorado. Fosse comigo... Se não for eu olhando ele não ajuda não. Falei: Deus me livre!

Pesquisadora: Como que é isso para você ele não ajudar, você ter que olhar tudo.

Como que é isso para você?

Sujeito: Não é assim... Eu sinto tendo mais responsabilidade que ele. Porque ele joga tudo nas minhas costas. Ele fica tranquilo e não está nem aí. Eu tenho que me preocupar José onde é que você vai? José onde é que você estava? José quando você fala aonde que você vai. Ontem mesmo, ele foi à igreja de noite. José você vem que horas? Oito e meia estou aqui. Deu nove horas e o menino chega. Falei: você falou que era oito e meia? É que fiquei aqui na porta olhando. O Marcos também enquanto não chegou não sosseguei. Tive que ligar e ver se já tinha saído. Não já saiu, então está bom deve estar chegando. E cadê? Isso ele chega não conversa e esquece de casa. Eu falei: está vendo nego se você não tivesse deixado eu não estava com essa preocupação toda. Nossa ele é um rapaz...

Pesquisadora: Ele quem?

Sujeito: O Marcos. Falei: é um rapaz mas a gente preocupa tem hora. Ele tem treze anos, mas não tem um pingão de idéia. Esses dias ele queria cinqüenta reais para ele ir a um passeio. Foi indo que até arrumou e foi. Falei: vai com Deus! E foi para São José do Passa Quatro. Passou quinta, sexta, sábado e domingo. Deus me livre! Trem horrível.

Pesquisadora: Como que é para você ter essa responsabilidade toda?

Sujeito: Difícil. Só para mim porque ele não tem responsabilidade de nada. Para ajudar olhar porque o negócio dele é se os meninos teimar é bater. Ele não chega, não senta vem aqui, deixa eu conversar um negocio com você não. O negócio é bater. Eu não, já chego vem aqui menino onde é que você estava? Esses dias mesmo falei: Marcos senta aqui. Ele sentou e falou: o que mãe? Ele escuta e fala o que tem que falar. O José do mesmo jeito e a Bianca quase não sai porque é menina mulher e tem que segurar mais um pouquinho.

Pesquisadora: Como que é?

Sujeito: Por ela ser menina mulher a gente tem que puxar um pouquinho. Ela só sai comigo. Não preocupo muito porque ela só sai comigo. Mas os outros que são homens...o José quer brincar de biloca toda hora e o Marcos incutiu com a namorada. Falei: oh Meu Deus! Ainda bem que terminou também. Oh benção! Terminou. Agora ele só fala em mulher, adolescência só fala em namorada. Hoje mesmo ele estava falando que ia atentar uma amiga dele na classe. Falei: então vai viu! Depois sua madrinha te dá uma advertência e você vai ver. Falei: pois é não fica esperto não. Ele pegou e falou: não mãe é que brinco demais com as meninas. Ele levou um mp4 para a escola e não vi ele levando. Resolvi ir ao colégio ver como ele estava. E falei: comadre como é que está o Marcos? Esses dias não estou tendo tempo de vir aqui. Ah comadre ele trouxe um mp sei lá das quantas para a escola e vai lá tomar dele na sala porque tenho medo de sumir. Falei: eu não sabia que ele estava com ele aqui. E ela: pois então! Foi bom a senhora ter vindo para tomar dele. Fui lá e tomei o negócio e eu não sabia. Ele pegou e levou escondido de mim e não vi. E falei: não pode Marcos você faz as coisas errada. Não eu falo mesmo porque pode sumir e é perigoso. Ele não, não existe isso não mãe.

Pesquisadora: Quantos anos você tinha quando casou?

Sujeito: Com esse aqui?

Pesquisadora: É

Sujeito: Estava com dezenove e ele com dezoito.

Pesquisadora: Você casou na igreja?

Sujeito: Não. Foi só junto mesmo. Só juntei os panos e até hoje. Já tem doze anos.

Pesquisadora: No dia assim... conta para mim como que foi a história, no dia que vocês resolveram a morar juntos. Como que foi? Se foi em conjunto? Como que foi?

Sujeito: Não. Cheguei e ele falou: Estou precisando de uma esposa para mim porque minha mãe já está de idade, velhinha! Falei: então está bom! Nós vamos pensar. Ele falou: então você vai. Eu falei: vamos conversar com meu pai e minha mãe, vem aqui para conversarmos. E fui para o serviço, de noite ele foi lá em casa me chamar e eu vim. A mãe dele chegou e falou: eu vou viajar fica aqui mais ele até eu chegar. Falei: para onde a senhora vai? Vou passear na chácara. Falei então está bom! Pode trazer o neném para cá. Fica aqui mais ele porque ele fica sozinho. E foi indo que ele falou: não vai no serviço não. Vai lá e pede conta. Porque ele não tinha ninguém para lavar roupa dele. A mãe dele já era de idade, tadinha... Peguei e falei: então está bom! Meu menino veio e ficamos aqui e eles foram para a chácara. Foi indo eles chegaram e falaram: Vocês pensaram? Peguei e falei: não sei tem que conversar com minha mãe primeiro. E conversei com minha mãe que falou: você quem sabe, minha mãe falou desse jeito. Eu não sei não, vocês dois é quem sabe. Falei: então está bom! Depende de você meu filho, minha filha se você achar que é certo. Porque é melhor do que você ficar com um e com outro. Namorando com um e com outro. Vê o que é bom e o que você acha melhor fazer. Fui pensando e pensando... Ah! Quer saber de uma coisa é o jeito eu ir. É enfrentar e vim. E a mãe dele quando chegou achou muito bom. Ela estava muito velhinha, de repente adoeceu, ficou muitos anos doente e veio a falecer, mas estamos até hoje junto. E ela não tinha aquela força mais para lavar roupa e ele que passava a

roupa dele. Ela não tinha aquele dom e falou que é muito pesada a roupa dele e não dava conta. Era tudo no tanque não tinha tanquinho. Ficava difícil para ela então eu ia lavando a roupa dele.

Pesquisadora: Aí você resolveu casar com ele?

Sujeito: Foi. A mãe dele falou: vocês não vão pagar aluguel não. Fica aqui mais a gente.

Pesquisadora: E como que foi para você de tomar essa decisão de morar junto com ele?

Sujeito: Como que foi?

Pesquisadora: É.

Sujeito: Foi difícil. Mas pensei também no meu filho, vou pensar o que é melhor para nós. Porque não vou ficar mesmo com o pai do Marcos. Não sabia onde que ele estava e falei: vou arrumar outro para mim que é melhor. Foi indo que veio morou e estamos morando junto até hoje. Não tem esse negocio de... De primeiro fomos duas vezes para casar, no civil e não deu certo. Sabe por quê?

Pesquisadora: Hum

Sujeito: Porque a mãe dele e a minha mãe legítima tinham que assinar. Foi indo que não tinha jeito e o juiz falou: quando vocês tiverem vinte e dois anos podem casar. E foi indo que a gente desleixo. Mas já foi duas vezes para casar e não tinha jeito. Minha avó era daquele pessoal antigo e dizia: vai casar porque se não vocês não vão registrar o neném. Porque de repente fiquei grávida. Oh! Vocês vão casar porque se não vocês não registram o neném. Ela tinha essa coisa engraçada! Falei: nunca vi essa, será se tinha

isso? Falei pensando sozinha. Tinha que casar para registrar o neném. E nós fomos duas vezes para casar e parece que foi um trem. Ele falou: ah não vamos parar com isso.

Pesquisadora: E você?

Sujeito: Eu falei: não então vamos porque não tem jeito mesmo. Minha mãe legítima estava no Norte. Eu não conhecia e não sabia quem era ela. Nunca nem tinha visto. O nego também não conhece a mãe legítima dele. Foi criado pela avó. Agora a gente ficar se martirizando para um trem que não acha os pais. Do lado dele não tinha jeito nem para o meu, então danou. Vamos ficar sem casar.

Pesquisadora: E você tinha vontade de casar no civil?

Sujeito: Tenho vontade de casar no civil. Agora dizendo ele que já até passou a vontade. Ele falou: o tanto que pejei e agora não deu certo, não dá certo mais. Falei: dá sim, um dia dá é só querer. Agora estamos tudo de maior é só casar. E ele: É mesmo. Ele falou que dava até descrença na hora que ia para casar.

Pesquisadora: Descrença como?

Sujeito: Descrença de ir atrás de novo, de casar.

Pesquisadora: Você falou que foi uma decisão difícil...

Sujeito: Foi demais. De a gente ir direto duas vezes e não conseguir. Falei: será se não é para casarmos? Talvez não seja. De repente não deu em nada para casar. Meu Deus do céu! Será se não éramos um para o outro. Fiquei pensando sozinha. Não deve ter sido porque duas vezes que vai para casar e não casa. Ele: não deixa para lá. Não fica nervosa não. E até hoje ele não conhece a mãe dele e eu não conheço meus pais só sei

que meu pai morreu já. Se fosse para casar agora podia, está todo mundo de maior. Agora é do lado dele que não quer. Ele fica dizendo que agora não quer.

Pesquisadora: Do lado dele como?

Sujeito: Que não quer casar mais. Dizendo ele que vivemos muito bem assim. Eu falei: é você quem sabe, está bom. Falei: Deus me livre, imagina nego se casarmos e não der certo. Fica pior porque vejo muita amiga minha que casa depois que junta e elas traem o marido. Eu acho um trem esquisito. Não sei o que passa na cabeça delas. Eu fico pensando porque cada um tem um jeito de ser.

Pesquisadora: Você acha que, igual você está falando das suas amigas que vivem juntas e depois que casaram...

Sujeito: Casou no civil traiu o marido.

Pesquisadora: O que você pensa disso?

Sujeito: Não eu acho uma falta de respeito. Então para que casou? Não sei se é um trem que atenta elas.

Pesquisadora: E se você chegar a casar com ele no civil?

Sujeito: No civil... Ah para mim se eu casar ou não casar... Nunca pensei essas coisas. Mas acho que a pessoa faz isso quando ela quer fazer. Dizendo elas que foi um trem que atentaram elas. Falei: nunca vi essa, trem atentar você. Não existe isso não.

Pesquisadora: O que você acha que existe?

Sujeito: Falta de vergonha. Para mim é falta de vergonha. É isso.

Pesquisadora: Você se considera casada?

Sujeito: Considero. Mais de que no papel. Me considero casada.

Pesquisadora: Como que é para você estar casada?

Sujeito: Eu estar casada? Se eu sinto bem?

Pesquisadora: É. Como você se sente estando casada? Como pessoa?

Sujeito: Me sinto bem. Melhor do que casada no papel.

Pesquisadora: Como você se sente?

Sujeito: Assim... como?

Pesquisadora: Como você se sente estando casada, com filho, cuidando da casa?

Sujeito: Me sinto bem. O jeito de cuidar dos filhos é muita responsabilidade. Com uma mãe só. Eu sinto muita responsabilidade para mim só. Porque me desgasto muito. Porque a gente tem que ter um tempo para gente, mas o tempo da gente é dos filhos e do meu marido. Tudo isso atinge... Esses dias mesmo não estou tendo tempo para mim, estou andando demais. Graças a Deus vou vencer! Daqui uns dias vou vencer.

Pesquisadora: Vencer o que?

Sujeito: O objetivo que a gente quer. Porque a neném veio cuidar, veio do Mato Grosso e estou ajudando a cuidar dela. Mas vamos vencer se Deus quiser! Porque o que a gente faz aqui Deus dá o dobro. Deus vai dar o dobro para nós. O que faço é para cuidar das perninhas dela e voltar ao normal. Porque ela é deficiente e o que eu fiz para ela aqui

Deus está vendo. Deus vai me dar a recompensa mais tarde. Porque a neném precisa de nós. Porque a pessoa que mora na roça fica difícil para poder locomover de lá, gasta muito.

Pesquisadora: Aí você não está tendo tempo para cuidar de você?

Sujeito: É. Porque a gente corre muito. Vai a um lugar, vai ao outro. Agente quase não está tendo tempo. Agora quando começar a por o aparelho vai ficando mais... até para a mãe dela vai ficar melhor.

Pesquisadora: Aí você vai cuidar de você?

Sujeito: Aí cuidamos, vou cuidar de mim.

Pesquisadora: Como você vai cuidar de você?

Sujeito: Eu sinto uma dor na barriga quero ir ao médico ginecologista. Vou ao salão fazer minha unha, meu cabelo. Isso tudo! Porque não estou tendo esse tempo para mim. As meninas que arrumam meu cabelo no salão fala: você não vai vir não? Que dia você vai vir? Falei: deixa eu ter mais um tempinho eu venho. Você fica parecendo boba! Esse tempo não vai sair não? Eu: vai tenha calma e paciência. Ela fica lembrando para mim. Ou você não vai se arrumar não? Ela não pode me ver.

Pesquisadora: E o que você pensa disso?

Sujeito: Disso?

Pesquisadora: É. De não ter tempo para se arrumar? De não ir ao salão?

Sujeito: O que eu penso disso? Eu penso que porque estou correndo demais indo para o médico. É porque eu tiro mais tempo para os meninos e esqueço. Vai indo a gente... É tanta tarefa, mas Deus há de ajudar de dar certo, vai da certo.

Pesquisadora: O que você imaginava que era o casamento? Qual era sua expectativa com relação ao casamento? O que você imaginava como que seria?

Sujeito: Eu imaginava de eu casar e ter minha casa, ter meus filhos e tudo. Porque antigamente eu ficava mais trancada. Eu pensava que a gente casada tinha um pouco de liberdade junto com o marido. Não é. Foi totalmente diferente. Pensava que ia ter liberdade e agora é mais serviço, mais filho, mais dedicação aos filhos e ao marido. Porque meu esposo é... Cada dia ele está ficando mais velho e embirrento. Ficando empacado. Eu pensava que o trem era melhor e está mais difícil. Mas graças a Deus está indo, vai levando a vida. Igual esses meninos, a gente pensa nos meninos no que esses meninos estão fazendo meu Deus? Onde é que eles estão? Preocupa a toa o Marcos é adolescente...

Pesquisadora: Você arrepende de alguma coisa?

Sujeito: Assim como?

Pesquisadora: Do namoro, do casamento?

Sujeito: Ah! Me arrependi de ter casado.

Pesquisadora: De ter casado?

Sujeito: De ter casado me arrependi. Meu Deus eu casei! Fico pensando, para que ter casado. Era para ter tido só um mesmo e pronto e deixado as águas rolar. Não vim

curtir. Meu esposo esses dias para trás, tem uns três meses falou: porque nós casamos? Ele falou para mim desse jeito. Sei lá, por mim não tinha nem casado.

Pesquisadora: Falou para ele?

Sujeito: É. Bobeira. Falei: porque você não lavava roupa, não pagava uma pessoa para lavar sua roupa. Eu falava para ele brincando. Não, não penso em casar não. Eu pensei em casar porque sua mãe falou e você falou. Ainda cheguei na minha mãe e falei: o que a senhora acha? E minha mãe falou: você quem sabe. Fiquei indecisa, porque a gente não pode dar palpite na vida do filho. Eles são quem sabem, são eles que vão escolher com quem vai ficar.

Pesquisadora: Mas você arrependeu de ter casado, juntado, morando junto?

Sujeito: Arrependi um pouco. De eu não sair, não passear, não ter uma diversão é nesse ponto que me arrependo. Nos outros pontos são bons, nos outros pontos não é.

Pesquisadora: Quais são os pontos bons?

Sujeito: De estarem os dois juntos. Eu junto com ele. O negócio de não passear acho ruim porque a gente não passeia. Estar junto é bom, mas esse negócio, por exemplo, no dia de folga dele não vamos passear. Ele não tem esse dom, de falar. O ruim é isso. Se eu quiser que meus filhos saiam eles tem que sair. Eu tenho que deixar eles saírem porque eu não saio. Os meninos falam: mãe eu quero sair, mãe eu quero ir em tal lugar e eu tenho que deixar. Por quê? Porque não saio. Eles não podem ficar presos por causa de mim.

Pesquisadora: E você acha que pode fazer alguma coisa para mudar isso?

Sujeito: Ah! Não acho não. Acho muito difícil ele mudar. Porque a pessoa tem de mudar dela mesmo. Não é eu mudar ele. Como é que vou mudar ele? Ele que tem que se mudar. Eu acho que é assim. Igual a mim e ele, por exemplo, se eu fosse embirrenta, como é que ele fazia para me mudar? Não tinha como. Eu tinha que me esforçar para me mudar. Eu mudar ele não tem como não. Ele tem que se esforçar porque eu mesmo... Tem hora que penso: meu Deus! Como é que ele vai mudar, ele não muda. Mas se não for dele, do coração dele não tem como não. Ele é birrento demais e sei que as coisas são difíceis. Depois que a gente tem filho muda muito. Quando não tinha meus filhos era totalmente diferente, depois que eu tive... Parece que não sei o que foi.

Pesquisadora: Como que era?

Sujeito: Parece que o amor passa tudo para os filhos. Que de primeiro ele falava: ah! Você só dá atenção para os meninos, para mim você não dá. Parece que eles tiram a atenção da gente que até esquecemos do marido e da mulher. Quando é do lado do marido. Menino tem hora que tira a atenção da gente porque nos preocupamos mais com eles. O amor parece que passa mais é para eles, não sei por quê?

Pesquisadora: Você acha que mudou quando você não tinha filho para depois quando você teve os filhos?

Sujeito: Mudou muito. Quando ele não tinha filho era totalmente diferente o jeito.

Pesquisadora: Como que era?

Sujeito: Era mais carinhoso, mais atencioso. Andava mas pouco. Tem vez que ia à Nova Esperança e voltava. Tinha dia que não demorava igual agora. Na casa das primas dele em Nova Esperança. Agora que eu demoro muito a sair. Eu acho engraçado, será

se é porque arrumou filho? Mas tem hora que penso que não sei por quê? Porque vejo minhas comadres que tem filho, elas saem para todo lado. O menino não empata em nada. Acho que vai indo da pessoa mesmo. Acho que filho não empata em nada não. É a pessoa mesmo. É ele mesmo que não quer. Passear para espairecer a cabeça. Porque ele mexe muito com telefone e com computador. E acho que mexe muito com a cabeça. A pessoa tem que descansar. Ele falou que é vinte e quatro horas o telefone tocando. Quando não é um é outro. Ele não tem sossego, ele falou que mexe muito com a mente. Falei: então está estressado. Por isso que ele fala em viajar um pouco. Porque ele falou que não quer nem saber de Nestlé. E quando estiver de férias não quer nem saber, vai desligar até o telefone dele. Para as meninas não ligar para ele. Que são as amigas que trabalham junto com ele. Porque tem vez que ele mal chega, ele senta no sofá ligam para ele. O povo não esquece não, fica só me ligando. Falei: porque você não fala que na hora que estiver em casa está descansando. É só falar não precisa ficar ligando para mim não. Ele não tem esse dom de falar. Falei: é porque você quer. Por isso que eles ligam. Quando não é no meu telefone é no celular dele. Eu falo para ele: não acredito não. Deitada na cama não acredito, tenho que levantar para atender aquele telefone. Tem hora que ele fala: não deixa tocar. E quando o telefone para de tocar o celular toca. E fica perguntando para ele como que é que é esse negócio aqui? E porque ele é o mais velho lá de dentro, ele fala.

Pesquisadora: Ele trabalha com o quê?

Sujeito: Ele pesa caminhão de leite, tira nota no computador. E o povo fica ligando como é que é essa nota aqui? Como é que faço com essa nota? Eu não sei como é que é. Então ele vai explicar como é que é. Esse número aqui como é que eu ponho esse número nessa nota? Ele: ah meu Deus! Só eu chegar vocês me aperreiam. Ele falou: não

é porque não estou dando conta de por direitinho. E se errar uma nota já dá problema e fica ligando. No dia que fui lá eles passavam ligando atrás dos rapazes e das moças também.

Pesquisadora: Você foi aonde?

Sujeito: No serviço dele. Eles ficavam ligando para casa das moças. Porque as meninas fizeram umas coisas erradas. Está vendo, só rolo que você me trás, só rolo. Agora o chefe vai brigar comigo. O nego falava: agora vai dar problema para nós. Porque chega neles e catraca mesmo. Fui lá visitar eles e estavam com esses problemas. Falei: meu Deus! Isso trás problema para você.

Pesquisadora: Qual sua opinião para o namoro de antigamente para o namoro de hoje?

Sujeito: Se é bom?

Pesquisadora: Sua opinião, como você acha que as pessoas estão namorando hoje para antigamente? Como você faz essa comparação?

Sujeito: Muito esquisito. É muito para frente o namoro. Muito relaxado e não respeitam. Porque vejo até na rua tem casal que abraça, que beija na frente de todo mundo. Eu acho estranho aquilo. Falta de respeito e tem vez que naqueles pontos tem muita gente. Casal que fica agarrando e beijando. Não respeita nem a sociedade. Porque a pessoa tem que respeitar. Porque sempre tem as horas da pessoa beijar e abraçar. Digo, por exemplo, quando a gente chega do centro e o marido está aqui, a gente chega e dá um beijo. Como é que você está? Como é que passou? Quando sai também dá um beijo e

tchau, fica com Deus! Ou se não vai com Deus! O meu jeito é esse. Cada um tem um jeito.

Pesquisadora: E com relação ao casamento, como você faz essa comparação? Do casamento de antes para o casamento de hoje?

Sujeito: Ah! Eu acho que o casamento de antes era assim: as moças não podiam se perder antes. Se perder tinha que casar e de hoje não. Quando a moça se perde no caso dos pais tem uns que falam: já se perdeu mesmo é só juntar e está bom. Acho que o de antigamente era melhor. Porque tem muita gente que gosta de criticar fala: ah! Não existe mais moça e não sei o que... Claro que existe. Eu tenho raiva de gente que fica criticando. Existe sim, não tem desse negócio de não existir mais moça não, existe sim. Depende da mãe saber cuidar e criar. Igual a gente tem filha, a mulher se forma tudinho. Se a gente continuar conversando com elas, dialogando com elas, explicando o que é certo e o que é errado ela vai dar uma moça boa. Futuramente arrumar um namorado, estudar, terminar os estudos. Mas tem moça que também não segue os conselhos dos pais. Depende da moça também. Igual a minha se eu criar ela de um jeito e falar: oh! Minha filha eu passei isso e não quero que você passe o que eu passei. Quero que você faça isso e aquilo. Para você não se arrepender depois e escolher uma pessoa certa. Estudar porque estudo é tudo. Se eu chegar e sair explicando isso para ela desde agora os sete anos até a adolescência ir conversando... Porque os psicólogos me ensinaram muito. Eu não sabia como que chegava na Bianca e conversava. Se estiver na hora de chegar nela e conversar. Eu não sabia chegar nela. E ele falou: não qualquer hora é hora. Você tem que conversar o que interessa a você e a ela. Você não pode é passar do limite. O que é certo e o que é errado, você tem que explicar para ela. Conforme os sete anos, os oito, nove... Você vai até aonde quer. Você vai explicando.

O problema dela é o ciúme, ela tem ciúme demais. Parece que ela é igual ao pai dela. Ela não aceita é um ciúme doentio. Ela tem um ciúme de mim.

Pesquisadora: E você tem ciúme do seu marido?

Sujeito: Ai Depende. Se tiver motivo. Acho que porque não brigo com ele. Porque não vejo motivo. Se for para o lado dele ele briga mais do que eu.

Pesquisadora: Você fala que não vê motivo. Motivo como?

Sujeito: De eu ver ele agarrando outra. Abraçando... Nunca vi isso. Mas tem homem que é assim: só da gente olhar eles acham que estamos interessadas. O meu é assim. Se eu olhar para um ele fala: o que você está olhando? Fala desse jeito para mim. Não estou olhando para você. Estou olhando para o homem ali. O que você está olhando para aquele homem? Fica desse jeito, parecendo besta. Eu falei: ah! Me esquece. Estou olhando nada de mais e não vai arrancar pedaço. Até mesmo aqui jogando truco está assim de homem e eu nem beiro porque se não vai me encher o saco de noite. Ele só deixa para me falar de noite quando a gente deita. Igual esses dias estava com um vestido preto ele falou: e esse vestido? Nossa você não sabe nem se sentar com o vestido. Olha o jeito que você sentou na sala. Falei: nossa! Nem vi. Ele falou: credo. Falei: credo não que você está é com ciúmes. Esse vestido não está curto. Você pode jogar isso fora. Falei: não jogo não. Deixa meu vestido aqui. Pode jogar Deus me livre! Esse vestido está muito esquisito. Falei: está nada você que está bobo. É por causa do negócio do ciúme. Falei: nossa! Eu pensava que você tinha mudado. Tinha tanto tempo que ele não brigava que eu falei: pensava que você tinha mudado. Mas não mudou nada. Voltou tudo do mesmo jeito. Pensava que estava descansada de enjoeira e de briga. Não, de repente o homem, saiu falando que eu tinha outro, que a roupa estava

curta. Eu fico aqui sofrendo e me dá uma raiva! Falei: não ou me esquece. Pelo amor de Deus para de brigar. E ele: não vou te esquecer não. Enquanto estiver em vida não vou te esquecer. Falei: mas vai indo eu perco minha paciência. Ele falou: porque é o ciúme não sou eu não. Sei lá como é que é. Muito esquisito. Ele falou: que dá um ciúme esquisito que ele vai chegando, vai falando, que vai rasgando a chita. Depois ele pára e pensa: o que eu falei não era eu não. Então foi quem se não foi você? Ele diz que parece que é um trem que me atenta. Vai lá e fala para ela. E fala só bobeira para mim. Só para ficar me martirizando. Vai indo eu fico puta de raiva e saio pisando para dentro de nervo. E ele fica parecendo um besta. Homem velho, besta, ciumento e nojento. Falei: você me esquece e faz de conta que não existo. Não, enquanto estiver vida não esqueço você não. Falei: então pode morrer. Me mata de raiva com coisa que não existe. Acho que é porque a família dele é de umas mulheres que trai o marido. As tias dele traem os maridos. Ele acha que sou da mesma laia. Mas não é assim não. Esses dias para trás a tia dele traiu o marido. Já tinha trinta de casado, traiu o marido. Uma senhora já de idade, falei: gente isso não existe! Os filhos tudo casado. Tem quatro rapazes em casa e fazer um trem desses com o esposo. Saiu de um melhor para pegar um pior, beberão e esquisito. Ele falou para mim: foi ela ir ao salão e arrumar o cabelo, arrumar unha, todo final de semana. Olha o que ela fez com meu tio. Falei: não, isso aí não vai ao caso não. A mulher se arrumar não tem nada a ver. Não é porque a mulher se arrumar vai trair o marido não. É para ela se sentir bonita para ele, não é para os outros não. É porque ela já tinha intenção de trair. Falei: eu vou ao salão e nunca te trai. E não passa na minha cabeça. Se você pensar que vou te trair está muito enganado. Porque no dia que eu não te querer, eu não te quero e vamos terminar tudo. O nosso relacionamento está acabado, não quero você mais. Eu falo de cara, não tem negócio de enganar ele. Não de jeito nenhum. Eu não acreditei quando o tio dele chegou aqui e falou para mim que não era

mentira. Falei: isso não existe. Ele: é verdade minha filha o que estou te falando. Não tio, não estou acreditando. Tive que ligar na Nova Esperança e perguntar minha comadre se era verdade o que aconteceu com meu tio. Aí que vim acreditar. Falei: nossa Deus! Uma velha daquela. E o nego: por isso que não confio em mulher. Nossa! Agora lascou, agora estou feita com o nego viu! Esses dias para trás a menina veio três vezes aqui fazer minha sobancelha. E ele estava aqui. A Márcia está aí? Vim fazer a sobancelha dela. A Márcia não tem dinheiro. Ele falou para a mulher. Não, depois ela me paga, não tem problema é coisa de mulher. Ela é uma pessoa muito boa para pagar e pode deixar que a gente se entende. Ela falou assim que acha que ele não gostou.

Pesquisadora: Ele tem ciúme de mulher também? De homem e de mulher?

Sujeito: É. É doentio o ciúme dele. De homem e de mulher. Ela falou que ficou tão nervosa.

Pesquisadora: Como que é para você ele ter esse ciúme de você? Como você se sente?

Sujeito: Ah! Eu acho que ele tem inveja. Acho que é. Porque de primeiro quando eu era solteira andava bonita, bem arrumada e o pessoal ficava olhando. Olhando para mim e conversando comigo. Brincando, aí eu acho que ele tem inveja. Por exemplo, você falar assim: vou arrumar um serviço e vou trabalhar. Acho que ele pensa assim.

Pesquisadora: Se você virar para ele e falar que vai trabalhar...

Sujeito: É. Nossa não ela vai andar muito bonita de novo. Ela vai mudar, ela não vai me querer mais. Acho que ele pensa desse jeito. Mas não é porque ele pensa não. Acho muita esquisita a atitude dele. Eu tenho raiva dele tem horas. Falei: meu Deus! Que

isso, não pode trabalhar, tem ciúme das minhas amigas que chegam aqui. Ela falou: ontem fui à sua casa três vezes. Você está correndo tanto. Falei: estou. Fui lá fazer sua unha e sua sobrancelha. Cheguei e seu marido estava lá e ficou nervoso comigo. Ele tem ciúme de você? Falei: tem demais. Nossa! Se eu soubesse não tinha nem conversado com ele. Tinha ido embora. Ele não falou para mim que ela veio aqui. Falei: amor quem veio aqui? Não amor, ninguém não. Você tem certeza? Sim, não veio ninguém não. Ligaram no meu celular e ele atendeu. Até hoje ele não falou quem ligou para mim. Falei: nego quem ligou para mim? Não, ninguém não. E tem o número aqui e eu ligo e não atende. Falei: meu Deus! É doido. Você está é doido.

Pesquisadora: Você tem vontade de trabalhar fora?

Sujeito: Tenho demais. Antes não trabalhava por causa dos meninos que era tudo pequeno. Mas eu tenho vontade.

Pesquisadora: O que você acha das mulheres que cuidam da casa e tem um emprego? Que trabalham fora? Que tem uma dupla jornada?

Sujeito: Ah! Eu acho bom. O jeito delas ajudarem o marido. Quando ela não tem e quando ele não tem o dinheiro ela tem assim sabe... Eu acho muito bom o jeito. Mas o daqui não consente.

Pesquisadora: E como é isso para você de ele não consentir?

Sujeito: Ignorância demais. Não aceita.

Pesquisadora: Como você acha que a sociedade vê a mulher hoje? O papel dela?

Como você acha que a sociedade vê a mulher?

Sujeito: A sociedade vê a mulher... Eu acho que maltrata, machuca muito a mulher.

Pesquisadora: Como assim?

Sujeito: Ela discrimina muito a mulher. A mulher não tem direito a nada, a mulher não pode trabalhar. A mulher não pode se arrumar. Muito esquisito.

Pesquisadora: Como que é essa discriminação?

Sujeito: Não ter direito a trabalhar. Por exemplo: vou trabalhar, sair para trabalhar e os homens acham que a mulher vai trair. Mais não é. Eu falei para o meu esposo: será se suas amigas traem o marido delas? As que trabalham. Será? Acho que ele pensa desse jeito. Porque tem mulher direita também. Tem mulher que trai, mas tem muita mulher direita. Não passa na cabeça nada. Deus me livre! Não o trem é esquisito mesmo.

Pesquisadora: Você acha que a mulher pode fazer alguma coisa para mudar isso?

Sujeito: Ah! Não sei. Porque mudar homem. A mulher mudar o homem?

Pesquisadora: Não assim a mulher mudar o papel dela na sociedade?

Sujeito: Ah! Tem jeito. Ela mesma tem que mudar é o jeito. Acho que porque tem mulher que trai e eles acham que todas traem. Isso não existe! Não são todas as pessoas que trai não.

Pesquisadora: E você acha que a sociedade pensa assim?

Sujeito: Pensa não. Eles pensam tudo o contrário. Aquilo ali não presta aquilo ali é uma vagabunda. Fala desse jeito. Mais não é. Igual a mulher que é casada, a gente tem que se fechar mais. A gente tem que fazer de conta que não escuta as conversas. A gente

pode ser até casada que o pessoal está falando. A inveja está demais. Muita coisa a gente não pode e as pessoas ficam comentando com as outras. Fica difícil, o negócio também é a discriminação que eles têm pelas mulheres, é demais, é despeito.

Pesquisadora: Fale para mim dessa discriminação?

Sujeito: Falta de respeito. Por exemplo, será se os homens pensam em trair e acha que a mulher trai? Ou se não eles já traem e a gente pensa que não. Acho que é porque eles traem que pensam isso. Eu acho porque ficar pensando vinte e quatro horas que a mulher trai ele. Eu acho que eles traem.

Pesquisadora: Você acha isso uma discriminação?

Sujeito: É. Demais, esquisito.

Pesquisadora: Antes de você ter sua primeira relação sexual. Você ficava pensando, imaginando como seria?

Sujeito: Ficava.

Pesquisadora: O que você pensava, fale como é que era?

Sujeito: Eu ficava pensando... Será se isso é bom. Será se isso é bom meu Deus! Ou não. A gente fica pensando: será se vou me arrepender? Eu ficava pensando essas besteiras. Aí foi indo que...

Pesquisadora: Quando aconteceu o que você achou? O que você sentiu?

Sujeito: Bom. Senti bem, mas não pensava que ia entrar nessa discriminação que tem hoje. Essa falta de respeito porque eles não têm respeito pelas mulheres. Tem homem

que não tem respeito pelas mulheres. Acha que tudo é assim, para Deus dar. Eles acham que as outras da rua, as mulheres casadas são dadas.

Pesquisadora: Mas como foi sua primeira relação?

Sujeito: Me senti bem. Me senti bem.

Pesquisadora: Você viu que era o que imaginava? Como que era?

Sujeito: É eu senti bem. Mas não passava pela minha cabeça de hoje. Foi bom. A primeira não achei nada de mais não. Achei bom e tranqüilo.

Pesquisadora: E hoje com o seu marido. Como que é que é?

Sujeito: Bom! Acho que é porque a gente gosta. Ama demais, está bom. A gente gosta demais, ama demais, parece que está no céu! Está em mil maravilhas! Só as coisas de casa, os problemas de casa que a gente fica meio... Mas no relacionamento está bom.

Pesquisadora: Como você se sente como mulher hoje? Você fazendo uma retrospectiva da sua vida. Você tendo essa transformação, passando pela adolescência, começando a namorar, casando tendo filhos. Como que é para você ser mulher hoje? Com toda a sua experiência de vida?

Sujeito: Vixe Maria! É uma responsabilidade muito grande. Muito grande. Meu Deus! Que responsabilidade e acho ruim.

Pesquisadora: Ruim como assim?

Sujeito: Porque os problemas vêm tudo para mim dentro da minha casa. Podendo cada um ter seus problemas. Mas não, joga tudo para cima de mim. Tenho que resolver tudo

eu acho ruim. Tudo é para mim, tudo eu sei fazer, tudo fala: você sabe. Você sabe fazer, você sabe andar, você sabe... E eu sei mesmo. A responsabilidade fica tudo para mim, eu acho ruim só isso.

Pesquisadora: Ser mulher para você então é isso?

Sujeito: É. Porque homem é tranqüilo. Está lá no serviço dele trabalha e vai embora. Toma banho, come e vai dormir. A mulher não. Passa dias e dias, de manhã ela tem que acordar e fazer café. Dar lanche e cuidar de menino. Levar menino para o colégio e depois trazer. E o homem fica aqui sentado. O nego mesmo fica aqui sentado. Ele não fala: amor deixa eu levar os meninos para o colégio hoje. Não sou eu.

Pesquisadora: E como você se sente como mulher?

Sujeito: Como mulher?

Pesquisadora: É.

Sujeito: Não sinto nada de mais não. Acho ruim por causa da responsabilidade que é demais. É chato ser mulher.

Pesquisadora: É chato ser mulher?

Sujeito: É. Eu acho. Falo: será se eu fosse homem era melhor? Achava que se fosse homem era melhor. Porque mulher sofre muito. Tem mulher que sofre. Deus me livre! Sofre demais. Deus me livre!

Pesquisadora: O que você acha, a sua opinião para a mulher de antigamente para a mulher de hoje?

Sujeito: Ai a mulher de antes era mais... Morando na roça. Acho que a vida delas era melhor do que as de hoje. Elas eram mais respeitadas e os maridos tinham mais confiança na mulher. Minha avó mesmo falava: a casa dela era cheia de homem, seu avô nunca teve ciúme de mim. Conversava demais e eu amparava. Tem filho que não tive, mas criei. Tinha menino que criei e está tudo homem, tudo rapaz, tudo casado. Minha avó mesmo falava. Seu avô saía e trabalhava não sei quantos dias para a fazenda e eu ficava com esse monte de homem só eu de mulher. Para dar comida, fazer almoço, fazer janta, dar lanche. Tudo era eu e ainda fazia comida para peão.

Pesquisadora: E como você vê a mulher de hoje?

Sujeito: Hoje. O homem se deixar, por exemplo: a esposa aqui dele em casa. Se estiver um monte de homem aqui ele fala que a mulher está traindo. Que a mulher está dando para o homem. Homem só pensa besteira. E quer que a gente fale uma coisa que não aconteceu. E ele quer que a gente fale. Eu mesmo, falei: Deus me livre! A mulher de hoje é discriminada demais. Minha avó falava: não tinha esse ciúme não. Esse ciúme besta nem meu avô tinha. Minha mãe falava quando ela morava na roça meu pai que era custoso que só vivia em bagunça, em mulherada. Minha mãe ficava em casa e toda vida respeitou ele. E só ele que traía ela. Ele não a respeitava em nada. Até que Deus levou... E ela está nova ainda, esperta, vai para todo lado. Não quer homem mais. O último foi ele e está bom.

Pesquisadora: Você está satisfeita?

Sujeito: Estou.

Pesquisadora: Com a vida que você tem? Com os filhos, marido?

Sujeito: Estou. Só igual te falei. Ele que tem que mudar eu não. Ele muda que vamos em frente. Ele tem é que mudar, o ciúme, a ignorância, mas está bom.

Pesquisadora: Tem alguma coisa que eu não te perguntei que você queira me falar?

Sujeito: Não. Tem não.